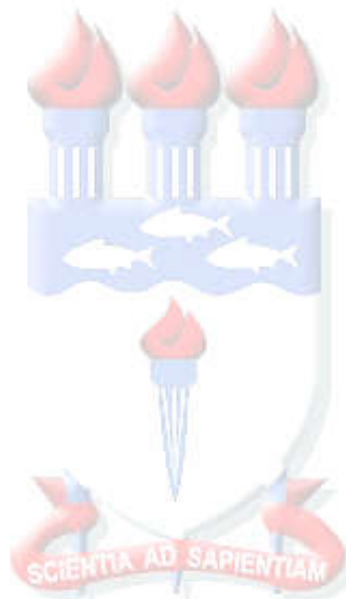




**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**



Mayara Gomes de Oliveira



Dissertação apresentada, como requisito para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Alagoas. Área de Concentração: Organização do Espaço Geográfico

Linha de Pesquisa: Organização Socioespacial e Dinâmicas Territoriais

Orientador: Prof. Dr. Antonio Alfredo Teles de Carvalho

Maceió  
2018

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale – CRB4 - 661

O48t Oliveira, Mayara Gomes de.  
Território, violência e medo em Pilar- Alagoas : uma análise a partir dos  
homicídios registrados no período de 2010 a 2014 / Mayara Gomes de Oliveira. –  
2018

114 f.: il. color.

Orientador: Antonio Alfredo Teles de Carvalho.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas.  
Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente. Maceió, 2018.

Bibliografia: f. 103-108.

Apêndices: f. 109-110.

Anexos: f. 111-114.

1. Geografia social. 2. Violência urbana – Pilar (AL). 3. Medo social. 4. Tráfico  
de drogas. I. Título.

CDU: 911.3:316.624.2(813.5)

Mayara Gomes de Oliveira

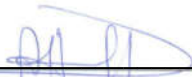
**TERRITÓRIO, VIOLÊNCIA E MEDO EM PILAR – ALAGOAS: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS HOMICÍDIOS REGISTRADOS NO PERÍODO 2010/2014**

Dissertação apresentada, como requisito para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Alagoas. Área de Concentração: Organização do Espaço Geográfico

Linha de Pesquisa: Organização Socioespacial e Dinâmicas Territoriais

Aprovado em 18/05/2018

Banca Examinadora:



---

Prof. Dr. Antonio Alfredo Teles de Carvalho  
IGDEMA – UFAL (Orientador)

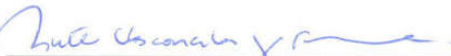
Assinatura:



---

Prof. Dr.ª Maria Francineila Pinheiro dos Santos  
IGDEMA – UFAL (Examinadora Interna)

Assinatura:



---

Prof.ª Dr.ª Ruth Vasconcelos Lopes Ferreira  
ICS – UFAL (Examinadora Externa)

Maceió  
2018

## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao Deus Trino e Uno, Ser supremo, Pai de misericórdia e Senhor da minha vida. Agradeço também a toda a minha família por sempre estar ao meu lado e me incentivar a superar os desafios; aos meus amigos e companheiros de profissão por dividirem comigo cada momento de aprendizagem; aos meus professores que escreveram comigo cada página da minha história. A Universidade Federal de Alagoas, ao Campus do Sertão onde obtive graduação e ao Campus A.C. Simões/Maceió onde realizei o sonho do mestrado. Aproveito para agradecer a direção do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente – IGDEMA, pela seriedade no processo seletivo e pela oportunidade a mim confiada em 2016. Ao meu professor e orientador Antonio Alfredo pela atenção, paciência e sabedoria com que conduziu cada etapa desta pesquisa; aos diretores, professores e alunos das Escolas Estaduais Valdecy Gomes de Vasconcelos; Professor Arthur Ramos e a Escola Oliveira e Silva, pela receptividade e valiosa contribuição durante o desenvolvimento deste trabalho; e um agradecimento especial cabe a Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Alagoas – FAPEAL, pelo fomento dado para a realização da minha pesquisa desde os primeiros meses. A todos e a cada um que contribuiu direta ou indiretamente para a realização dessa jornada, os meus sinceros agradecimentos.

Dedico este trabalho a memória de duas mulheres que vieram ao mundo antes de mim e que já se foram, mas que durante a vida me ensinaram a ser forte e a lutar pelos meus objetivos, minha mãe Maria Rejane e a minha avó Creuza. Dedico também ao meu companheiro, amigo e amor Diego Moraes e a sua família que me acolheu na cidade de Pilar. As minhas irmãs Magna Gomes e Mairí Gomes que me ajudaram durante o processo de pesquisa. Por fim, aos meus companheiros de profissão e alunos das Escolas Estaduais Oliveira e Silva e Ana Lins, que foram fundamentais em vários momentos deste trabalho.

Jamais houve na história um período em que o medo fosse tão generalizado e alcançasse todas as áreas da nossa vida: medo do desemprego, medo da fome, medo da violência, medo do outro.

Santos, 2000, p. 58.

OLIVEIRA, Mayara Gomes de. **Território, Violência e Medo em Pilar – Alagoas: uma análise a partir dos homicídios registrados no período 2010/2014**. 2018. 113 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, 2018.

---

RESUMO: No mundo atual, investigar e refletir sobre a violência em qualquer uma das suas tipologias, parece estar se tratando de algo natural, haja vista a sua banalidade. Por conseguinte, ninguém está livre desse fenômeno. Nessa perspectiva, buscou-se na dissertação ora apresentada, analisar a dimensão territorial da violência e do medo que dela emana, na cidade de Pilar – Região Metropolitana de Maceió (RMM), a partir dos homicídios registrados no período 2010/2014. Nesse interstício, por três vezes, Pilar liderou os índices de homicídios no estado de Alagoas, conforme revelam as edições 2011, 2014 e 2015, do Mapa da Violência no Brasil, organizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso-Brasil), Instituto Sangari e demais instituições parceiras. Entretanto, tomou-se como referência as duas últimas edições (2015 e 2016), que trazem os levantamentos mais recentes e abrangem os homicídios por armas de fogo nos municípios com mais de 10.000 habitantes entre 2010 e 2014. Através dos números analisados, da pesquisa documental realizada e dos questionários aplicados, mais a pesquisa bibliográfica que os antecedeu, foi possível constatar que os elevados índices de violência, bem como a insegurança e o medo, se fazem sentir intensamente no cotidiano da população. Assim, parte dos cidadãos tenta se proteger aderindo aos espaços residenciais fechados e protegidos com equipamentos técnicos que lhes transmitem a sensação de segurança. Portanto, supostamente livre dos atos violentos e dos homicídios resultantes, sobretudo das disputas entre os traficantes de drogas e facções criminosas, seja pela manutenção, seja pela conquista de novas territorialidades. Por conseguinte, alterando a configuração do território pilarense.

Palavras-chave: Pilar, território, tráfico, violência, medo.



OLIVEIRA, Mayara Gomes de. **Territory, violence and fear in Pilar - Alagoas: an analysis based on the murders recorded in the 2010/2014.** 2018. 113 F. Dissertation (Masters in Geography) – Federal university of Alagoas, Maceió, AL, 2018.

---

**ABSTRACT:** In today's world, investigate and reflect about violence in any typologies seem natural, given its banality. Therefore, no one is free from this phenomenon. In this perspective, it was sought to analyze the territorial dimension of violence and fear emanating from the city of Pilar - Metropolitan region of Maceió (MRM), based on the murders recorded in 2010/2014. In this interval, for three times, Pilar led the homicide indices in the state of Alagoas, as revealed in the 2011, 2014 and 2015 editions, by Map of Violence in Brazil, organized by the Latin American Faculty social Sciences (FLACSO-Brazil) Sangari Institute and other partner institutions. However, it was chose as reference the last two editions (2015 and 2016), which present the most recent data collection and cover the homicide by firearms in municipalities with more than 10,000 inhabitants between 2010 and 2014. Through the analyzed numbers, the documentary research made and questionnaires applied, added the bibliographic research that preceded them, it was possible to verify that the high rates of violence, as well as insecurity and fear, its felt intensely in the daily lives of the population. Thus, some of the city's citizens try to protect themselves by adhering to closed residential spaces and technical equipment that gives them a sense of security. Therefore, supposedly free from violent acts and resulting homicides, especially from disputes between drug traffickers and criminal factions, either for maintenance or for the conquest of new territorialities. Therefore, changing the configuration of the Pilarenses territory.

**Keywords:** Pilar, territory, drug traffic, violence, fear.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01</b> - Mortalidade proporcional por causas externas segundo subgrupos específicos no Brasil em 1991 e 2000.....	25
<b>Gráfico 02</b> - Taxas de Homicídios por área. Alagoas 1980/2010* .....	26
<b>Gráfico 03</b> -Trabalhadores formais, informais e desempregados (em 200) entre 18 e 56 anos .....	28
<b>Gráfico 04</b> - Sentimento de insegurança no bairro (em 200) .....	30
<b>Gráfico 05</b> -Impressão que a população tem acerca da segurança dos condomínios. Reside em condomínios?.....	48
<b>Gráfico 06</b> - Impressão que a população tem acerca da segurança dos condomínios. A vida é mais segura dentro ou fora dos condomínios? .....	48
<b>Gráfico 07</b> -Elementos de segurança mais utilizados nas residências dos 200 alunos	49
<b>Gráfico 08</b> – Horário mais perigoso para transitar pelas ruas do bairro .....	79
<b>Gráfico 09</b> – Mortes por causas externas no município de Pilar no período de 2010 a 2014 .....	82
<b>Gráfico 10</b> – Divergência entre a quantidade de mortos em Pilar no período de 2010 a 2014, com base em diferentes fontes de informação .....	84

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01</b> - Evolução das taxas de homicídios nas unidades federadas referente à população total e a população de jovens no período de 1989 a 1998 .....	22
<b>Quadro 02</b> - Renda, Pobreza e Desigualdade - município de Pilar/Alagoas .....	27
<b>Quadro 03</b> - Manchetes dos crimes que mais repercutiram em Pilar no período de 2010 a 2014 .....	52
<b>Quadro 04</b> - Quantidade de homicídios registrados nas áreas de atendimento dos PSFs .....	86

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figuras 01 e 02</b> - Exposição na rede social da situação de violência em Pilar.....	34
<b>Figura 03</b> - Quantitativo de homicídios registrados pela Secretaria de Segurança Pública de Alagoas entre 2010 e 2014.....	35
<b>Figura 04</b> – Localização dos espaços residenciais fechados em Pilar-Alagoas .....	39
<b>Figura 05</b> – Principais fluxos globais de cocaína.....	44
<b>Figura 06</b> – Localização dos Condomínios, Vilas e Residenciais horizontais fechados na Chã do Pilar .....	46
<b>Figura 07 a 12</b> – Diálogos sobre a violência em Pilar através do aplicativo WhatsApp .....	54
<b>Figura 13</b> – Localização da Travessa Miguel Macedo.....	65
<b>Figuras 14 A e 14 B</b> – Vila Santa Rita.....	73
<b>Figuras 15 A e 15 B</b> – Condomínio anônimo localizado na Rua Rubens Canuto ....	73
<b>Figuras 16 A, 16 B e 16 C</b> – Cartazes sobre tipos de violências que podem ocorrer dentro e fora dos condomínios .....	76
<b>Figura 17</b> – Mapa de localização das regiões de atendimento dos PSFs da cidade de Pilar .....	85
<b>Figura 18</b> – Rua do Forno, comunidade atendida pelo PSF 12 (Forno I) .....	87
<b>Figura 19</b> – Rua São José.....	88
<b>Figura 20</b> – Rua da Paz.....	88
<b>Figura 21</b> – Praça central da comunidade do Padre Cícero .....	89
<b>Figura 22</b> – Manchete sobre a violência no município de Pilar .....	90
<b>Figura 23</b> - Avenida Edite da Conceição Carvalho .....	91
<b>Figura 24</b> – Equipamentos de segurança nas residências da Orla Lagunar de Pilar ... .....	94
<b>Figura 25</b> – Conjunto Jorge Barros.....	94
<b>Figura 26</b> – Apreensão da arquitetura do medo da violência na visão de um aluno.....	97

## LISTA DE SIGLAS

CID – Classificação Internacional de Doenças

CV – Comando Vermelho

DP – Delegacia de Polícia

DEIC – Divisão Especial de Investigação

EEOS – Escola Estadual Oliveira e Silva

EEPAR – Escola Estadual Professor Artur Ramos

EEVGV – Escola Estadual Valdecy Gomes de Vasconcelos

HAF – Homicídio por Arma de Fogo

LDB – Leis de Diretrizes e Bases da educação

PCC – Primeiro Comando da Capital

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PCN+ – Parâmetros Curriculares Nacionais + Ensino Médio

PCNEF – Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental

PCNEM - Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio

PSF – Posto da Saúde da Família

RMM – Região Metropolitana de Maceió

## SUMÁRIO

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

<b>1. CAPÍTULO: Território e violência em Alagoas</b> .....	17
1.1. Território, poder e violência .....	18
1.2. Território e territorialidades do medo e da violência em Pilar.....	27
1.3. Os índices de violência em uma pequena cidade da RMM.....	32
1.4. O medo da violência homicida .....	36
<b>2. CAPÍTULO: A violência homicida no município de Pilar – 2010/2014</b> .....	41
2.1. Uma indústria do medo e da violência.....	42
2.2. Banho de sangue em Pilar: a repercussão para além do território alagoano – os homicídios na mídia digital .....	50
2.3. Os homicídios em Pilar a partir dos inquéritos policiais.....	58
<b>3. CAPÍTULO: Análise territorial da violência homicida</b> .....	68
3.1. A violência como tema gerador de discussões em sala de aula .....	69
3.2. Medo da violência e evasão escolar.....	78
3.3. Um mapa para a violência em Pilar .....	82
3.4. Reflexos da violência no cotidiano da população pilarense .....	93
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	98
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	103
<b>APÊNDICES</b> .....	109
<b>ANEXOS</b> .....	111



*Considerações Iniciais*

Desenvolver uma investigação sobre a violência em qualquer uma das suas tipologias, parece estar se tratando de um fenômeno natural, dada sua banalidade no mundo atual. Com efeito, nesse mundo, ninguém está livre de fenômenos violentos, especialmente nas periferias do capitalismo, onde as políticas de segurança se mostram ineficientes, quando não, inexistentes e, conseqüentemente, o medo impera. Trata-se de um fenômeno que não se restringe a esfera da segurança pública, pois envolve outras esferas sociais como a saúde pública, por exemplo, uma vez que as mortes por causas externas, classificadas pelo CID-10 são as principais causas de morte da população.

Não por acaso, o Ministério da Saúde oferece dados relevantes para este estudo, visto que, 609 mortes foram registradas no período de 2010 a 2014, no município de Pilar por causas externas. Neste mesmo período, o município registrou 195 homicídios que resultaram em 204 mortes que lhe conferiram o título de município mais violento do estado de Alagoas por três vezes. Assim assinala o Mapa da Violência do Instituto Sangari e da Faculdade Latino Americana no Brasil, nas edições publicadas nos anos de 2011, 2014 e 2015, com levantamentos dos índices de homicídios realizados no período de 2006 a 2012. Porém, buscou-se aqui, trabalhar as duas últimas edições dos mapas divulgados em 2015 e em 2016.

Nessa perspectiva, buscou-se desvendar como esses índices de violência tão expressivos, bem como o medo e a insegurança, se refletem no cotidiano da população e assim entender e analisar a dimensão territorial da violência no estado de Alagoas, a partir do município de Pilar, integrante da Região Metropolitana de Maceió (RMM), distando pouco mais de 40 km da capital. Em 2010 a sua população era da ordem de 33.312 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, distribuída entre a zona urbana e rural, com maior densidade no perímetro urbano onde é banhado pelo rio Paraíba do Meio e pela Lagoa Manguaba.

O trabalho está organizado em três capítulos. No capítulo inicial é desenvolvida uma discussão acerca da categoria geográfica que norteia as reflexões e análises realizadas a partir de autores como Friedrich Ratzel, Claude Raffestin, Marcelo Lopes de Souza e Rogério Haesbaert. Esta discussão possibilitou melhor apreender a indissociabilidade existente entre território e poder, e dessa forma,



desvelar a formação das territorialidades da violência existentes no município de Pilar, bem como, os elevados índices de violência homicida que vem marcando o mesmo nos últimos anos e, a consequente sensação de insegurança e medo que tomou a sua população.

O segundo capítulo tratada análise da violência homicida no município de Pilar, mostrando o apelo midiático dos telejornais e da mídia digital como um importante meio de transmissão de informação que contribui para aumentar a sensação de medo da violência. Neste capítulo, ainda é possível encontrar as análises de dez inquéritos policiais de homicídios ocorridos no período de 2010 a 2014, em sua grande maioria, relacionados ao tráfico de drogas.

No terceiro capítulo a violência e o medo no município são analisados à luz de uma perspectiva territorial com um grupo de 200 alunos de três escolas públicas estaduais localizadas no município, onde buscou-se discutir a violência sob as óticas estrutural, simbólica e interpessoal. Dessa forma, foi possível entender como a violência influencia o cotidiano da população que reside nas áreas mais acometidas por esse fenômeno e assim, elaborar o mapa da violência homicida de Pilar produzido a partir dos dados da Secretaria Municipal de Saúde, da 23ª Delegacia Policial de Pilar e dos questionários aplicados junto a esse grupo de 200 alunos.

A violência em Alagoas não é um fenômeno recente, mas um fenômeno que se renova constantemente. As lutas sangrentas pelo domínio do território remontam a outros tempos. Contudo em tempos recentes, o acelerado crescimento do tráfico de entorpecentes em municípios como Pilar, associado a falta de políticas públicas inclusivas para jovens que quando não vivem na ociosidade, estão à serviço de tal prática, tem sido decisivo para o aumento da violência.



*Capítulo 1*

*Território e violência em Alagoas*

## 1.1 Território, poder e violência

Por buscar-se na presente pesquisa entender e analisar a dimensão territorial da violência no estado de Alagoas, tomou-se como ponto de partida a compreensão do território. Certamente, o alemão Friedrich Ratzel foi pioneiro na elaboração de uma teoria sobre o território na geografia. Para ele, o território compreendia ao resultado de um processo de apropriação de uma porção de terra por um grupo social. Os interesses do Estado Alemão e a suas políticas expansionistas, fizeram com que Ratzel concebesse o território como um espaço necessário para a vida em sociedade, cuja ocupação resultaria na geração de raízes e identidades. Nessa perspectiva, um grupo não poderia ser compreendido sem o seu território, logo a identidade sócio-cultural dos indivíduos estaria ligada aos atributos do espaço concreto em que viviam (natureza, patrimônio arquitetônico, “paisagem”), assevera Souza (2014, p. 84).

Não existia para Ratzel, uma compreensão de território que se distanciasse da ideia de poder, posse e dominação do espaço. O território representava vida, sem ele, o Estado e a sociedade não poderiam existir. Perceba-se dessa forma que para ele o território, é o território do Estado-Nação, marcado por relações de poder e também de histórias e identidades, enraizadas contraditoriamente no solo pátrio que foi apropriado, ocupado e dominado por meio das relações, não raramente, violentas.

As relações de poder também estão presentes nos discursos de Raffestin (1980). Para este autor, o território se forma a partir do espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço que pode ser compreendida como apropriação de uma porção da superfície terrestre. Em conformidade com Raffestin, Souza (2014, p. 96), afirma que “o espaço é anterior ao território”, porém discorda quando percebe que Raffestin “coisifica” e “reifica” o território, ao incorporar ao conceito o próprio substrato material – vale dizer, o espaço social, como se o espaço fosse reduzido ao espaço natural e o território fosse dado como sinônimo de espaço social. Destaca ele que

[...] sempre que houver homem em interação com um espaço, primeiramente transformando a natureza (espaço natural) através do trabalho, e depois criando continuamente valor ao modificar e retrabalhar o espaço social, estar-se-á também diante de um território, e não só de um espaço econômico: é

inconcebível que um espaço que tenha sido alvo de valorização pelo trabalho possa deixar de estar territorializado por alguém.(SOUZA, 2014, p. 96).

A importância material que Raffestin imprime sobre o território, fica evidente ao explicar o mecanismo de transformação do espaço em território, expondo o processo de organização do território nacional e dos fluxos que são construídos, rodovias, canais, estradas de ferro e outros. “É a perspectiva de onde visualiza-se o território como um espaço onde se projetou um trabalho, ou seja, energia e informação, e que, por consequência disso, revela as relações marcadas pelo poder” (RAFFESTIN, 1980, p. 143).

Assim, o território é visto como um substrato criado a partir do espaço, “O espaço é a “prisão original”, e o território é a prisão que os homens constroem para si”.(RAFFESTIN, 1980, p. 143).O território não poderia ser nada mais que o produto dos agentes sociais a partir da realidade inicial que é o espaço. (RAFFESTIN, 1980, p. 7). Contudo, a dinâmica do território não permite vê-lo simplesmente como produto acabado, além disso, ele é produtor e produto que se transforma e evolui de acordo com as necessidades da sociedade que nele se desenvolve e se relaciona.

Souza (2014 p. 106) compreende o território através de dois elementos essenciais: o espaço e o poder. O espaço por anteceder o território e, o poder por ser a representação do processo de apropriação. Desse modo, o território é conceituado como um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder. Uma análise insuficiente, uma vez que, o território permanece em solo, porção da superfície, sinônimo de poder, força e resistência, trunfo individual ou coletivo que não leva em consideração as identidades e o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence.(SANTOS, 2006, p. 14).

Entender o território exige o conhecimento do seu processo de formação e considerar os diferentes agentes que se organizam e nele agem. A propósito, analisando o território alagoano, Craveiro Costa (1983) expõe relatos de lutas e resistências dos nativos desde quando o território alagoano pertencia à Capitania de Pernambuco.

O crescimento econômico com a exploração do sul da capitania de Pernambuco, alcançou o território que hoje pertence a Alagoas. Os engenhos de açúcar e a criação de gado começaram a formar a base econômica da sociedade

alagoana, a atividade agrícola, foi inicialmente determinada pela distribuição de sesmarias<sup>1</sup>, destaca Carvalho (2016, p.16). Sob o ônus do povoamento para a exploração das terras, os primeiros burgos foram se formando como focos de irradiação do território alagoano. Nesse sentido,

É possível admitir-se que haja partido de três focos iniciais o povoamento do território alagoano. Um assentou no norte, e teve Porto Calvo como núcleo de irradiação. O segundo situa-se no centro do litoral e se desenvolveu em torno das lagoas, que deram nome ao povoamento inicial: Alagoas ou Alagoa de Sul e Alagoa do Norte. Prolongou-se pelo Vale do Mundaú, a cujas margens assentaram os fundamentos da economia local: os engenhos de açúcar. O terceiro foco situou-se ao sul; Penedo é o seu centro de expansão.(DIÉGUES JR., 2012, p. 43).

A necessidade humana da convivência em sociedade foi o argumento utilizado por Costa (1983, p. 26) para explicar os caminhos que conduziam aos núcleos maiores que levavam do centro para o litoral as produções agrícolas e da orla marítima para o sertão o socorro das armas. Do Sertão ao Litoral, as terras, as armas e os escravos estavam sob a vara do senhor do latifúndio. Desse modo, o território alagoano foi desenhado pelos movimentos de disputa e ocupação. Carvalho (2016, p. 11), relaciona este período com a luta contra a presença francesa no litoral, a guerra de extermínio aos indígenas, a resistência aos holandeses e a mobilização contra o quilombo dos Palmares (que ofereciam riscos aos colonizadores portugueses) foram superados a todo custo. Muitos pagaram com a própria vida (Calabar e Zumbi dos Palmares) por acreditar que era melhor morrer que submeter-se à coroa portuguesa.

Logo Alagoas deixou de ser apenas o sul de Pernambuco, e recebeu o *status* de comarca em 16 de setembro de 1817. Nesta época, o território era composto por seis freguesias próximas ao litoral: Porto Calvo, Penedo, Alagoas, São Miguel dos Campos, Santa Luzia do Norte e Matriz do Camaragibe, segundo Carvalho (2016, p. 22).

Nessa perspectiva, compreende-se que a formação do território alagoano foi um processo sangrento, com atos de violência em que franceses, holandeses e portugueses travaram contra os nativos e o “poder forte e infernal do bacamarte” dos

---

<sup>1</sup> Subdivisão da capitania, que tinha o objetivo de ser aproveitada. A ocupação da terra era baseada em um suporte mercantil lucrativo para atrair os recursos disponíveis. A proposta tratava de incentivar a ocupação das terras e estimular a vinda de colonos. (DINIZ, 2005, p. 3).

grandes latifundiários sobre seus escravos e sobre todos que se opunham as suas vontades, imprimiu no território, uma violência com características particulares cujos atentados contra à vida impunha respeito a custo de sangue, pois,

A acumulação de cabedais vultuosos em troca do açúcar, era o fito geral, a razão predominante nos espíritos como compensação da vida desconfortada e erma na terra ainda hostil. A moral, era a moral do tempo, permitindo e sancionando os atentados à vida, a propriedade, à honra, quando perpetrados pelos mais fortes. Mais valia quem mais tinha nas áreas, nos celeiros, nas senzalas, ou quem, pela força, ganhava o respeito de todos sob o império do bacamarte. (COSTA, 1983, p. 75).

Logo, uma análise sobre o fenômeno da violência em Alagoas deve levar em consideração a soma de vários fatores, que conforme Ferreira (2014, p.42), são “[...] fatores sociais, políticos, econômicos, ideológicos etc., que expressam o caráter contextual, relacional e contingente da realidade do Estado”. Contudo, não se presume que a violência seja entendida como exclusividade do Estado, compreende-se, todavia, que este fenômeno determinou as relações de poder dadas em escalas diferentes e que hoje se mostra resistente ao tempo, ao espaço e ao custo que lhes são demandados em combate.

A cultura da violência homicida no território alagoano ganhou destaque nos mapas da violência do Brasil desde a edição de 1998. O estudo organizado pela Faculdade Latino Americana do Brasil e pelo Instituto Sangari, sistematizou as taxas de óbitos por acidentes de trânsito, por homicídios e por outras violências. Neste mapa, Alagoas destacou-se entre as capitais do Nordeste, registrando 45% dos óbitos de jovens entre 15 e 24 anos vítimas de homicídios e de outras violências no período de 1979 a 1996 segundo relatou Waiselfisz (1998, p. 37).

O referido mapa adotou a Classificação Internacional de Doenças (CID-9) e tratou conjuntamente as categorias de homicídios e lesões provocadas por outras pessoas (E55), e outras violências (E970 e E999), o contexto geral dos óbitos que foram divulgados nesta edição do mapa denota uma violência enraizada na cultura alagoana como uma síndrome que banha de sangue os que atravessam o caminho daqueles que veementemente defendem seus próprios interesses e territórios.

O mapa da violência publicado no ano 2000 trouxe a atualização do número dos homicídios divulgados na versão de 1998. Na nova versão, o CID-9 foi substituído pelo CID-10 que, em seu capítulo XX, classifica como “causas externas

de mobilidade e mortalidade” os acidentes, envenenamentos, queimaduras, afogamentos e outros. Como “causas externas”, o levantamento do número de homicídios tornou-se amplo e exigiu a retabulação de alguns dados divulgados na versão anterior.

A utilização do CID-10 forneceu ao estudo o código necessário para classificar os óbitos causados por atos de violência. Ou seja, de violência homicida que corresponde à somatória das categorias X85 a Y09 com o título de *Agressões* com as agressões de terceiros que utiliza qualquer meio para provocar danos, lesões ou a morte da vítima. Além das agressões provocadas por terceiros, coube analisar ao longo do mapa, os dados referentes aos óbitos por armas de fogo autoprovocados intencionalmente ou aqueles de intencionalidade desconhecida. Agrupou-se as categorias W32 a W34 dos óbitos por traumatismos acidentais; X72 a X74 das Lesões Autoprovocadas Intencionalmente; X93 a X95 das Agressões e Y22 a Y24 do capítulo de Intenção indeterminada do CID-10.

Nesta versão do mapa da violência, constatou-se uma significativa redução no número de homicídios nos estados do Nordeste, inclusive em Alagoas. O quadro 01 reconstitui a evolução das taxas de homicídios nas unidades federadas referente à população total e a população de jovens no período de 1989 a 1998.

**Quadro 01**—Evolução das taxas de homicídios nas unidades federadas referente à população total e a população de jovens no período de 1989 a 1998.

EVOLUÇÃO	POPULAÇÃO TOTAL	JOVENS
<b>Crescimento Significativo</b>	Amapá Espírito Santo Mato Grosso Mato Grosso do Sul Rio de Janeiro Pernambuco Distrito Federal	Espírito Santo Amapá Pernambuco Mato Grosso Distrito Federal Mato Grosso do Sul Amazonas Rio de Janeiro Paraná Ceará
<b>Crescimento Moderado</b>	Ceará Paraná São Paulo Amazonas	Pará Sergipe Roraima São Paulo Rio Grande do Norte

	Sergipe	
<b>Nível Semelhante</b>	Bahia Santa Catarina Minas Gerais Pará	Piauí Paraíba Santa Catarina Rondônia Minas Gerais Acre Bahia
<b>Queda</b>	Piauí Acre Rio Grande do Sul Roraima Paraíba Rio Grande do Norte Rondônia Alagoas Goiás Maranhão	Rio Grande do Sul Alagoas Goiás Maranhão

**Fonte:** SIM/DATASUS, IBGE/Waiselfisz (2000, p. 44).

**Adaptação:** OLIVEIRA, M. G., 2018.

O ordenamento das Unidades Federativas também sofreu mudanças, uma vez que alguns estados assumiram as primeiras posições por agruparem o maior número de homicídios após a retabulação e a aplicação do CID-10. Alagoas, por exemplo, em 1989 constituía o 6º estado brasileiro com maiores taxas de homicídios, em 1998 passou para a 11ª posição no ranking nacional (WAISELFISZ, 2000, p. 46).

Analisar a violência no território alagoano pressupõe o resgate histórico da formação das estruturas políticas, econômicas e sociais que foram se estabelecendo. Nesse sentido, vale retomar o diálogo com Ferreira (2014, p. 39), quando destaca que a “[...] contingência histórica faz de Alagoas uma sociedade portadora de particularidades e contradições que marcam todo o processo de produção da vida social, política e econômica local”. Configura-se desse modo, um território impulsionado por diversos agentes – Estado, empresas, ou a sociedade que lhe atribuem novas feições e conteúdos conforme as inovações impostas pelo sistema produtivo de cada momento da história.

Nessa perspectiva, vale refletir sobre o que se concebe por violência. Muitos são os autores que se debruçaram sobre o fenômeno da violência na tentativa de

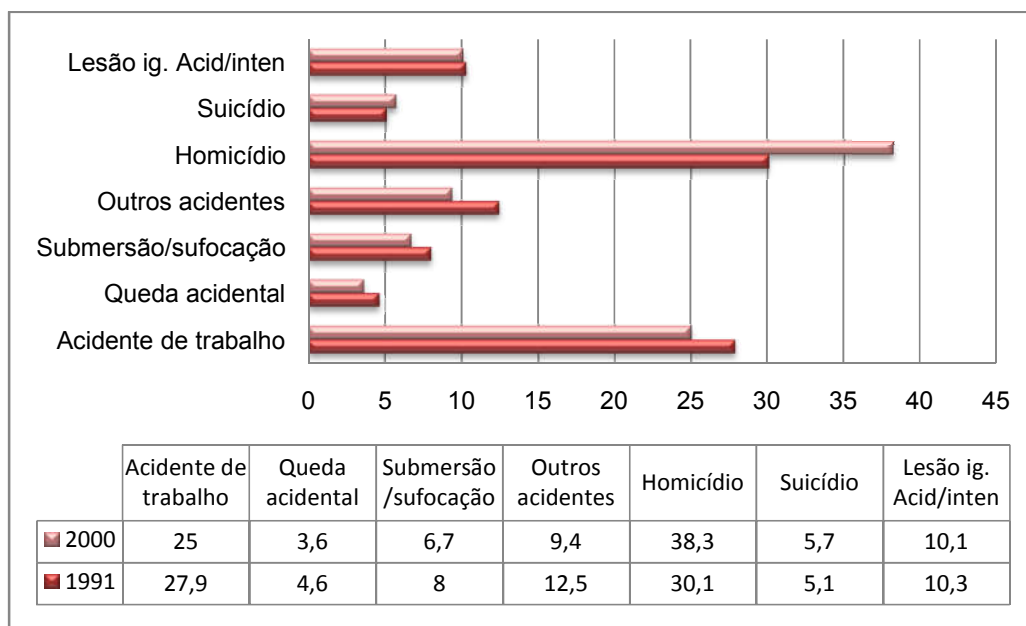


compreender o seu significado. Partindo da esfera conceitual, mostra Zaluar (1999, p. 8), que o conceito de violência vem do latim *violentia*, que remete a vis (força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo em exercer a sua força vital). Nascimento (2002, p. 14), por sua vez, afirma que “violência significa ‘veemência’, ‘impetuosidade’ e deriva da raiz latina *vis*, força”, comungando de alguma forma com a assertiva de Moraes (1981, p. 25), segundo a qual, a “violência está em tudo que é capaz de imprimir sofrimento ou destruição ao corpo do homem, bem como o que pode degradar ou causar transtornos à sua integridade psíquica”.

Portanto, a violência é uma ação praticada contra si mesmo ou contra outrem, resultando em algum dano físico ou psicológico. Quanto as causas, estas são as mais variadas e praticadas por diversos agentes sociais. É também praticada pelo indivíduo a si próprio. Ou seja, a auto infligida que ocorre quando este apresenta um comportamento suicida, de auto abuso ou de automutilação. Minayo (2005, p. 23) explica que este tipo de violência ainda que resulte em morte, se diferencia da violência interpessoal, uma vez que nesta, as ações são praticadas por uma pessoa ou um conjunto de pessoas no ambiente familiar ou na comunidade, incluindo várias formas de agressão traumáticas ou fatais. É nesse tipo de violência que o crime de homicídio se enquadra. Além dele, as agressões e abusos contra crianças, mulheres, homens e idosos configuram a violência interpessoal. (MINAYO, 2005, p. 24).

Desde 1991, os homicídios destacam-se entre as principais causas externas de mortalidade no território brasileiro. O gráfico 01 revela a mortalidade proporcional provocadas por causas externas segundo subgrupos específicos no Brasil no período de 1991 e 2000 revelando que o crescimento da média de homicídios foi significativamente maior do que a média de suicídios.

**Gráfico 01** - Mortalidade proporcional por causas externas segundo subgrupos específicos no Brasil em 1991 e 2000.



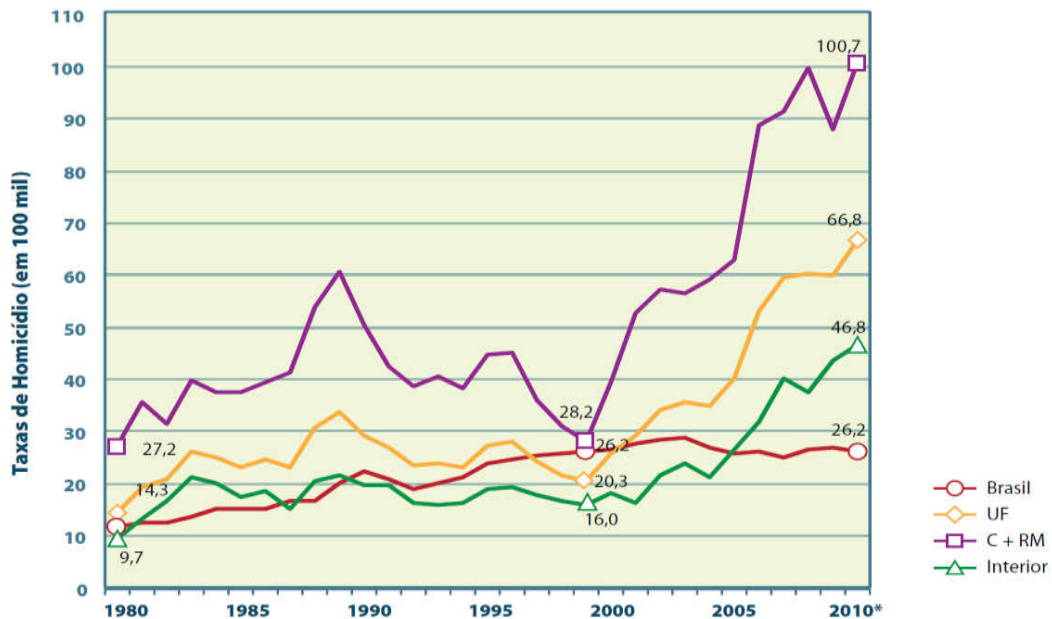
Fonte: SIM/Datasus *apud* Minayo (2005, p.12).

A realidade da violência homicida nos estados brasileiros continuou a crescer, apresentando taxas elevadas até que em 2003, foi regulamentada a Lei nº 10.826, dispoindo sobre o registro, a posse e a comercialização de armas de fogo e munição no país. Esta Lei contribuiu para o início de um processo de reversão nas taxas de homicídios, associada as campanhas de desarmamento. Neste ano, dos 27 estados, 09 apresentaram queda nos índices de homicídios. (WAISELFISZ, 2010, p. 20).

Na contramão do processo de reversão das taxas de homicídios iniciado em 2004, Alagoas apresentou um crescimento vertiginoso, e em pouco tempo passou a liderar o ranking nacional. Em 2007, o Estado registrava a taxa de 59,6 homicídios (em 100.000) na população total. Entre as capitais estaduais do Brasil, Maceió passou da 9ª posição em 1997, para a 1ª posição em 2007, registrando a surpreendente taxa de 219,5 homicídios nesta década. (WAISELFISZ, 2010, p. 24). O número de homicídios em Maceió equivale ao dobro dos homicídios registrados nos demais municípios do estado nesse mesmo período. Logo, a sensação de insegurança e medo tornou-se uma “marca” da capital alagoana, o que justifica a

afirmativa de Rodrigues (2009, p. 77) “cada vez mais, a violência associa-se ao medo de viver nas grandes cidades onde tudo muda vertiginosamente e todos são incógnitos”. O gráfico 02 revela a taxa de homicídios da Capital e da Região Metropolitana, nota-se o quanto esta taxa foi superior a do Brasil, do estado e do interior.

**Gráfico 02**–Taxas de Homicídios por área. Alagoas 1980/2010\*



**Fonte:** SIM/SVS/MS \*2010:

**Adaptação:** Dados preliminares citados por Waiselfisz, 2012, p. 88.

O medo da violência faz o homem ter como suspeito o seu semelhante, aquele portador de culturas, comportamentos e hábitos diferentes, o outro, o “desconhecido” faz com que diariamente mais pessoas imprimam a sua forma de se relacionar com o território, a sua identidade, a sua territorialidade. Conforme afirma Rodrigues (2009, p.77), muda o estilo de vida nas grandes cidades e essa mudança pode ser percebida no comportamento dos jovens que caminham pelas ruas das cidades e da sua maneira desenvolvem estratégias para contornar a violência.

## 1.2 Território e territorialidades do medo e da violência em Pilar

O atual município de Pilar emana do desenvolvimento da Sesmaria de Diogo Soares da Cunha que obedeceu às exigências do povoamento e da fundação de engenhos de açúcar por volta de 1633. Porém, ganhou autonomia administrativa em 1872 quando desligou-se do município de Atalaia. Nesse período, apresentou rápidocrescimento, que foi de engenho a um importante entreposto comercial, conhecendo dias prósperos impulsionados pelo transbordo do açúcar produzido no Vale do Paraíba do Meio. No entanto, a chegada da ferrovia para dar mais velocidade ao transporte e a comercialização do açúcar, deu fim a prosperidade de Pilar fazendo com que a sua economia estagnasse. Ao perder a função de transbordo de mercadorias, o município entrou em decadência, como bem mostra Corrêa(1992, p. 10).

Atualmente o município ocupa uma área de 249.979 km<sup>2</sup> abrigando aproximadamente 33.305 habitantes (IBGE, 2010).Conforme dados do Censo de 2010, o município ainda possuía 15,9% da população economicamente ativa desocupada; o equivalente a 3.365 pessoas vivendo em dependência de outras ou dos programas assistenciais do governo.O Atlas do Desenvolvimento Humano revela que a maior parte da população pilarense é constituída por mulheres, isto é, 17.138 habitantes que equivalem a 51,46% do número total da população municipal. Ademais, 63,98% da população local possui a faixa etária entre 15 e 64 anos, ou seja, um município com população relativamente jovem e economicamente ativa e desocupada.O quadro 02mostracomo a renda *per capita* do município em 2010 foi de apenas R\$ 292,06.Um valor bem abaixo do salário mínimo pago ao trabalhador naquele ano.Portanto, insuficiente para suprir as necessidades básicas.

**Quadro 02:** Renda, Pobreza e Desigualdade - Município de Pilar/Alagoas

	1991	2000	2010
Renda per capita	153,23	185,83	292,06
% de extremamente pobres	31,07	29,94	15,20
% de pobres	69,70	60,29	35,27

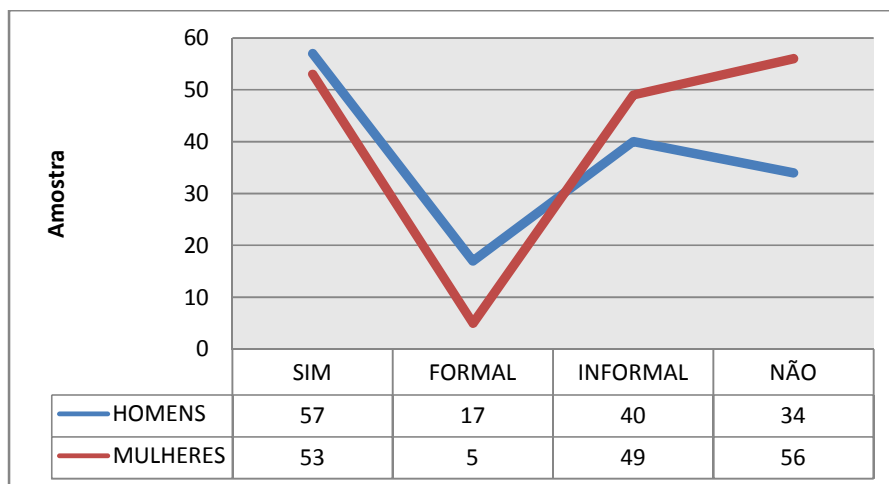
Índice de Gini	0,50	0,53	0,51
----------------	------	------	------

**Fonte:** PNUD, Ipea, FJP.

**Adaptação:** OLIVEIRA, M. G., 2017.

A tabela 01 revela que no ano de 2010, 15,20% da população pilarense possuía renda familiar *per capita* igual ou inferior a R\$ 70,00 mensais, o equivalente a R\$ 2,30 por dia. O que significa que proporcionalmente estavam abaixo da linha da pobreza, uma vez que no país, a Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS) adota como parâmetro para medir a pobreza um quarto do salário mínimo *per capita* ao mês. Contudo, em 2010, o salário mínimo nacional era R\$ 510,00 e o valor diário de R\$ 17,00 aproximadamente sete vezes a mais do que o grupo de indivíduos possuía, neste período, para suprir as necessidades básicas. O percentual de pessoas pobres que viviam em domicílios particulares permanentes em Pilar chegou em 2010 a 35,27%, isso equivale a um grupo de indivíduos que possui renda *per capita* de aproximadamente R\$140,00 mensais, configurando, assim, um indicativo da necessidade de políticas públicas voltadas para a população carente.

**Gráfico 03** – Trabalhadores formais, informais e desempregados (em 200) entre 18 e 56 anos.



**Organização:** OLIVEIRA, M. G., 2018.

O gráfico 03 releva o que os questionários aplicados junto aos alunos de três escolas da rede pública estadual, localizadas no município de Pilar, a saber, Escola Estadual Oliveira e Silva (EEOS), Escola Estadual Professor Arthur Ramos (EEPAR) e Escola Estadual Valdecy Gomes de Vasconcelos (EEVGV), confirmaram as informações acerca da renda população (homens e mulheres) que trabalham

durante o dia e estudam no turno noturno nas referidas escolas. Exatamente 200 voluntários entre 18 e 56 anos de idade, dos quais 86 homens e 114 mulheres responderam vinte e duas questões de natureza econômica e social, especialmente sobre violência e medo no município. Entre eles estavam 110 trabalhadores e trabalhadoras. Destes, apenas 21 afirmaram possuir trabalho formal.

Sobressai a quantidade de trabalhadores informais e de desempregados em idade economicamente ativa que não têm oportunidade de trabalho, que não vêem perspectiva de futuro à sua família. São pessoas que cotidianamente enfrentam o preconceito e são marcadas pela pobreza e a conseqüente desigualdade social.

Vale ressaltar que a Lagoa Manguaba representa a principal fonte de renda para pescadores e marisqueiras de Pilar. Renda flexível e quase sempre insuficiente para o mantimento da casa. Uma minúscula complementação dessa renda advém da prestação de serviços a terceiros, os chamados “bicos”.

É nesse cenário que os jovens crescem e constroem suas perspectivas de vida. Uns bem poucos com mais oportunidades que a grande maioria, por vezes sem qualquer motivação para reverter a história que se escreve, repetindo a trajetória da vida de tantos outros, que se envolvem com o consumo e o tráfico de drogas e abreviam os seus anos de vida.

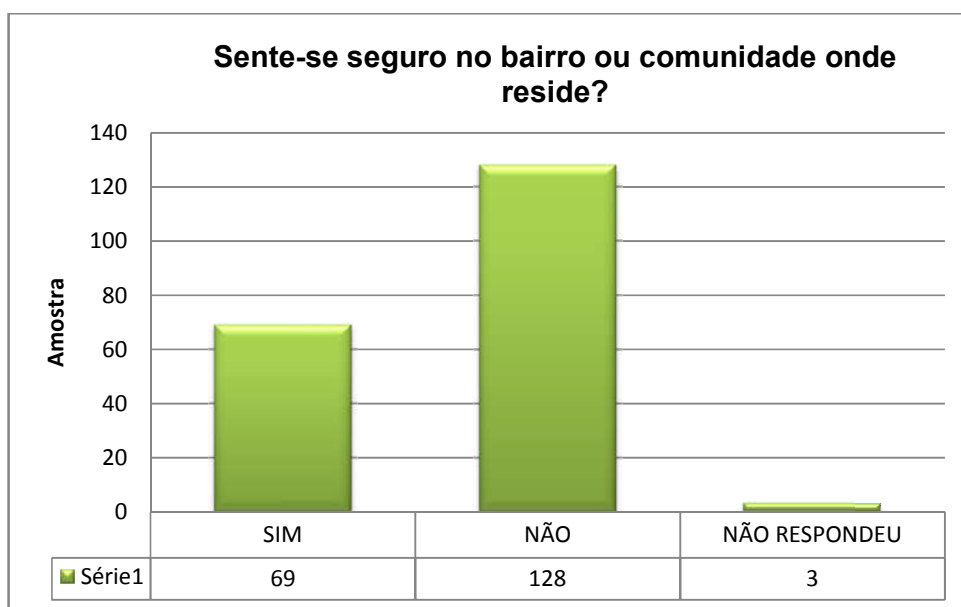
A amostra que foi coletada nas escolas estaduais VGV e PAR, localizadas em Chã do Pilar, corresponde a 78% dos questionários aplicados, no entanto, quando perguntado sobre o bairro ou a comunidade de residência, 84,5% dos alunos afirmaram morar em Chã do Pilar. Esse bairro cresceu principalmente após a construção de centenas de casas no loteamento Manguaba, a partir de 2007.

O crescimento “urbano” os loteamentos e conjuntos residenciais que concentram a maior parte dos casos de homicídios registrados no município entre 2010 e 2014. As territorialidades do tráfico de drogas, nesses conjuntos, são definidas e delimitada “por sangue”. A propósito, os questionários aplicados indicaram que a Rua Avelino Cavalcante e as travessas mais próximas formam uma territorialidade de violência e medo, resultante das inúmeras práticas criminosas que ali ocorrem. Portanto, não por acaso, medo e insegurança são sentimentos presentes na vida dos pilarenses que residem nessas cercanias que constituem verdadeiras territorialidades da violência. A territorialidade do crime é a expressão espacial das

práticas dos grupos criminosos. Contudo, a sua forma varia de grupo a grupo, bem como os mecanismos utilizados no processo de territorialização. Em outros termos, de apropriação e domínio do território e do exercício de poder sobre este.

O medo que a população sente de viver no bairro que reside foi identificado nos questionários aplicados. Constatou-se que 64% dos voluntários não sentem segurança no bairro ou comunidade que residem e os motivos listados foram: o agravamento da violência, a circulação de pessoas suspeitas e a falta de segurança, conforme mostra o gráfico 04.

**Gráfico 04 – Sentimento de insegurança no bairro**



**Fonte:** Pesquisa direta

**Organização:** OLIVEIRA, M.G., 2018.

Percebe-se que os homicídios resultam de uma sociedade marcada pelas desigualdades, cujos membros diariamente convivem com cenas de horror pelas ruas da cidade e já não se comovem com notícias de assassinato, haja vista à frequência que acontecem. A banalidade da vida e da morte reflete esse desequilíbrio social que é constituído através das ocorrências de atos criminosos como roubo, por exemplo, mas além do crime de roubo há agressão física, violência psicológica geradora do medo, e os crimes fatais.

O rastro do medo que é sentido na cidade tem deixado a população temerosa com a violência. Os moradores das áreas mais desassistidas pelo poder público são os que mais sofrem, convivendo com cenas de homicídios e outras tipologias de crimes violentos que acontecem frequentemente. A impotência e a insegurança se agravam conforme os atos criminosos vão acontecendo. Ainda que a violência não tenha sido direcionada ao indivíduo, este poderá sentir-se acometido e sofrer indiretamente os traumas da agressão e do medo. Para Souza (2008, p. 40) “o medo parece já se ter enraizado inclusive na psicologia coletiva, provocando consequências comportamentais diversas, até mesmo psicopatologias”.

Assim, verifica-se o crescimento de doenças relacionadas ao medo da violência como as síndromes, pânico e depressões, conforme dados da Organização Panamericana da Saúde (MINAYO, 2005, p. 10). Perceba-se que

A violência, pelo número de vítimas e pela magnitude de sequelas orgânicas e emocionais que produz, adquiriu um caráter endêmico e se converteu num problema de saúde pública em muitos países (...). O setor Saúde constitui a encruzilhada para onde convergem todos os corolários da violência, pela pressão que exercem suas vítimas sobre os serviços de urgência, atenção especializada, reabilitação física, psicológica e assistência social. (MINAYO, 2005, p. 10).

É dever do Estado cuidar da segurança da população, o que consiste em necessidade básica e direito de todo e qualquer cidadão. Conforme o Artigo III da Declaração Universal dos Direitos Humanos, “toda pessoa tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal”. No entanto, o que se vê é a população sendo privada do direito de liberdade. O próprio direito de ir e vir é ceifado pelo não direito à vida. Uma vida que foi gerada para ser vivida sem violência.

Quem se arrisca a trilhar pelos escombros, luta pelo cumprimento das obrigações do Estado, fazendo protestos, manifestações e reclamações pelas redes sociais, mostrando que estão cansados das promessas e chamando a atenção para uma realidade duplamente violentada, seja por aqueles que podem lhes tirar a vida ou por aqueles que deveriam apenas cumprir a lei e garantir que a vida seja vivida com segurança.



### **1.3Os índices de violência em uma pequena cidade da RMM**

Entre os municípios que compõem a Região Metropolitana de Maceió - RMM, Pilar é o único que ocupou por três vezes a primeira posição na lista dos municípios alagoanos com maiores taxas de homicídios por arma de fogo. Nas edições de 2011, 2014 e 2015 do Mapa da Violência, o município ocupou lugar destacado. Entretanto, vale destacar que os mapas de referência utilizados na presente pesquisa fazem referência as edições publicadas nos anos 2015 e 2016 onde Pilar apareceu na primeira (1ª) e terceira (3ª) posição respectivamente, entre os municípios alagoanos com maiores taxas de homicídios por armas de fogo.

A preocupação acerca da violência em Pilar fica ainda mais forte quando as taxas de homicídios são analisadas sob a óptica da territorialização dos homicídios. Pode-se aqui afirmar que a violência sempre existiu nas diferentes sociedades como forma de 'equacionar' conflitos de diversas naturezas. Cada indivíduo quando busca afirma-se no território delimita territorialidades, e quem se opõe acaba tornando-se alvo potencial de práticas violentas. Portanto mostrando que "com a perda do poder torna-se uma tentação substituir pela violência", conforme aponta Arendt (1994, p. 42).

É importante chamar a atenção para as leis que são criadas pelo poder legislativo dos municípios, estados e países, vigorando em lugares em diferentes períodos históricos. Ações violentas podem ser consideradas crimes em um país e em outro não; algo pode ser considerado violento em uma região e um procedimento legítimo em outra; e ainda, um crime pode ser considerado violento por uma pessoa e por outra não. Melgaço (2005, p. 101) destaca a aridez na tarefa de definir violência assim como definir paz, fome e pobreza. A violência é uma sensação e, por isso, difícil de ser reduzida a algumas linhas de uma definição. Violência e crime possuem conceitos distintos, no entanto, ambos resultam do comportamento de cada sociedade onde ocorrem. Ou seja,

O crime é [...] uma questão de difícil resposta. Não existe conceito uniforme sobre o crime. O crime pode ser entendido de diversas formas. E cada maneira de explicar o crime vai ser fundamentada a partir de diferentes concepções sobre a vida e o mundo. O crime pode ser visto como uma infração à lei, como uma manifestação de anormalidade do criminoso, ou

como o produto de um funcionamento inadequado de algumas partes da sociedade (grupos sociais, classes, favelas, etc.). (DORNELLES, 1988, p. 17).

As práticas criminosas têm sido uma constante na história da civilização e, embora, muitos autores façam menção às grandes cidades, vê-se que o fenômeno atinge também às cidades de pequeno porte. Estas, têm experimentado a instabilidade que no passado era característica das grandes cidades. O medo de andar pelas ruas devido à insegurança, ver o seu semelhante como suspeito, o desespero dos jovens, enfim... Na verdade, os jovens do sexo masculino de pele negra são culturalmente vistos como sinônimos de ameaça e acabam se constituindo nas maiores vítimas de homicídios no Brasil, segundo revela o Atlas da Violência de 2016:

Em 2014, 61 jovens entre 15 a 29 anos sofreram homicídio para cada 100 mil jovens. Quando considerada apenas a população jovem masculina, esse indicador aumenta para 113,2 no país, chegando a alcançar 270,3 mortes para cada 100 mil jovens em Alagoas. Os indicadores mais uma vez mostraram que a maior parcela das vítimas era composta por indivíduos de baixa escolaridade, com no máximo sete anos de estudo. (CERQUEIRA, 2016, p. 39).

A propósito, em Pilar foram registrados 195 homicídios no período de 2010 a 2014, vitimando 204 pessoas. Dentre as vítimas, estavam 110 jovens entre 15 e 29 anos de idade com representação de 95% do sexo masculino. Esses homicídios têm como principal causa as relações que envolvem o comércio e o uso de entorpecentes. O elevado índice de homicídios registrados pela 23ª Delegacia de Polícia de Pilar justifica o medo que a população sente e lhe faz apontar a violência como maior e principal problema da cidade.

Temerosa, a população demonstra sua indignação através das redes sociais. As imagens 02 e 03 revelam desabafos de diferentes pessoas após uma sequência de assassinatos no município.

**Figuras 01 e 02**—Exposição na rede social da situação de violência em Pilar



**Fonte:** Facebook

**Adaptação:** OLIVEIRA, M. G. Acesso em: 22/05/2017.

A sensação de medo da violência é intensificada pela mídia que nesse período trouxe Pilar como manchete 26 vezes no site da *Gazeta de Alagoas*, 26 vezes com reportagens sobre homicídios e, 105 vezes por outros atos de violência e crimes como assalto a ônibus, assaltos a transeuntes, roubo a banco, invasão de residência, arrastão, etc.

A população Pilarense percebe diariamente a violência na cidade. Em 200 questionários aplicados, 153 voluntários afirmaram que a violência está aumentando e 25 pessoas falaram que a violência permanece do mesmo jeito, apenas 12 pessoas afirmaram que a violência está diminuindo, e 3 questionários ficaram sem resposta para essa questão. Contudo, os relatórios policiais gerados pela 23ª Delegacia de Polícia do município, que mostram um decréscimo do índice de homicídios entre 2010 e 2014, assim como os registros disponibilizados pela Secretaria de Segurança

Pública do Estado de Alagoas também revelam uma pequena redução de 2012 em diante, conforme pode ser visto na Figura 04.

**Figura 03**—Quantitativo de homicídios registrados pela Secretaria de Segurança Pública de Alagoas entre 2010 e 2014.

ESTADO DE ALAGOAS  
SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA  
-  
PMAL  
(PF)  
Ano Contém 2010 ou 2011 ou 2012 ou 2013 ou 2014,  
Cidade igual a PILAR

SISTEMA DE GESTÃO OPERACIONAL UNIFICADO

Terça, 28 de Novembro de 2017 as 9:19:29

Ano	01 JAN	02 FEV	03 MAR	04 ABR	05 MAI	06 JUN	07 JUL	08 AGO	09 SET	10 OUT	11 NOV	12 DEZ	Total
	Qtd.	Qtd.	Qtd.	Qtd.	Qtd.	Qtd.	Qtd.	Qtd.	Qtd.	Qtd.	Qtd.	Qtd.	Qtd.
2010	4	2	2	1	0	0	0	0	2	2	2	2	17
2011	4	5	1	4	1	2	5	1	6	5	2	4	40
2012	5	2	3	5	6	5	5	5	2	6	2	2	48
2013	4	2	3	2	3	5	3	1	2	10	7	1	43
2014	2	1	1	0	4	1	8	2	2	6	5	2	34
<b>Total</b>	<b>19</b>	<b>12</b>	<b>10</b>	<b>12</b>	<b>14</b>	<b>13</b>	<b>21</b>	<b>9</b>	<b>14</b>	<b>29</b>	<b>18</b>	<b>11</b>	<b>182</b>

Fonte: SEDS, 2017.

Na verdade, estes dados parecem não refletir a realidade, pois a insegurança é alimentada pelo risco de morte, pelo medo, especialmente aqueles que habitam as cercanias das territorialidades do tráfico de drogas. Nesse sentido, os entrevistados residentes no Alto do Padre Cícero, na Rua Avelino Cavalcante (mais conhecida como Rua do Forno), Rua São José, Loteamento Manguaba, Rua da Matinha e no Loteamento Edite França, demonstram o medo de transitar pelas adjacências em face a insegurança, a exposição ao conviver com o tráfico de drogas, guerras entre facções criminosas ramificadas no município e a violência que carregam consigo.

#### 1.4 O medo da violência homicida

O medo da violência pode ser percebido das mais variadas formas no município de Pilar. Chama a atenção a significativa presença de aparatos técnicos, arquitetura, dentre outros, considerando-se o poder aquisitivo da população local, que conforme visto anteriormente, é muito baixo. De acordo com Sá, (2005, p. 52) os aparatos de segurança estão presentes na arquitetura das residências (grades, muros altos, cão de guarda), nos comércios (alarmes, sistemas de câmeras, seguranças) e nas instituições (vigias, cercas elétricas, sensores de movimento), a fim de reduzir a sensação de medo que aflige a sociedade contemporânea. Assim, pode-se afirmar que

Hoje a arquitetura perde seu sabor pela vida exterior, interioriza-se, e o que se busca, desesperadamente, é a segurança e a defesa. Defendemo-nos de tudo. Os espaços são fechados, a casa é projetada para dentro de si mesma, o exterior é abandonado, pois é o perigo a ser evitado, não a beleza a ser conquistada. A arquitetura do espaço aberto cede seu lugar a uma arquitetura de defesa e proteção.(ODÁLIA, 2004, p. 10).

Nesse contexto, observa-se que os indivíduos parecem ter perdido o sentido de residir, viver e conviver no lugar que escolheram para imprimir sua identidade, semelhantemente ao que Cruz e Sá (2006, p.155) refletem sobre as novas formas de moradia como —prisões fora dos presídios. Dessa forma, as residências são incrementadas com os mais diversos aparatos tecnológicos de segurança na tentativa de fuga da realidade da vida que atropela a rotina de pessoas de diversas classes sociais.

Os espaços comuns das cidades passam a ser conhecidos como territórios violentos e por isso são evitados pela população que se auto-segrega em condomínios com —muros altos, grades, cercas elétricas, sistema de câmeras, alarmes e uma série de outros artificios, (SÁ, 2005, p.52), fugindo temporariamente do caos provocado nos territórios que apresentam maiores riscos às ocorrências de caráter criminoso. Sendo, todavia, territórios estereotipados, evitados pela população de outros bairros da cidade.

A definição de medo envolve diversos campos de estudos, inclusive o da psicanálise. Não se pretende aqui, ir por este viés. Para Bauman (2008, p. 8), medo é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance. Portanto, o aparelhamento das residências com equipamentos de segurança aparece neste cenário como um paliativo usado para mitigar os danos causados pelo medo da violência.

Conforme Minayo (1994, p. 520) "a violência afeta a saúde porque ela representa um risco maior para a realização do processo vital humano: ameaça a vida, altera a saúde, produz enfermidade e provoca a morte como realidade ou como possibilidade próxima" Da mesma forma, Dalgarrondo (2006, p. 109) não vê o medo como uma patologia, mas como um resultado progressivo da insegurança e da impotência. Segundo o autor:

O medo não é uma emoção patológica, mas algo universal dos animais superiores e do homem. O medo é um estado de progressiva insegurança e angústia, de impotência e invalidez crescentes, ante a impressão iminente de que sucederá algo que queríamos evitar e que progressivamente nos consideramos menos capazes de fazer. (DALGARRONDO, 2006, p. 109).

Dalgarrondo (2006) e Bauman (2008) comungam do mesmo pensamento sobre o medo como um sentimento conhecido por toda criatura viva. Bauman afirma que os seres humanos conhecem algo mais, além disso, o “medo secundário” ou o “medo derivado” que ele caracteriza como uma estrutura mental, um sentimento de estar suscetível ao perigo; uma sensação de insegurança e vulnerabilidade. Assim contribui:

Uma pessoa que tenha interiorizado uma visão de mundo que inclua a insegurança e vulnerabilidade recorrerá rotineiramente, mesmo na ausência de ameaça genuína, às reações adequadas a um encontro imediato com o perigo; o “medo derivado” adquire a capacidade da autopropulsão. (BAUMAN, 2008, p. 9).

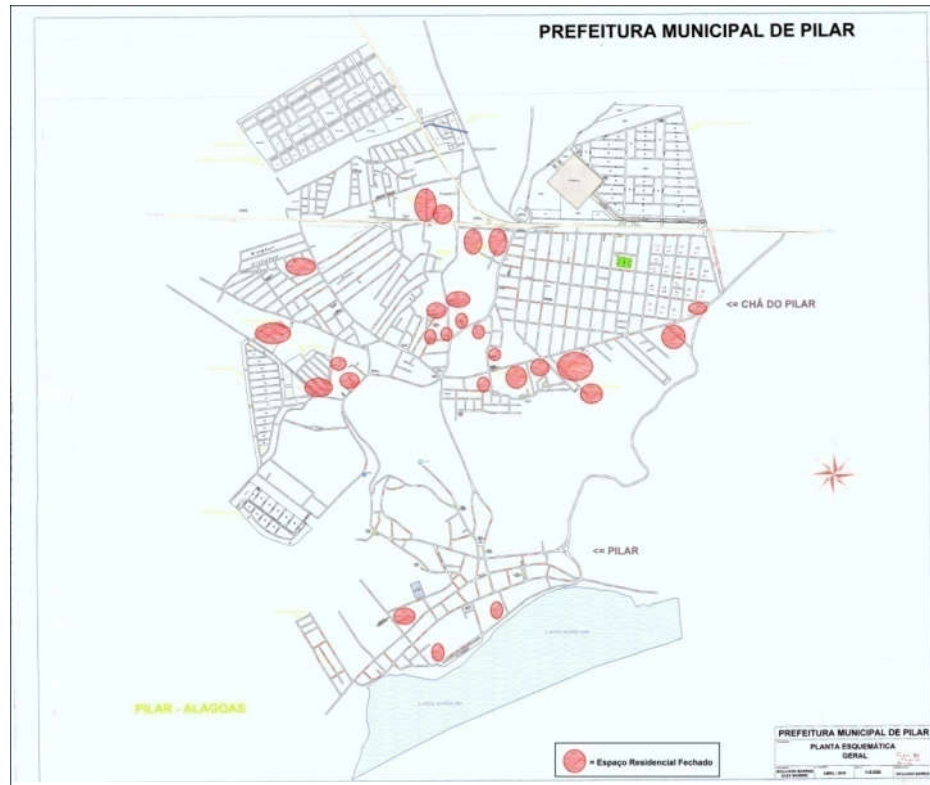
Ora, o perigo e a sensação de medo é algo resultante tanto da experiência própria quanto da experiência ruim, vivida por outras pessoas que aos poucos vai se espalhando. São essas experiências ruins de “uns” que os “outros” procuram evitar ao construir edificações que lhes permitem reduzir a incerteza, a vulnerabilidade e o medo da violência urbana, independente do porte da cidade.

Nesse sentido, torna-se cada vez mais crescente o número de residenciais fechados em muitas cidades brasileiras. Residenciais estes, que exercem a função de moradia ‘mais segura’ do que aquelas que estão fora desses espaços conhecidos como condomínios, vilas e residenciais fechados. Ou seja, fora do que Feiguin (1995) chama de “arquitetura do medo”. Essa materialização do medo também se revela nos equipamentos de segurança instalados nas residências, como [...] muros altos, cercas ao redor das casas, proliferação de sofisticados sistemas de segurança e alarme, crescimento visível das empresas privadas de vigilância, aumento do número de portes e registros de armas concedidos à população, fuga de zonas e regiões onde o risco de se transitar sozinho de dia e, principalmente, a noite é bastante elevado, além de vários outros mecanismos de autoproteção. (FEIGUIN, 1995, p. 73).

Em uma cidade cuja população sofre como os elevados índices de violência, as formas de moradia se configuram como enclaves, edificações fechadas ao mundo exterior. Morais (1981, p. 12), observando as estruturas das cidades e a mudança na forma de viver, destaca que “as casas não mais expõem suas fachadas românticas, pois cercam-nas muros muito altos [...]”.

Não obstante, o porte e a qualidade de vida da maior parte da população, em Pilar verifica-se um fenômeno semelhante ao das grandes cidades cujos índices de violência também são elevados. A quantidade de espaços residenciais fechados, mesmo com estrutura modesta e por conseguinte, bem distante dos condomínios fechados de alto padrão da capital, é proporcionalmente considerável. Aí também se encontra uma arquitetura restritiva ao seu acesso. São espaços fechados e privativo daqueles que ali residem. Por vezes não passam de uma rua fechada. Na figura 05 é possível localizar os vinte e seis espaços residenciais fechados identificados no município:

**Figura 04**—Localização dos espaços residenciais fechados em Pilar – AL



Fonte: Prefeitura Municipal de Pilar.  
Adaptação: OLIVEIRA, M. G., 2016.

As diferenças entre os espaços residenciais fechados vão além da localização, da estrutura das residências ou dos objetos neles disponíveis. Caldeira (2000) chama esse tipo de edificação como enclave fortificado. Para essa autora, constituem

Propriedades privadas para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito ao mesmo tempo em que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeita explicitamente. São controlados por guardas armados e sistemas de segurança, que impõem as regras de inclusão e exclusão. São flexíveis: devido ao seu tamanho, às novas tecnologias de comunicação, organização do trabalho e aos sistemas de segurança, eles são espaços autônomos, independentes do seu entorno, que podem ser situados praticamente em qualquer lugar. (CALDEIRA, 2000, p. 258).



Em vários lugares é possível deparar-se com esses espaços residenciais fechados. Para Ferreira (2005, p. 18) trata-se do “domínio exercido juntamente com outrem; co-propriedade, conjunto residencial geralmente cercado e com acesso controlado, dotado de equipamentos comunitários, e cujos moradores dividem diversas despesas”. Nesse contexto, o condomínio horizontal fechado pode ser visto como um agrupamento de unidades habitacionais unifamiliares, cujos acessos são independentes e monitorados.

Tais empreendimentos modificam o espaço e a forma de viver na cidade. A cada dia mais pessoas se segregam e por medo da violência e optam por residir em ambientes que lhes proporcionem menos incertezas e vulnerabilidade diante dos perigos que circundam os muros.



*Capítulo 2*

*A violência homicida no município de Pilar – 2010/2014*

## 2.1 Uma Indústria do medo da violência?

Não obstante a constatação de alguns autores que o índice de crimes violentos letais vem reduzindo nos últimos anos, a população continua amedrontada e expressando a sensação de medo, relacionada ao crescimento da violência e a banalização da vida na cidade (ARANTES 2015, p. 48; AMARAL, 2010, p. 38). Assim, a população expressa o medo da violência através do imaginário, da projeção ou da empiricização dos fatos, resultando no sentimento de insegurança e impotência que podem causar danos materiais e imateriais aos indivíduos. Para Bauman (2009, p. 68) “a insegurança alimenta o medo” e isso é perceptível nas ruas da cidade quando se observa a perda da espontaneidade.

O homem tem como suspeito àquele portador de culturas, comportamentos e hábitos diferentes, o “estrangeiro” (BAUMAN, 2009, p. 74). O desconhecido faz com que cada vez mais pessoas mudem o estilo de vida nas grandes cidades, destaca Rodrigues (2009, p.77). Tal realidade pode ser percebida no comportamento daqueles que caminham pelas ruas, desconfiados, como se a vida fosse uma eterna exposição às ações violentas.

Nesta perspectiva, Bauman (2009, p. 54) adverte que “é possível obter grandes lucros comerciais graças à insegurança e ao medo”. O autor faz referência aos apelos de marketing que exploram deliberadamente o medo da violência que aflige a população, como uma indústria que movimenta bilhões, vendendo a ideia de produtos que supostamente transmitem segurança pessoal, residencial ou empresarial. Uma estratégia que cria nos indivíduos a certeza que os equipamentos garantem mais segurança, diferente dos demais que não fazem uso dos mesmos equipamentos.

Contudo, a grande indústria da violência, é certamente o narcotráfico. Indústria que ilicitamente mobiliza bilhões. Dotada de estratégias que envolvem os poderes

econômicos, políticos e militares em diferentes escalas, se expande pelo território de diferentes países, fragmentando territórios. A título de exemplo,

O tráfico de drogas mobiliza em torno de R\$ 1,5 bilhão a cada ano no Brasil e, pelo menos, US\$ 400 bilhões no mercado globalizado, constituindo uma rede econômica de produção, circulação e consumo de extrema complexidade, inclusive pelas relações entre as atividades econômicas consideradas ilícitas e as reguladas pelo Estado e por organismos internacionais. (BARBOSA, 2015, p. 247).

Ora, o tráfico de drogas sempre esteve organizado de acordo com a “economia de mercado”, constituído por um comércio ilegal. Segundo Coggiola (1996, p. 49) uma “narcoeconomia” que nunca esteve alheia à norma capitalista. Conforme esse autor, os objetivos das máfias deste comércio são a captura de mercados, o monopólio de preços e o domínio sobre os segmentos mais lucrativos, configurando assim, as mesmas metas tipicamente definidas pelas empresas capitalistas.(COGGIOLA, 1996). Trata-se de um mega mercado internacional, “subterrâneo” que envolve milhares de empresas, grande e pequenas, legais, ilegais e até bancos para a “lavagem do dinheiro” adquirido nas relações de capitais do crime que se expandiram pelo mundo após a crise econômica de 1970, conforme explica Barbosa, (2015, p. 249). E mais,

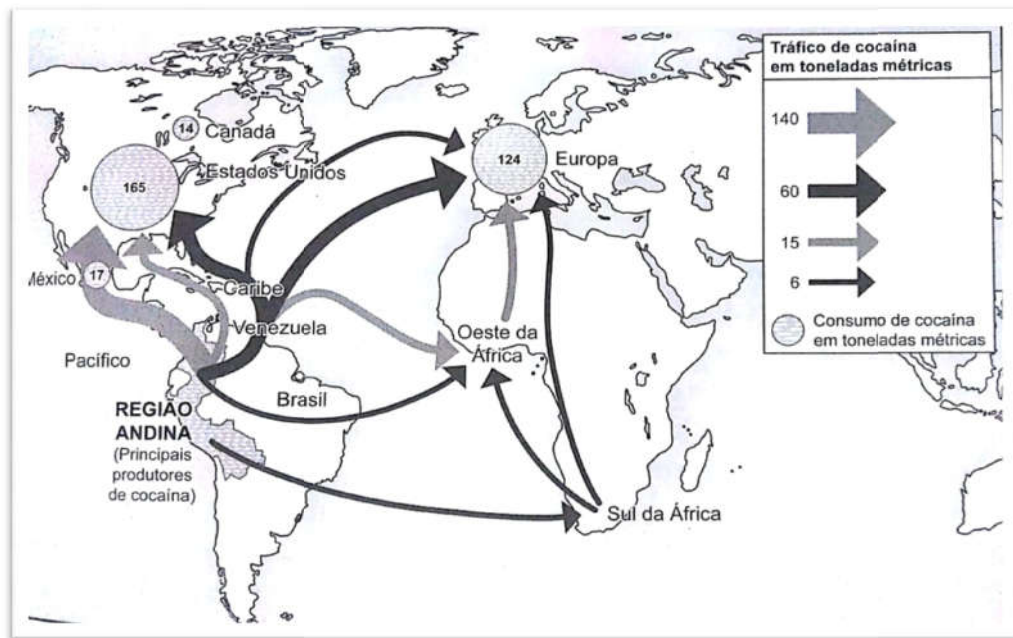
O tráfico internacional de drogas ganha sua expansão mundializada no momento de redefinição de regime de acumulação de capital, notadamente face à crise econômico-financeira do fordismo central e periférico no final dos anos 1970. O desemprego, a inflação e a redução do Estado de Bem-Estar em países centrais do capitalismo, e seus desdobramentos ainda mais críticos nos países da periferia, criaram as condições para a expansão do mercado de produção e consumo de drogas ilícitas e, simultaneamente, para que o narcotráfico ganhasse maior inserção nas economias dos países que viveram *décadas perdidas* (desemprego, inflação, autoritarismo político, reconcentração de renda e de terras) como os latino-americanos. (BARBOSA, 2015, p. 249).

Esta indústria, segundo o Fundo Monetário Internacional, pode ser considerada o quarto setor mais importante da economia mundial com vultosos lucros alcançando a margem de 3.000% do capital inicialmente empregado. As drogas são produzidas, distribuídas e comercializadas em escala internacional, gerando lucros variados para os traficantes, dependendo da sua posição hierárquica segundo a organização em que está vinculado. Ou seja, a variável é o risco da ação

criminosa somada ao nível de hierarquia que o indivíduo conquistou dentro da organização.

A figura a seguir, ilustra o fluxo global de cocaína, com destaque para Colômbia, Bolívia e Peru, estes países são responsáveis pela maior produção de cocaína na América do Sul, integrando um circuito estratégico de produção da pasta da coca que é enviada para países latino americanos, para os Estados Unidos e para os países europeus ocidentais (BARBOSA, 2015, p. 251).

**Figura 05** -Principais fluxos globais de cocaína



**Fonte:** Adaptado de UNODC, World Drug Report, 2010. *Apud* Barbosa (2015, p. 251).

Fica evidente os principais mercados consumidores da droga produzida na região andina. Nesta figura não é possível visualizar a participação do Brasil na rede do narcotráfico, pois o país só ganhou maior evidência na década de 1980, quando através dele, elevou-se significativamente a taxa de usuários no sul do continente americano. É nesse momento que o Rio de Janeiro se afirma como principal mercado distribuidor de drogas ilícitas no Brasil, segundo mostra Barbosa (2015, p. 252).

As organizações criminosas resultam desse processo que rapidamente ampliou seu mercado no território brasileiro, despertando interesses e disputas pela

liderança desse mercado altamente lucrativo. As facções criminosas se difundiram pelo país, recrutando novos membros, especialmente jovens e assim se tornou um mercado amplo, crescente e, também, disputado e perigoso. Em 1998, o número de usuários de cocaína era de cerca de 14 milhões de pessoas. Quinze anos depois, em 2014, esse número havia crescido para 18,8 milhões de pessoas ao redor do mundo, segundo a UNODC (2016, p.13).

Geograficamente, essas facções escolhem lugares de difícil acesso. Consistem em verdadeiras territorialidades do narcotráfico, onde são eliminados todos que representam ameaças ao funcionamento da organização criminosa, pois,

As disputas instauradas na concorrência do mercado de drogas passaram a ser resolvidas pela força das armas, sobretudo em um cenário no qual as *mercadorias criminalizadas* buscam maiores taxas de lucratividade. Assim, a disputa por mercados tem como componente os homicídios por armas de fogo na cidade, configurando uma das características mais fortes do comércio de drogas: o emprego sistemático da violência letal. (BARBOSA, 2015, p. 260).

Conforme afirmado anteriormente, esse mercado se expandiu por todo o território brasileiro, indo além das grandes cidades, chegando as cidades de pequeno porte. Nesse contexto, Pilar foi por três vezes, considerado o município mais violento do estado de Alagoas, haja vista as elevadas taxas de homicídios por armas de fogo, não raramente associados ao comércio de drogas. Consequentemente, a sua população tem como forte marca, o medo da violência que alimenta a necessidade de se proteger e dessa forma, igualmente alimentar uma indústria que cresce incessantemente. Trata-se da indústria da segurança, que vai de empresas de vigilância, às construtoras que movimentam o mercado imobiliário e oferecem residências de acesso restrito como condomínios e vilas.

Em Pilar, há uma tendência a construção de condomínios horizontais fechados que também se mostra como uma forma de se proteger da violência posta em cena na cidade. São pequenos e modestos condomínios, delimitados por muros, cercas e portões elétricos, voltados a uma pequena parcela da população. Não chegam a constituir condomínios de luxo ou mesmo de padrão mediano em relação aos condomínios de alto padrão de Maceió ou Marechal Deodoro, por exemplo, mas que trazem essas características e esses equipamentos técnicos que sugerem segurança.

Contudo não deixam de perseguir o que Caldeira (2000, p. 265), denomina de “um novo conceito de moradia”, uma estratégia de marketing para mostrar que condomínios fechados são mundos separados, uma vez que os anúncios propõem um “estilo de vida total”, superior ao da cidade, mesmo quando são construídos dentro dela. Em Pilar, conseguiu-se identificar vinte e seis espaços residenciais fechados. A maior parte deles localizada em Chã de Pilar, na parte alta da cidade, onde as ocorrências de roubos, assaltos, furtos e homicídios são registrados com maior frequência. Na figura 06 pode-se identificar vinte e seis espaços residenciais fechados localizados em Chã de Pilar.

**Figura 06** - Localização dos Condomínios, Vilas e Residenciais horizontais fechados em Chã do Pilar



**Fonte:** Google Earth  
**Adaptação:** OLIVEIRA, M. G., 2018.

Esses espaços residenciais também chamam a atenção pelo padrão arquitetônico que frequentemente se repete. Pela estrutura que apresentam, não possuem espaços de lazer. É importante perceber que a inexistência de espaços dessa natureza, e similares, que poderiam ser mais atrativos ao seu público alvo, faz com que o grande diferencial não esteja entre eles. Mas, sim, entre eles (ruas sem

saídas com acesso restrito) e as ruas normais (vias públicas) onde as pessoas transitam livremente. Portanto, a única diferença entre os condomínios e as ruas de Pilar está na segregação criada pelos muros e equipamentos de segurança que conforme Caldeira (2000), mostra que

Os novos sistemas de segurança não só oferecem proteção contra o crime, mas também criam espaços segregados nos quais a exclusão é cuidadosa e rigorosamente praticada. Eles asseguram "o direito de não ser incomodado", provavelmente uma alusão à vida na cidade e aos encontros nas ruas com pessoas de outros grupos sociais, mendigos e sem-teto. (CALDEIRA, 2000, p. 267).

O crescimento dos residenciais fechados localizados em Chã de Pilar também está atrelado a expansão da malha urbana que se intensificou nos últimos anos. Para além disso, os altos índices de violência justificam o fechamento de ruas que inicialmente foram planejadas para serem públicas. Com a autorização da prefeitura do município, a população se organiza e cria espaços privados dentro do espaço público visando impedir o acesso de pessoas estranhas e/ou suspeitas e garantirem "a liberdade temporária" que esta medida traz.

Para Caldeira (2000, p. 340) estas medidas constituem "novas morfologias urbanas". Segundo ela, o medo dá novas formas às desigualdades. Por isso, assegura Amaral (2010, p. 40), que "apesar de parecer oferecer a sonhada segurança, a auto-suficiência desses enclaves, o excesso de vigilância e a adoção de blindagem, produz uma modificação nas cidades que torna ainda mais evidente a segregação social". Sem quaisquer interesses de aqui desenvolver uma discussão sobre segregação socioespacial, mas, observando a configuração das novas moradias construídas em Pilar, não se consegue avançar sem deixar claro que esses residenciais fechados foram construídos em espaços considerados violentos, representando uma espécie de "oásis" em meio a realidade existente além deles.

Esses residenciais, portanto, se enquadram no que Amaral (2010, p. 40), considera "territorialidades excludentes", uma vez que oferecem a sensação de segurança que não é encontrada nos espaços públicos, por exemplo. Assim, a população tende a evitar estes espaços que são comuns e a buscar cada vez mais, o cimento e o tijolo. Conforme Souza (2004, p. 61) o "enclausuramento voluntário implica um empobrecimento adicional da vivência da cidade e da experiência do contato com o outro". Vale ressaltar que tais espaços residenciais, em formato de

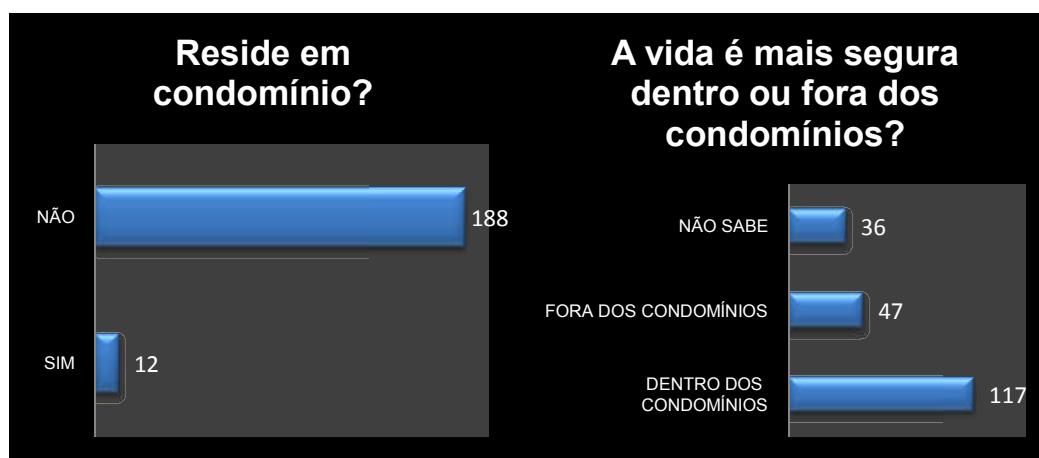


“condomínios” ou “vilas” não proporcionam outros benefícios em relação à cidade, segundo apontam os alunos que responderam o questionário para esta pesquisa.

**Gráficos 05 e 06** –Impressão que a população tem acerca da segurança dos condomínios.

**Gráfico: 05**

**Gráfico: 06**



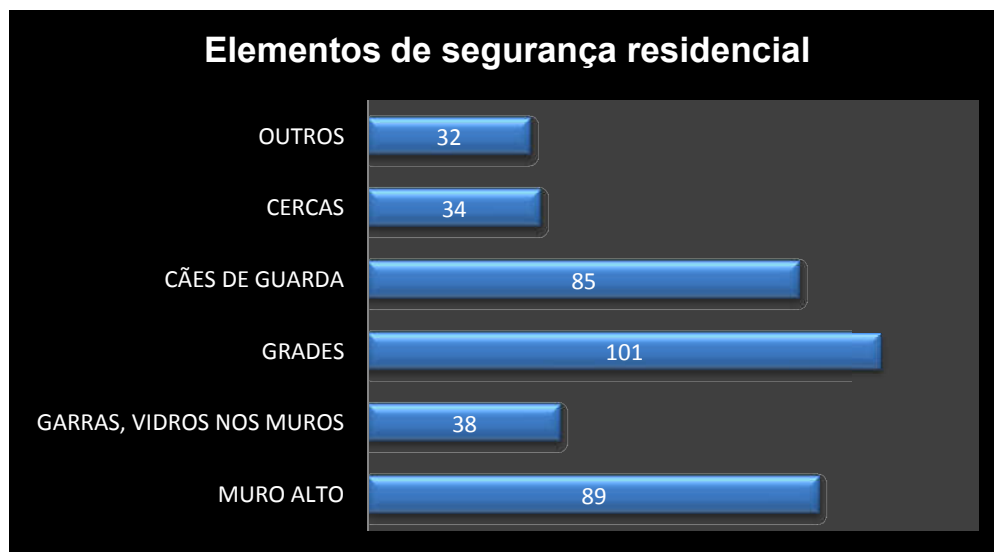
**Fonte:** 200 Questionários

**Organização:** OLIVEIRA, M. G. 2018.

O marketing utilizado pelos agentes produtores desses espaços de segregação que se utilizam do território como recurso, por meio dos seus equipamentos de segurança conseguem criar uma atmosfera de tranquilidade para uns e de exclusão para outros. Nesse sentido, os gráficos 05 e 06 revelam que a grande maioria dos alunos entrevistados não reside em condomínios, mas, contraditoriamente, acreditam que nesses lugares a vida é mais segura. Compreende-se, ainda, que o imaginário da população recai sob a ideia da segurança publicitária, uma vez que os condomínios construídos em Pilar possuem pouquíssimos equipamentos de segurança e mesmo assim parecem ser mais seguros do que as residências normais. Não por acaso, explica Bauman (2009, p, 72) que as relações humanas, nesse contexto, se reduzem a um conflito que coliga espaços públicos e privados, e no espaço público estão as lojas vendendo mecanismos defensivos destinados a manter as pessoas afastadas, no seu mundo privativo.

Dessa forma, o quadro que se constrói no município de Pilar é que os equipamentos de segurança são paliativos para os transtornos que a violência e o medo causam. Questionados sobre os equipamentos de segurança que utilizam em suas residências, os alunos apontaram as alternativas correspondentes aos itens que contribuem para deixar as suas residências mais seguras. Esta questão também revela que aqueles residentes nos bairros tomados por territorialidades do tráfico de drogas, não possuem muitas alternativas senão alguns ferrolhos, correntes e cadeados atrás das portas (no questionário identificado como outros). O gráfico 07 indica os equipamentos de segurança mais utilizados nas suas residências.

**Gráfico 07 – Elementos de segurança mais utilizados nas residências**



**Fonte:** Questionários

**Organização:** OLIVEIRA, M. G. 2018.

Verifica-se que a arquitetura das residências vai se transformando em prisões que privam os que estão de dentro e os que estão de fora e assim, se vão as pontes sociais, os espaços de solidariedade, os espaços de encontros que possibilitam a socialização dos interesses comuns. Dessa forma, a exposição às ameaças é incansavelmente explorada pelos meios de comunicação de massa na guerra pelos índices de audiência, (incrementando, assim, o sucesso dos dois usos, político e mercadológico, do capital do medo), como bem esclarece Bauman (2009, p. 55).

Diante dessa realidade, a variedade mercadológica da indústria do medo da violência apresenta um quadro de violência que na verdade, ainda nem existe, porém a mídia se encarrega de difundir como um produto que está prestes a ser lançado no mercado, e antes mesmo de chegar já possui os seus consumidores, ansiosos para desfrutar dos 'benefícios' que oferecem.

## **2.2 - Banho de sangue em Pilar: a repercussão para além do território alagoano – os homicídios na mídia digital**

As estratégias territoriais utilizadas pelos meios de comunicação, decorrentes do desenvolvimento técnico e científico-informacional que encurta as distâncias entre emissores e receptores, em tempo real, transmitem mensagens e ideologias que chegam às pessoas de diferentes classes sociais em todo o mundo, sempre em conformidade com o interesse dos agentes hegemônicos que os controlam. Assevera Teruya (2006, p. 102) que “as mídias estão transformando a sociedade, já é impossível não se atentar aos efeitos que os usos desses meios de comunicação estão causando”. Para a autora, “as mídias invadiram e deixaram suas marcas em nosso universo”. No entanto, é importante ressaltar que a era digital da informação não chegou igualmente para todas as pessoas, uma vez que os fatores que incluem uns são os mesmos que excluem outros.

As interpretações dadas aos fatos estão alinhadas à lógica de mercado. Importantes empresas patrocinam programas de rádio, TV e páginas na internet beneficiando e sendo beneficiadas pela visibilidade desses meios de comunicação. Assim, as emissoras travam lutas e contratam os melhores profissionais para criar programas que atraiam o público, gerem audiência e, conseqüentemente, lucro. Sibilia (2008, p. 10) alerta que dentro e fora das mídias à criação pode ser “capturada pelos tentáculos do mercado”. Com isso, o capitalismo contemporâneo e seus interesses na produção e no envolvimento dos sujeitos com as mídias tendem, à interatividade por meio da criatividade que tem se tornado um combustível para o modo de produção vigente.

A manipulação desses meios de comunicação não tem limites. No Brasil, a Rede Globo possui 38,7% do mercado; o bispo Edir Macedo (maior acionista da Rede Record), 16,2% e Silvio Santos (SBT), 13,4% do mercado da telecomunicação

no país. O mercado editorial do país é dominado pelas Organizações Globo junto com o Grupo Abril. No que se refere a mídia impressa, tradicionais famílias de nomes conhecidos na política nacional são donas de importantes veículos de informação – a família Frias (Folha de São Paulo) e os Mesquita (O Estado de S. Paulo). No Rio Grande do Sul, os Sirotsky (Grupo RBS, controlador do jornal Zero Hora, tevês, rádios e outros diários regionais); os Magalhães, na Bahia; os Sarney, no Maranhão; e os Collor de Mello, em Alagoas, segundo dados do Observatório da Comunicação Institucional (OCI, 2018).

Os detentores do poder da informação agem no território exercendo a influência que possuem para valorizar o que lhes convém, as ideologias políticas partidárias aparecem fortemente nas formas como são tratadas e transmitidas as informações, a imparcialidade da notícia se esconde atrás das intenções politicamente e economicamente definidas. Se os eventos são favoráveis, merecem destaque, mas se são contrários não são noticiados.

A violência rende reportagens de grande audiência para os programas de cunho investigativo e sensacionalistas. As chamadas desses programas colocam em evidência os crimes que mais repercutem nas comunidades. São homicídios simples ou qualificados, com ou sem dolo e culposos que estampam as manchetes dos jornais impressos, digitais, transmitidos via rádios ou televisionados, reproduzindo a “cultura do medo”. Adverte Glassener (2003, p. 100) que a TV é capaz de nos fazer acreditar na interpretação das notícias tendenciosamente transmitidas. Assim, “veja uma quantidade suficiente de brutalidade na TV e você começará a acreditar que está vivendo em um mundo sombrio, em que se sente vulnerável e inseguro” (GLASSENER, 2003, p. 100).

Os programas jornalísticos e sensacionalistas dão ênfase aos crimes e todos os tipos de violência, despertando o medo e fazendo movimentar a indústria da violência e o mercado dos equipamentos de segurança. Assim,

Os programas e tele-jornais que hoje pontuam na mídia se baseiam principalmente em sair à caça de audiência a qualquer custo, usando para tanto de exibicionismo e “show jornalismo” afrontando o mínimo a decência e moralidade. Essa busca constante por índices de audiência, sem importar o meio para tanto, vem tomando proporções alarmantes, gerando sobretudo uma banalização do conteúdo que por ora deveria ser no mínimo discutido e levado a níveis capazes de gerar conhecimento e soluções. (PAIXÃO, 2007, p. 8).

A dramatização e o exibicionismo dos apresentadores desses programas intensificam as notícias. A lógica dos meios de comunicação é transmitir notícias que prendam a atenção do público, seja no formato digital ou impresso, as notícias precisam ser mais elaboradas para despertar mais atenção e obter mais audiência.

Analisando as reportagens publicadas no período compreendido entre janeiro de 2010 a dezembro de 2014, no jornal digital *gazetaweb.globo.com*, 104 manchetes de cunho policial envolvendo o município de Pilar foram encontradas, entre elas, destacam-se as reportagens listadas no quadro 03:

**Quadro 03 –**Manchetes dos crimes que mais repercutiram em Pilar no período 2010/2014.

<b>Crimes de maior repercussão em Pilar - 2010 a 2014</b>			
<b>Data</b>	<b>Manchete</b>	<b>Local da ocorrência</b>	<b>Situação/Inquérito</b>
23/10/2010	<i>Dois homens são mortos na Chã do Pilar</i>	Rua da Paz - Chã do Pilar	Em andamento
04/12/2010	<i>Jovem é assassinado com quatro tiros</i>	Conj. Edith França - Chã do Pilar	Não encontrado
13/05/2011	<i>Ameaça em escola gera clima de medo</i>	Caic (Arthur Ramos) - Chã de Pilar	Não encontrado
28/10/2011	<i>Dois morrem e menino fica ferido em Pilar</i>	Rua da Paz - Chã do Pilar	Em andamento
04/10/2012 A 08/02/2013	<i>Ossada de garota é encontrada no Pilar</i>	Fazenda Matinha - Chã do Pilar	Concluído com autoria
10/10/2012	<i>Rapaz é morto durante conversa</i>	Rua Sta. Rita – Pç. João do Brás em Chã do Pilar	Em andamento
05/11/2013	<i>Mãe e filha são assassinadas</i>	Táxi - Rodoviária da Chã do Pilar	Spp
09/11/2013	<i>Banho de sangue no Pilar</i>	Marreca e Rua do Forno	Concluído sem autoria
25/07/2014	<i>Adolescente é assassinado</i>	Conj. Benedito Cavalcante - Chã do Pilar	Em andamento
30/10/2014	<i>Atentado no Pilar deixa um morto e três feridos</i>	Conj. Sebastião Vicente Melo	Em andamento

**Fonte:** Gazeta Web/ Gazeta de Alagoas.

**Organização:** OLIVEIRA, M. G., 2017.

Dentre as reportagens destacadas no quadro 03, apenas uma delas contém informação sobre um homicídio ocorrido na parte baixa da cidade. Sem nenhuma intencionalidade, as reportagens que mais chamaram atenção foram listadas da seguinte forma: duas por ano durante o período da pesquisa que ao serem

analisadas, constatou-se a concentração dos crimes em Chã do Pilar. Das dez reportagens listadas, duas delas foram registradas na Rua da Paz. Esta rua foi indicada pelos alunos como um território tomado pelo tráfico de drogas na região de Chã do Pilar. Outra reportagem aborda um homicídio registrado no Conjunto Edite França, bem próximo a Rua da Matinha, onde ocorreu outro crime que mereceu destaque. Trata-se de um crime contra uma menina de sete anos de idade, que abalou a população pilarense pela monstruosidade sem precedentes. Durante meses o site da *A Gazeta de Alagoas* acompanhou o caso, publicando diversas reportagens sobre o andamento das investigações até que a autoria da atrocidade foi identificada.

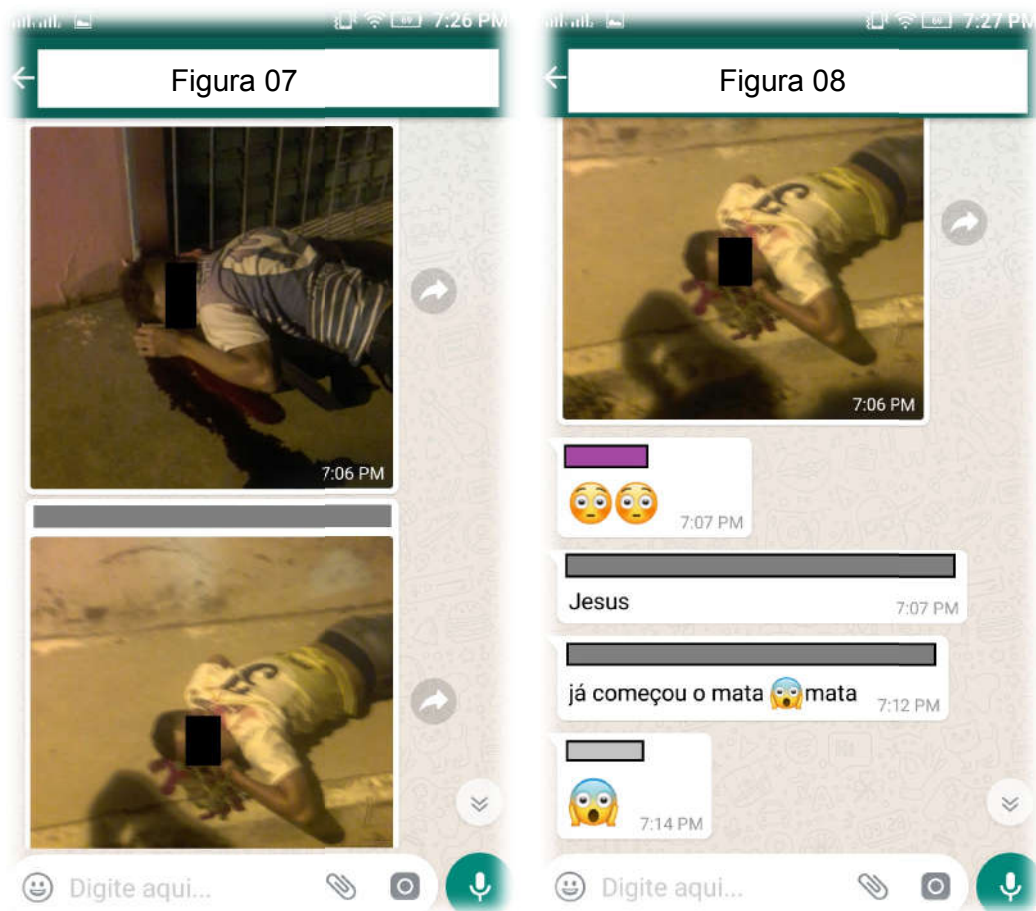
Destaca-se também a manchete intitulada *Banho de Sangue em Pilar*, que trata da morte de três criminosos que teria sido motivada pela briga por delimitação de território entre grupos criminosos. O último a morrer, foi um traficante indiciado pela morte de outras pessoas ligadas ao tráfico de drogas no município. Os inquéritos instaurados para investigar essas mortes foram concluídos sem identificação de autoria, ainda que a última tenha acontecido em confronto com a polícia.

Nos outros casos destacados, os inquéritos ainda estão em andamento em função da complexidade dos mesmos, pela falta de pistas e de testemunhas, o que constitui grande entrave para a elucidação dos crimes. Os casos noticiados pelo site *gazetaweb.globo.com* que não foram encontrados no sistema policial da 23ª DP-Pilar são crimes que não possuem boletins de ocorrência registrados no período. Estes são diferentes do homicídio ocorrido dentro de um táxi próximo a rodoviária de Chã do Pilar vitimando mãe e filha. Uma criança de apenas dois anos de idade, que segundo o site, não eram os verdadeiros alvos dos criminosos. Como as vítimas não eram residentes em Pilar, o crime está sendo investigado pela Divisão Especial de Investigação e Capturas (Deic), em Maceió.

As narrativas sobre o crime são fortalecidas pela presença constante de notícias sobre homicídios na cidade. Através dessas notícias a população cria suas concepções sobre a violência e as reproduzem nas redes sociais. São depoimentos, angústias e medos que se ampliam a cada nova ocorrência. Os grupos de WhatsApp também reúnem fotos, vídeos e mensagens que revelam como as

As pessoas têm interagido com as mídias, trocando informações de maneira instantânea, compartilhando ocorrências de todas as naturezas. As figuras de 07 a 12 revelam os diálogos registrados em um grupo de WhatsApp poucas semanas antes do Festival do Bagre<sup>2</sup> em dezembro de 2017 quando foram registrados no município, quatro homicídios na mesma noite.

**Figuras 07 a 12** – Diálogos sobre a violência em Pilar através do aplicativo WhatsApp

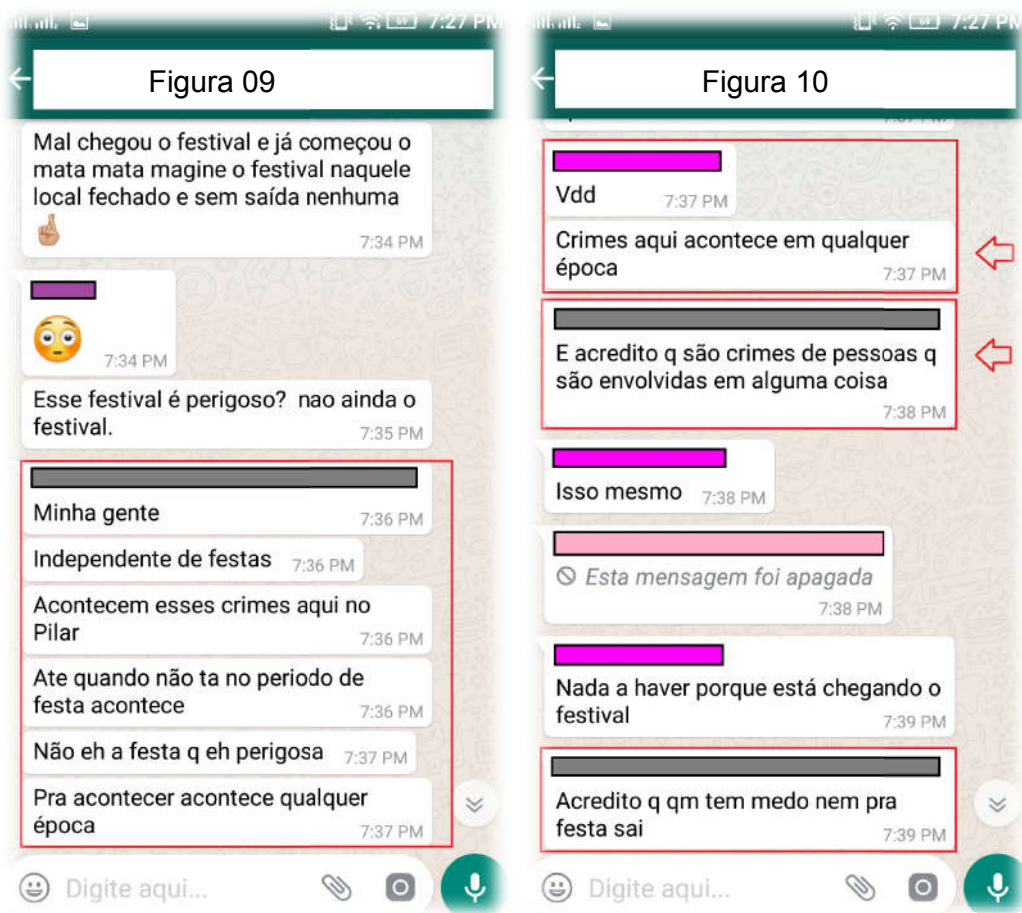


Fonte: WhatsApp.  
Adaptação: OLIVEIRA, M. G., 2017.

As figuras 07 e 08 mostram o compartilhamento de imagens sobre um duplo homicídio que houve na Chã do Pilar em 29 de novembro de 2017. Em seguida, os membros do grupo começam a conversar sobre as postagens das fotografias

<sup>2</sup> Tradicional festa realizada anualmente em comemoração as pescas do peixe bagre nas águas da Lagoa Manguaba.

anteriores. Compreende-se que a preocupação é maior com a segurança da população que pretendia ir a festa que se aproximava do que com os crimes que acabaram de acontecer e ser informados na rede social. Nas imagens 09 e 10, o diálogo segue em defesa da festa e com a convicção que crimes dessa natureza, são comuns e sempre acontecem no município.



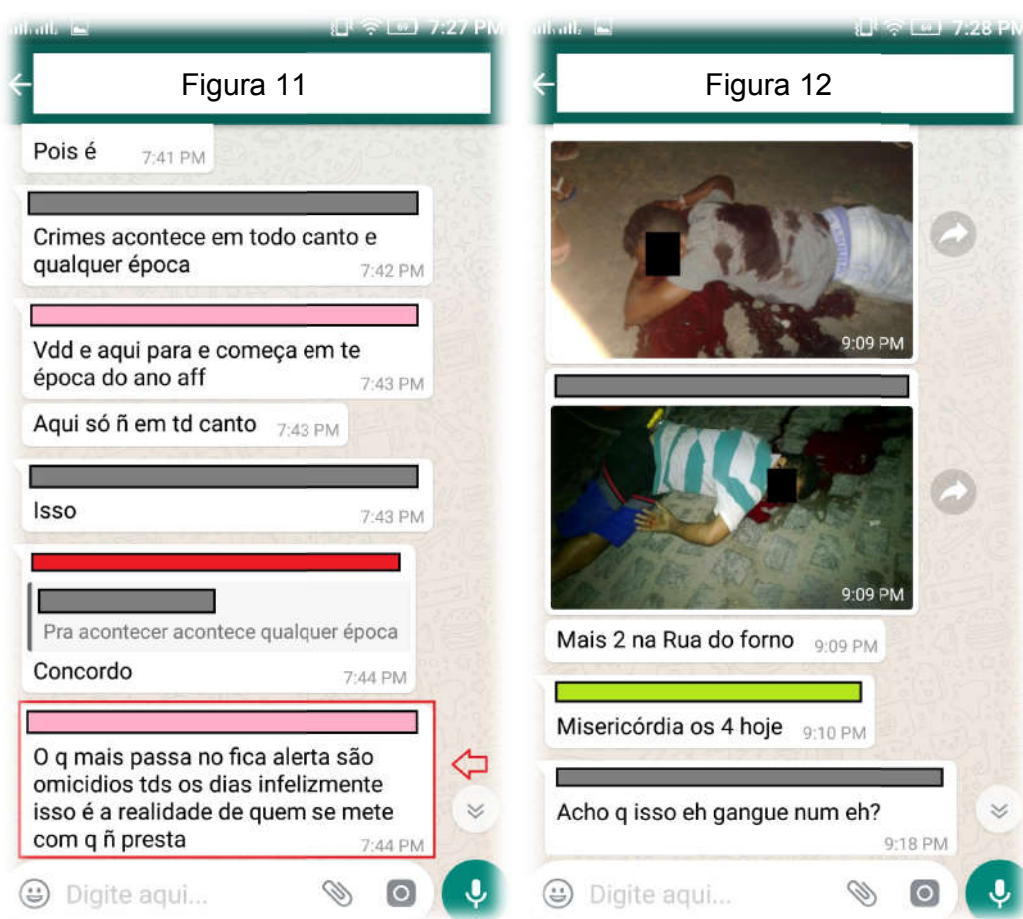
**Fonte:** WhatsApp.

**Adaptação:** OLIVEIRA, M. G., 2017.

A figura 09 denuncia a inquietação dos membros do grupo acerca dos crimes de homicídio que acontecem em qualquer época do ano no município de Pilar e a figura 10 revela que os crimes em discussão teriam vitimado pessoas envolvidas com “alguma coisa” deixando subentendido que seria “alguma coisa errada”. Destaca-se ainda o último texto da imagem que sinaliza o medo de “sair para as festas” em decorrência da onda de violência que circunda a cidade.



É consenso entre os que compõem o grupo que os crimes ocorrem no município em qualquer época do ano e que estes crimes são frequentemente noticiados pelos programas das tevês locais. Em última postagem no grupo, mais duas imagens da violência homicida são compartilhadas, mas já não causam novas impressões. Vale ressaltar que este é o grupo de uma loja de confecções que foi criado para compartilhar os lançamentos das coleções de moda que chegam a loja, no entanto, conversa-se sobre todos os assuntos que chamam atenção dos membros.



Fonte: WhatsApp.  
Adaptação: OLIVEIRA, M. G., 2017.

A figura 11, estampa a manifestação de outros membros do grupo, para eles esses tipos de crimes acontecem em “todo canto e em qualquer época”. Não estando, pois, relacionado com o período do Festival do Bagre que aconteceu em dezembro de 2017. A figura 12 revela a banalidade da vida e a forma como as

mortes em Pilar são percebidas pelos membros do grupo. São quantificáveis: “mais 2 na Rua do Forno”; “Misericórdia, os 4 hoje”. As mensagens são seguidas por uma suposição para autoria dos crimes e ninguém comenta mais nada sobre o assunto.

As figuras de 07 a 12 mostram os diálogos sobre quatro mortes que foram registradas no município. Todas elas, segundo o delegado responsável pela 23ª DP, ligadas as dívidas de drogas, “no final do ano a contabilidade do crime é fechada e quem não paga, perde a vida<sup>3</sup>”. Esse tipo de “acerto de contas” foi o motivo da discussão no grupo onde se pressupõe que o “mata-mata” ocorra em qualquer período do ano, acredita-se também que os crimes estejam relacionados às “gangues” e deixam claro que a repercussão desse tipo de ocorrência na mídia é comum, haja vista a regularidade com que acontece. Assim, concluem que “essa é a realidade de quem se mete com o que não presta”.

Assim, o fenômeno da violência amplia o medo que é sentido a cada nova ocorrência compartilhada pela mídia e pelas pessoas nas redes sociais. Diariamente acompanha-se na mídia que a expansão criminosa das facções vitimiza membros de grupos rivais, pune aqueles que temem em ser presos e pensam em desistir do tráfico. Estes, assim como os membros qualificados como traidores que entregam os planos de expansão dos grupos para a polícia ou para os chefes de outras facções, são impiedosamente torturados e mortos.

As manchetes mais alarmantes são as mesmas que rendem mais audiência, quanto mais impactante, melhor. Assim, os meios de comunicação supervalorizam essas ocorrências e influenciam o estilo de vida nas cidades, se utilizando dos diversos equipamentos de segurança criados e comercializados por meio da publicidade excessiva dos programas de TV, rádio e internet, que vendem a materialidade do sentimento de segurança e obtêm vultosos lucros nas relações de mercado legal e ilegal como produtor e produto do medo da violência.

---

<sup>3</sup> Conversa com Dr. José Carlos André dos Santos, Delegado da 23ª DP-Pilar em 22/01/2018.

### **2.3.Os homicídios em Pilar a partir dos inquéritos policiais**

Partindo do pressuposto que os homicídios que mais repercutem na mídia são mais complexos e por esse motivo estão em andamento, houve a necessidade de trabalhar com os inquéritos concluídos e disponibilizados pela 23ª DP-Pilar. Dos 195 homicídios registrados no período de 2010 a 2014 que vitimaram 204 pessoas, apenas dez inquéritos de homicídios entre simples e qualificados, foram obtidos para análise. Contudo, o balanço dos homicídios indica 83 inquéritos concluídos, 94 em andamento e 19 sem procedimento posterior.

Homicídio é um crime que viola o bem mais valioso do ser humano. Ou seja, a vida. Para Hungria e Fragoso (1979, p.25) “homicídio é a morte de um homem provocada por outro homem. É a eliminação da vida de uma pessoa praticada por outra. O homicídio é o crime por excelência”. O Código Penal brasileiro distingue os homicídios em modalidades:

- Homicídio simples (art. 121, caput) constitui tipo básico que contém os componentes essenciais do crime;
- Homicídio privilegiado (§1º) Leva em conta as circunstâncias de caráter subjetivo;
- Homicídio qualificado (§2º) Compreende que o fato possui agravantes que demonstram maior grau de criminalidade da conduta do agente;
- Homicídio culposo (§ 3) Constitui a modalidade culposa do delito de homicídio seja por imprudência, negligência e imperícia (CP, art. 18, II).

Assim, o homicídio é um crime punível, ainda que a morte em si não seja consumada. Existem quatro tipologias de tentativas de homicídios:

- A tentativa imperfeita (ou propriamente dita) que ocorre quando o processo executivo foi interrompido ao meio, sem que o agente pudesse esgotar suas potencialidades de hostilização;
- A tentativa perfeita ou acabada (também denominada de crime falho) que ocorre quando o agente esgota o processo de execução do crime,

fazendo tudo o que podia para matar, exaurindo a sua capacidade de vulneração da vítima, que, não obstante, é salva;

- A tentativa branca (ou incruenta) assim chamada por não resultar qualquer ferimento na vítima, por erro de pontaria ou falta de conhecimento no manuseio da arma, por exemplo;
- A tentativa cruenta que ocorre quando a vítima sofre ferimentos. (CAPEZ, 2007, p. 18).

A forma como os agentes criminosos criam suas territorialidades e se organizam, se deve às condutas de omissão e negação das normas que regem a vida em sociedade. Partindo desse pressuposto, analisar-se-á os inquéritos dos homicídios, registrados no município de Pilar no período de 2010 a 2014.

#### **Inquérito 01** – Data: 07 de fevereiro de 2011

*Vítima, uma mulher de 27 anos de idade, solteira, analfabeta, residente na Rua Santa Luzia, no bairro Santa Luzia, na Chã do Pilar, próximo a “Rua do Forno”. Foi morta a golpes de facão por um homem que tentara, sem sucesso, relacionar-se sexualmente com a vítima. Segundo o relatório policial, as 3h da manhã o indiciado teria ido a casa da vítima para relacionar-se com ela, mas ao ser rejeitado, a golpeou na região do crânio com facão e evadiu-se do local tomando rumo ignorado. As testemunhas afirmaram que o indiciado era um homem violento e que ele tentara outras vezes a relação sexual com a vítima. Diante disso, o delegado responsável pela investigação, representou ao Ministério Público a prisão preventiva do indiciado tendo em vista a periculosidade do agente e a crueldade com que fora cometido o homicídio qualificado por motivo fútil e porque a vítima não teve possibilidade de defesa.*

Nesse caso, o crime ocorreu no momento em que os envolvidos apresentavam estado de embriaguês. O motivo teria sido a tentativa frustrada de um relacionamento extra-conjugal do indiciado com a vítima. Dessa forma, o inquérito

que investigou esse crime foi concluído com autoria. É importante destacar que esta ocorrência não apareceu nas manchetes de jornais e nem repercutiu na cidade, uma vez que a vítima era simplesmente uma moradora como outras quaisquer de um bairro periférico onde esse tipo de violência é constante. Logo, o caso não ganhou visibilidade, não foi compartilhado nas redes sociais e nem foi destaque nos programas de televisão.

**Inquérito 02** – Data: 12 de julho de 2011

*Vítima, um jovem de 20 anos de idade, residente na Travessa São José, na Chã do Pilar. Foi assassinado após uma tentativa de homicídio falha que planejava tirar a vida do seu padrasto. Segundo o relatório policial, o indiciado aguardava o ônibus para ir ao trabalho quando foi surpreendido por um rapaz de moto e capacete que sacou uma arma e atirou contra ele o atingindo de raspão. Sem pensar duas vezes, o indiciado entrou em luta corporal com o jovem e o desarmou. Em seguida, disparou três vezes contra o rapaz sem saber que era o seu enteado e fugiu. Esse mesmo jovem havia sido indiciado anteriormente por tentativa de homicídio, tortura e disparo de arma de fogo. As testemunhas que presenciaram o crime afirmaram que o indiciado reagiu à tentativa de homicídio e acabou matando o rapaz.*

A pesar de o crime ter sido registrado próximo a Rua São José e envolver moradores dessa mesma rua onde o tráfico de drogas é intenso, o relatório policial não faz menção a esta especificidade. Trata-se do reflexo de uma situação familiar conflituosa, cuja violência e o desejo de extinção foram determinantes para findar a vida daquele que sempre esteve bem próximo.

**Inquérito 03**– Data: 16 de outubro de 2011

*Vítima, um homem de 24 anos de idade, servente de pedreiro, solteiro, residente na Avenida Edith da Conceição Carvalho – conhecida como Morro do Macaco. Foi assassinado a golpes de faca por um sujeito de alta periculosidade que responde por*

*pelo menos quatro ocorrências anteriores: Tentativa de homicídio, Homicídio qualificado, Roubo de celular e Furto. Segundo o relatório policial, o indiciado assumiu a autoria do crime afirmando que tinha planejado a morte da vítima quando ficou sabendo que a vítima planejava a sua morte. Dessa forma, o indiciado teria se adiantado em relação à ação planejada pela vítima para lhe tirar a vida. As testemunhas ouvidas pelo delegado responsável pelo caso, afirmaram que o indiciado cometeu o crime com ajuda de comparsas que teriam dado cobertura no momento do crime. No entanto, em seu depoimento, o acusado afirmou que agiu sozinho.*

Este crime envolve pessoas com diferentes graus de inimizade, inclusive, cogita-se que a vítima tinha dívida de drogas com o indiciado e tinha se negado a pagar. Este teria sido o motivo para que a vida da vítima foi ceifada com requintes de crueldades. Após ouvir as testemunhas, o indiciado e um dos comparsas, o delegado responsável pelo caso, no período, veio a requer ao Ministério Público a decretação da prisão preventiva dos envolvidos no crime, por serem considerados de alta periculosidade.

Este caso repercutiu na cidade devido à crueldade e a localização, haja vista que o Conjunto Jorge Barros – Morro do Macaco, está localizado na parte baixa da cidade. O crime revela que a banalização da vida torna-se cada vez maior, os crimes de homicídios representam cenas de horror que se agravam quando envolvem o tráfico de drogas. As testemunhas amedrontadas, preferem não se envolver, não saber, não ver e não opinar, temendo por suas próprias vidas. Negam ter presenciado os crimes e dessa forma não contribuem para o esclarecimento dos homicídios. Enquanto isso, criminosos fogem da justiça e da punição dos atos de violência causados no seio da sociedade.

**Inquérito 04** – Data: 04 de janeiro de 2012

*Vítima, um jovem de 16 anos de idade, residente na Rua Santa Rita, na Chã do Pilar, próximo a “Rua do Forno”. Foi morto em um território de grande vulnerabilidade social. Não houve*

*testemunhas que pudessem auxiliar a investigação, bem como, os depoimentos colhidos não forneceram nenhuma pista sobre a autoria do crime. Assim, após diversas diligências ao local do crime, sem êxito, o delegado viu a necessidade de corroborar como o inquérito com diligências posteriores, no caso de surgir novidades que atendam a ocorrência.*

O inquérito aberto para investigar este homicídio foi concluído sem autoria e sem detalhamento do perfil da vítima e da ocorrência em si. Esta é mais uma morte de um jovem registrada no município que não se sabe o que motivou o crime. Sabe-se apenas, que foi em uma área periférica da cidade, onde o tráfico de drogas é intenso e que muitos atos de violência acontecem e torna a comunidade refém dos bandidos.

**Inquérito 05** – Data: 25 de março de 2012

*Vítima do sexo masculino residente na Rua Barão de Mundaú, no bairro de Pernambuco Novo. Foi assassinada na Orla Lagunar de Pilar por um agente da polícia que foi agredido no rosto pela vítima que o desmoralizava diante dos amigos cujo indiciado estava reunido, em um dia de folga, bebendo. No momento em que o Militar ia embora para a sua casa, foi novamente agredido, então sacou sua arma e reagiu as agressões matando o rapaz com disparos de arma de fogo.*

Trata-se de pessoas em situações conflituosas que, após ingerirem bebidas alcoólicas tiveram ações desmedidas. A ocorrência repercutiu na cidade, mas não houve registro na mídia sobre esse assassinato. O inquérito foi concluído com autoria, mas a pena do indiciado não consta no relatório. Segundo o inquérito, vítima e indiciado eram amigos de infância, amigos de ambos afirmaram que a vítima era uma pessoa boa, mas que apresentava problemas.

**Inquérito 06** – Data: 22 de junho de 2013

*Vítima, um jovem de 17 anos de idade, estudante, residente no Conjunto Frei Damião na Chã do Pilar. Foi assassinado na Fazenda Floresta, na zona rural de Pilar, após ter sido raptado por três homens encapuzados que diziam ser policiais e andavam em um carro não identificado. Minutos depois, a polícia foi avisada sobre o barulho de disparos de arma de fogo nas proximidades da Fazenda Floresta. Segundo o relatório policial, as testemunhas pouco contribuíram para a elucidação do crime. Apenas uma testemunha afirmou que a vítima era usuária de drogas (maconha) e que andava em más companhias, inclusive, todos os seus maus companheiros haviam sido mortos.*

O inquérito foi concluído sem autoria até que surjam novas informações sobre a morte do jovem que residia em uma área periférica da cidade e tinha envolvimento com o tráfico de drogas.

**Inquérito 07** – Data: 22 de outubro de 2013.

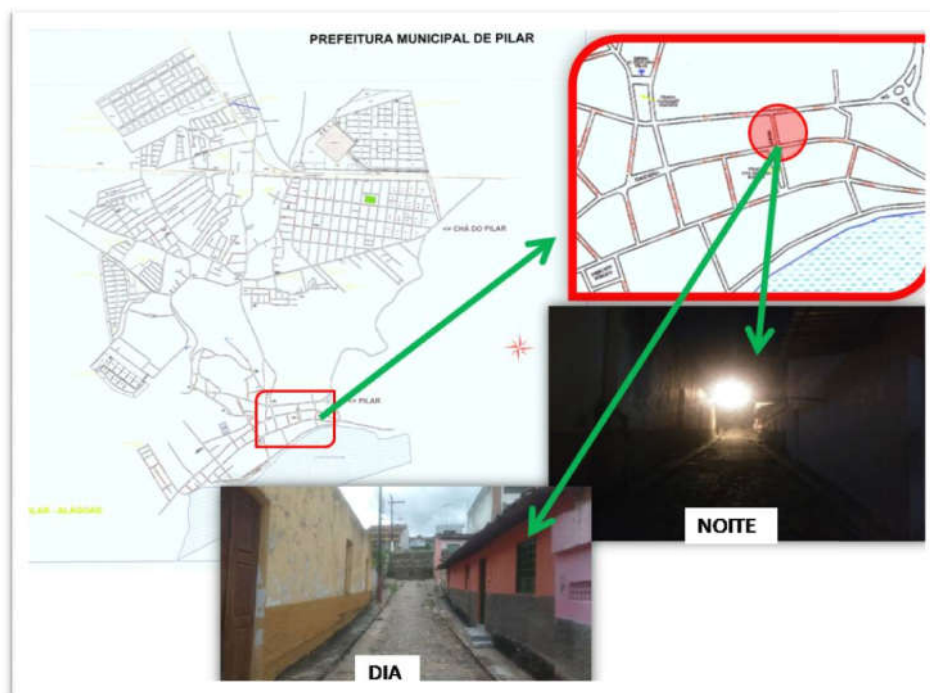
*Vítima, um jovem de 22 anos de idade, estudante, residente na Rua Getúlio Vargas, centro de Pilar. Este homicídio envolve um grupo criminoso responsável por várias outras mortes no município. Segundo o relatório policial, o assassinato do jovem teria sido motivado pelo desejo que a vítima tinha de vingar a morte do seu irmão e sem saber, pedira auxílio para a execução do plano de vingança justamente ao acusado de ter ceifado a vida do seu irmão. Dessa forma, o indiciado se antecipou e assassinou àquele que (sem saber quem tinha matado o seu irmão) planejava a sua morte. Vários crimes foram atribuídos ao grupo criminoso que domina as bocas de fumo em Pilar, o PCC (Primeiro Comando da Capital), como a morte de um jovem de 17 anos de idade, servente de pedreiro, analfabeto, residente na Rua da Paz, Chã do Pilar; um policial Militar residente no conjunto Jorge Barros, assassinado no posto de combustível*



*localizado na Chã do Pilar, onde trabalhava como segurança; um homem com pouca identificação no relatório policial, foi morto por membros do grupo próximo a caixa d'água na Praça Padre Cícero que fica na Ladeira do Cruzeiro entre a Chã e o centro de Pilar; uma mulher com 31 anos de idade, residente na Rua São José na Chã do Pilar foi assassinada na Rua Nossa Senhora das Graças por ter entregue uma arma e as drogas que vendia a um membro do grupo indicando assim o seu afastamento do tráfico por medo de ser presa. Estes são crimes associados a esse grupo criminoso que age em Pilar. O inquérito aberto para identificar a autoria do crime de homicídio que vitimou o jovem de 22 anos de idade, inicialmente citado, teve quatro pessoas indiciadas, uma delas foi morta em confronto com a polícia em novembro de 2013, outro indiciado é um pilarense, irmão do criminoso morto no confronto com a polícia, encontra-se foragido do estado e é procurado pela polícia com ordem de prisão decretada; o terceiro indiciado é natural de Tanque D'arca, gerenciava o tráfico de drogas em Pilar nesse período e também está foragido; e o último indiciado por esse crime é o chefe do tráfico de drogas no município, o mesmo teria dado a ordem para matar o jovem de dentro do presídio de Limoeiro, em Pernambuco.*

Esse inquérito deixa claro que o tráfico não permite falhas, fraquezas ou medos àqueles que entram para a vida do crime. Nesse inquérito, verifica-se uma “trama” de crimes que repercutiram na cidade devido a crueldade das mortes, motivadas quase sempre pela autoafirmação da liderança das bocas de fumo em Pilar e na Chã. Assim, as drogas circulam no município e são vendidas aos usuários. A título de exemplo, diariamente, no final da tarde e início da noite, jovens entre 15 e 25 anos se reúnem nas escadarias da Travessa Miguel Macedo, que fica nos fundos da igreja de Nossa Senhora do Rosário, para fumar maconha. Na figura 13, pode-se visualizar a travessa que dá acesso a Avenida Professor Arthur Ramos e a Rua Miguel Macedo.

**Figura 13** -Localização da Travessa Miguel Macedo



**Fonte:** Google Earth.

**Organização:** OLIVEIRA, M. G. 2018.

Nas proximidades da citada travessa, estão localizadas seis escolas de nível fundamental e médio, o que resulta em uma grande circulação de jovens nesse território temporário, que durante o dia é usado por estudantes e moradores para aguardar ônibus, conversar e encontrar os amigos. À noite é usado, sobretudo o para consumo de drogas. A população amedrontada fecha as portas e evita sair de casa a noite. O consumo de drogas nesse lugar é frequente, mas *“quando a ronda escolar passa, eles jogam as drogas no quintal da igreja e se dispersam”*, afirma um morador, que conclui: *“sem sucesso, a polícia vai embora e eles voltam a usar tudo de novo”*. Por sua vez, relata uma ex-moradora da travessa Miguel Macedo, *“a gente sentia o cheiro e via a fumaça, chegava a ficar agoniada, mas ninguém era doido de ir falar nada”*.

**Inquérito 08** – Data: 04 de novembro de 2013

*Vítima, um homem de 50 anos de idade, residente na Rua Avelino Cavalcante. Foi encontrado morto no canal sete dias após o seu desaparecimento registrado no dia 03 de novembro de 2013. Até presente momento, o autor do crime não foi identificado. Os depoimentos colhidos afirmaram que a vítima não tinha envolvimento com o tráfico de drogas, não tinha inimizades e desconheciam qualquer tipo de ameaça que a vítima pudesse ter recebido. De acordo com o relatório policial, não houve perícia no local do crime e nenhuma testemunha contribuiu para a elucidação do homicídio. Dessa forma, foram encerradas as diligências afetas ao caso sem que o autor fosse identificado.*

Nesse ínterim, ressalta-se a dificuldade que a polícia encontra para atribuir a autoria dos crimes que não apresentam indícios. A vítima era um homem que não apresentava outro vício senão a bebida alcoólica, residia em uma área periférica da cidade e o registro da sua morte não aparece na mídia. Não abala a comunidade e com isso, o seu caso é encerrado sem que o autor seja identificado e punido por falta de testemunhas e provas.

**Inquérito 09** – Data: 21 de dezembro de 2013

*Vítima do sexo masculino, 27 anos de idade, pintor, residente na Rua Avelino Cavalcante. Foi assassinada a tiros na rua da sua residência por um homem a mando da sua ex-mulher. Segundo o relatório policial, a vítima tinha se separado da sua esposa a pouco tempo por ter descoberto que ela era traficante de drogas. Inconformada com o fim do relacionamento, a mulher planejou e colocou em prática a execução do seu ex-companheiro. O homem acusado de ter executado a vítima tinha antecedentes criminais por tentativa de homicídio em 2011. A mulher é acusada de matar outro ex-companheiro, mas, não consta nenhum precedente em sua ficha criminal. De acordo com o*

*relatório policial, a prisão preventiva de ambos foi decretada devido a periculosidade dos indiciados.*

Nesse caso, os indiciados apresentavam comportamentos avessos a ordem pública. O tráfico de drogas na região onde o crime foi consumado é intenso. A traficante foi indiciada como autora intelectual do crime, pois estava determinada a ceifar a vida do seu ex-companheiro uma vez que não aceitava o fim do relacionamento.

#### **Inquérito 10** – Data: 13 de outubro de 2014

*Vítima do sexo masculino, 26 anos, desempregado, amasiado, analfabeto, residente na Praça Felipe Viana, s/n, próximo ao mercado da carne, Orla de Pilar. Foi assassinada por um traficante de drogas com residência em Rio Largo. O crime aconteceu no dia 12 de outubro de 2014 na rua Taboca Filho, próximo a cervejaria conhecida como “a casa do prefeito” no centro da cidade. Segundo o relatório policial, a ação teria sido provocada por uma discussão entre a vítima que era usuária de drogas e havia contraído dívidas com o traficante.*

A dívida de drogas constitui-se como fator determinante para o assassinato da vítima que era usuária. Após ouvir várias testemunhas que presenciaram o crime e confirmaram a identidade do indiciado, o delegado da 23ª DP-Pilar, no período, concluiu a materialidade e autoria do homicídio qualificado por motivo torpe e pela impossibilidade de defesa da vítima. Representando, assim, a prisão preventiva do indiciado que demonstrou total desprezo à possibilidade de punição pelo crime que abalou a comunidade local.

Consequentemente, a população pilarense sente os reflexos do crime, do tráfico que cria territorialidades e se impõe. Chega mesmo a evitar o contato visual com usuários e traficantes por medo de diferentes naturezas. Nessa perspectiva, aponta Hannah Arendt (1994, p.33) que “à violência sempre é dado destruir o poder; do cano de uma arma desponta o domínio mais eficaz, que resulta na mais perfeita e imediata obediência”. Obediência essa que é caracterizada pelo medo das práticas

que esses criminosos são capazes de causar, a brutalidade, a impiedade que dão lugar à morte.



### **3.1 A Violência como tema gerador de discussões a partir da sala de aula**

A Geografia tem como objeto de estudo o espaço geográfico, analisado sob diversas perspectivas e contextos. Pensando no contexto escolar, observa-se que a dinâmica social da escola, por exemplo, é influenciada por contextos que se dão além dos seus limites. Ou seja, a educação do aluno em família, se reflete na escola, da mesma forma que a sua ausência é observada pelos colegas e professores. Nesse sentido, a educação escolar vai além dos muros da escola, chegando aos lugares de maior representatividade na vida do aluno, envolvendo-o no processo de ensino aprendizagem perfazendo o caminho do presente, do agora, através da Geografia, —ciência do presente (PCNEM/BRASIL, 2000, p. 30).

Partindo desse pressuposto, percebe-se uma valorização dos conteúdos do currículo escolar que estão presentes na vida do discente, conforme os PCN+ (BRASIL, 2002, p. 43). A Geografia não é uma disciplina descritiva, em que os dados sobre a natureza, a economia e a população são apresentados a partir de uma sequência linear, como se fossem produtos de uma ordem natural. Com as novas tecnologias de informação, com os avanços nas pesquisas científicas e com as metamorfoses territoriais, o ensino de Geografia torna-se fundamental à apreensão e análise do mundo atual.

Atualmente, discute-se muito a violência e o crescimento da criminalidade nos grandes centros urbanos e, por conseguinte, de uma geografia da violência e da criminalidade que mapeia as ocorrências e procura relacioná-las com as condições como a população interage com o território. Tal interação proporciona condições para um maior conhecimento do mesmo e das suas especificidades, desde os bairros mais ou menos violentos, àquele mais ou menos “tranquilos”, onde a incidência de atos tidos como violentos se dão em menor intensidade.

Concomitantemente, os PCNs (1998) direcionam a forma como os conteúdos de geografia devem ser trabalhados. Neste caso, ao ser contextualizado dentro de temáticas a exemplo de segregação socioeconômica, a violência aparece como um resultado do processo de marginalização resultante das desigualdades. Assim, a importância de discutir e propor temas que possam contribuir com a redução das ocorrências da criminalidade e da violência, passa a constituir uma necessidade premente no processo de educação, especialmente no âmbito das ciências humanas.

Ora, a violência estrutural, gerada sobretudo pelo descaso do Estado, é legitimada pela sociedade que menospreza e julga como bandidos os moradores das periferias. Quando o Estado não cumpre com suas funções de promotor de bem-estar social, ele cria um cenário de violência que vai contra o cidadão que corre o risco de ser violentado ao transitar pelas ruas da cidade, pois,

São os moradores de áreas pobres e com escassos serviços urbanos os mais expostos a uma morte violenta e, vice-versa, são as classes sociais mais privilegiadas e que moram nos melhores lugares da cidade as mais protegidas desse tipo de vivência. Contrariamente aos homicídios, (...), são os moradores das áreas mais abastadas e com maior desenvolvimento urbano os que estão expostos a um maior risco de serem vítimas de roubos e furtos. (CANO apud SOUZA, 2008, p. 51).

Nesse sentido, percebe-se que pode existir uma diferença entre os crimes de acordo com a estrutura socioeconômica dos bairros. Tal compreensão também pode ser obtida mediante o processo de ensino aprendizagem desalienante, quando professor e alunos se propõem a refletir sobre a realidade a fim de compreendê-la e transformá-la. Desse modo, investigação das questões referentes à desigualdade socioeconômica e consequente segregação e a violência no contexto do ensino médio, por exemplo, são orientadas pelos parâmetros dos PCNEM, cujas as competências estão agrupadas nas demais disciplinas da área de Ciências Humanas (BRASIL, 2000, p. 35). Portanto,

A educação permite que o homem passe do reino das sombras, da superstição, para o reino da razão. Educar é transformar a humanidade. A tarefa de transformar a humanidade fica nas mãos de educadores que, por sua vez, não se transformam a si mesmos, e cuja missão é transformar os demais. (SANCHES VÁZQUEZ, 1977 p.158-159).

Se pensado seriamente, o exercício da profissão docente requer que o professor assuma perspectiva de mudanças diárias em um processo que pode não ser percebido rapidamente. Contudo, esse processo requer igualmente, o envolvimento de todos (alunos, professores, família e comunidade), pois só assim, as mudanças em relação ao medo e a violência poderão ser perceptíveis. Ou seja, quando todos os envolvidos lutarem por melhorias, seja na rua, no bairro, na cidade, mostrando-se como agente de transformação territorial.

Seguindo nessa perspectiva, foi elaborada uma sequência didática, desenvolvida durante o terceiro bimestre letivo de 2017, com o objetivo de compreender de que forma a violência homicida registrada no município de Pilar e transmitida em diversas mídias, influencia a vida urbana e o cotidiano dos alunos que cursam o ensino médio nas escolas estaduais localizadas na cidade. Foram realizadas leituras, pesquisas, discussões, aula de campo, entrevistas e rodas de conversas para relatos das experiências vividas por eles. As atividades resultaram em várias reflexões sobre o medo da violência que impede as pessoas de usarem os espaços comuns da cidade, como as praças e a orla lagunar.

Inicialmente realizou-se uma sondagem com trinta e quatro alunos do ensino médio da Escola Estadual Oliveira e Silva – EEOS, afim de identificar o significado de violência para eles. Tal prática se fez necessária para apreender o nível de conhecimento que possuíam sobre o tema e, assim, posteriormente desenvolver outras atividades com os mesmos. Através dessa atividade inicial, percebeu-se que 70,5% de alunos conseguiam distinguir violência de crime. Quando perguntado sobre o que entendiam por violência, responderam que violência consiste em machucar as pessoas com agressão física, homicídios e assaltos. É importante destacar que houve ainda quem afirmasse entender violência como a ausência de serviços básicos à população.

A sequência didática contou com uma explanação sobre território, violência e medo, partindo de definições simples de cada uma dessas categorias a fim de facilitar a observação dos elementos que seriam analisados durante o projeto “*Os muros na cidade: território usado, violência e medo em Pilar/Alagoas*”. Através da categoria território, trabalhou-se as formas como cada agente realiza sucessivas obras e nele estabelece as mais diversas relações. Sobre violência, foram



apresentadas definições e tipologias. Em seguida, mostrou-se as taxas de homicídios registradas no município e algumas reportagens para que eles analisassem as reportagens e destacassem as que mais despertassem a sua atenção. Por fim, foi trabalhado o medo como um sentimento comum de todos os seres vivos, mas que apresenta variação conforme o meio e as experiências individuais de cada um. Nesse sentido, vale observar que as ocorrências registradas no município e divulgadas pela mídia contribuem para ampliar a sensação de medo da população local.

Durante a sequência didática houve uma aula de campo para conhecer alguns espaços residenciais fechados (condomínios) localizados na cidade, onde os alunos puderam entrevistar alguns moradores e fotografar a realidade de tais espaços que são, muitas vezes, estereotipados pela mídia e pela própria sociedade como o melhor lugar para se viver.

A aludida aula de campo destacou-se dentre as atividades desenvolvidas durante o processo de pesquisa, pois representou uma “porta de entrada” para o conhecimento *in loco* sobre os temas trabalhados. Parte significativa dos alunos jamais tinha entrado em um condomínio antes, e assim teve a oportunidade de conhecer a realidade daqueles que vivem nesses espaços. O momento de visita foi também o momento para entrevistar os moradores e responsáveis pelos condomínios. As entrevistas revelaram que dos vinte e seis espaços residenciais identificados na cidade de Pilar e em Chã de Pilar, onze apresentam muros altos e portões para impedir o acesso de estranhos. Ou seja, daqueles não residem ali. Os outros empreendimentos residenciais fechados apresentam além dos muros e dos portões, outros equipamentos de segurança e monitoramento como cercas elétricas, câmeras de vigilância, portaria ou porteiro eletrônico e vigia noturno.

Há, ainda um clube residencial que tem como elemento de publicidade o sonho da moradia em um espaço com infraestrutura completa. No entanto, o que se constatou foi que se trata de um espaço murado com uma guarita e um portão na entrada/saída como os outros espaços residenciais fechados que existem na cidade, e o playground, a churrasqueira, o salão de festas, a quadra poliesportiva e área verde que foi divulgada ainda estão no projeto e sem previsão para realização da obra.

A infraestrutura desses espaços residenciais fechados também foi elemento de grande discussão entre os alunos que pensavam que a moradia em vilas, condomínios e residenciais eram mais cômodas do que nas vias públicas da cidade. A ausência de iluminação, pavimentação e saneamento na Vila Santa Rita, na Chã do Pilar, deixou os alunos confusos sobre o verdadeiro motivo pelo qual os moradores escolheram esse tipo de espaço para viver, por se tratar de residências com mesma estrutura e nível de preço de outras edificações recentemente construídas em outros lugares da cidade. No entanto, quando questionados pelos alunos, o morador responsável pela vila respondeu que lá ele sente segurança e mais tranquilidade do que em outros lugares. A propósito, as figuras 14 A e 14 B revelam essas condições adversas encontradas na vila.

**Figura 14 A – Entrada da Vila Santa Rita**



**Figura 14 B – Antena de telefonia e muito entulho no final da Vila**





Os dois espaços residenciais ilustrados pelas quatro (4) figuras anteriores revelam que a infraestrutura não condiz com a propaganda sobre os condomínios fechados. Neles não existem áreas de lazer e nem os inúmeros equipamentos que fazem parte dos estereótipos dos condomínios que teoricamente os tornam mais atrativos e seguros. Contudo, foi possível perceber o apreço que os moradores possuem por essas residências ao justificarem que como a rua é fechada e sem saída, o acesso torna-se restrito e reduz o risco de pessoas desconhecidas ficarem transitando nas imediações das suas casas. Dessa forma, através da atividade de campo, os alunos compreenderam como os diferentes agentes se apropriam do território e observaram a materialização do medo da violência a partir da edificação de muros e portões que limitam o acesso de pessoas foras do convívio dos moradores.

Para finalizar a sequência didática, houve um diálogo com os alunos sobre as dinâmicas territoriais, a violência e o medo, a fim de compreender de que forma a violência homicida registrada no município de Pilar, divulgadas pela mídia, influencia o cotidiano da população e a vida urbana a partir da realidade vivenciada por esses alunos. Para tanto, foram utilizadas algumas reportagens para que fossem destacadas as que mais chamassem a atenção dos alunos para socialização com a turma, além disso, foi utilizada a crônica “*Segurança*”, de Luís Fernando Veríssimo que trata os condomínios como moradia de segurança máxima e inverte, comicamente, as situações de liberdade para os ladrões e de prisão para os condôminos.

Após a análise da crônica foram elaborados cartazes para apresentação em sala de aula sobre a compreensão dos alunos sobre os equipamentos de segurança utilizados nos condomínios do texto e sobre os equipamentos encontrados nos condomínios visitados na cidade. E mais, a permanência dos assaltos relatados no texto e na sensação de segurança que os moradores afirmaram sentir dentro dos condomínios da cidade. Também tratou-se da estrutura dos condomínios do texto “*as mais belas casas, os jardins, os playgrounds, as piscinas, mas havia, acima de tudo, segurança*” e a realidade encontrada nos espaços residenciais visitados.

Assim, chegou-se a conclusão que os condomínios do texto e os condomínios de Pilar são diferentes, pois mesmo sem todos os equipamentos de segurança citados no texto, eles chegam a representar um lugar mais seguro para viver se comparando as vias públicas onde os moradores estão mais vulneráveis aos crimes contra o patrimônio como roubos, assaltos e furtos. No entanto, outras tipologias de violência podem acontecer dentro dos condomínios, entre elas estão a violência contra a mulher, a criança e ao idoso, agressões físicas, homicídios, suicídios etc.

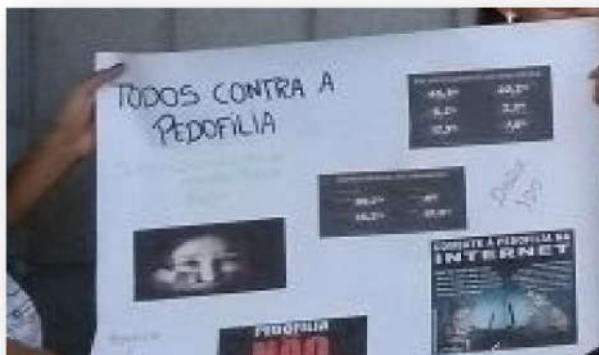
As figuras 16 A, 16 B e 16 C, foram registradas durante a confecção dos cartazes representando essas outras tipologias de violências citadas no interior dos condomínios, além do medo da violência externa, sobretudo a violência homicida que é registrada com grande frequência no município de Pilar, e faz a população migrar para uma moradia mais “segura”.

**Figura 16 A - Violência contra a mulher**

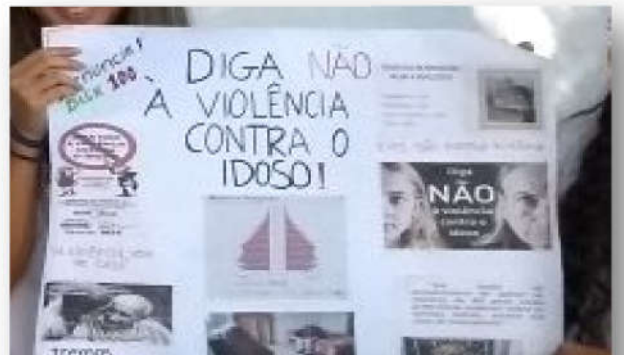


Fonte: FERREIRA, I. M., 2017.

**Figura 16 B - Violência contra as crianças**



**Figura 16 C - Violência contra os idosos**



O projeto apresentou resultados satisfatórios acerca do processo de aprendizagem dos alunos que conheceram a dinâmica territorial de Pilar conforme as ações dos diferentes agentes que criam e recriam as suas territorialidades. Compreenderam que existe propagação da violência que acaba por desencadear sensações de medo, impotência, frustração e outras patologias. Mas aprenderam, sobretudo, que a edificação de residenciais em ruas fechadas servem para autoproteção, segregação e enclausuramento da população que sofre com a onda de violência registrada nas cidades e noticiada diariamente pela mídia.

### 3.2 O medo da violência e a evasão escolar

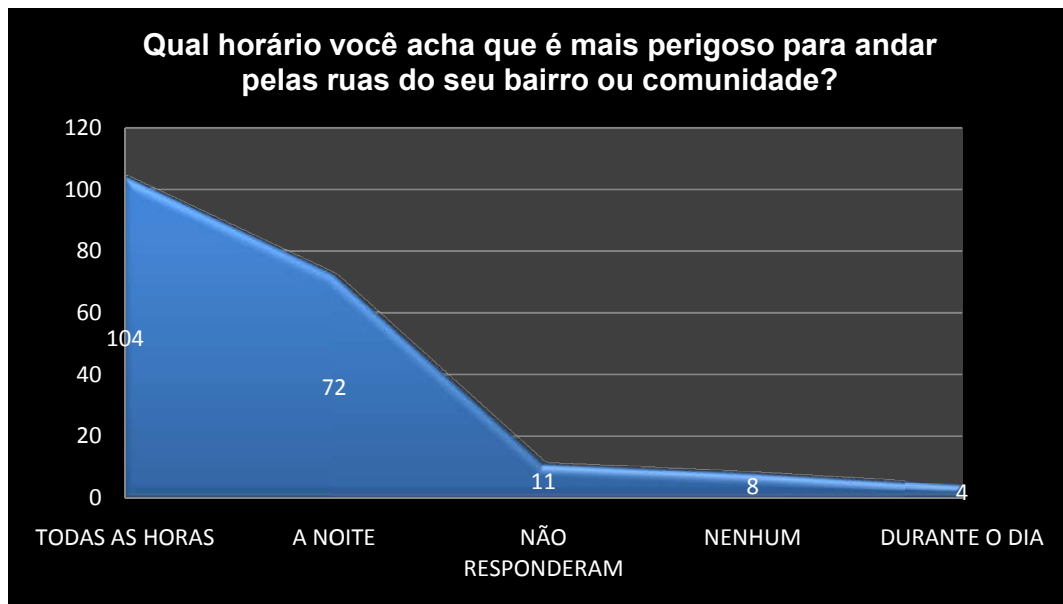
A violência se constitui em um dos maiores problemas do mundo atual, com força para definir e redefinir territórios e hábitos da vida urbana. Portanto, consiste em um fator de grande impacto na estruturação das relações interpessoais nas cidades. A propósito, a violência de cunho estrutural, é excludente e vitimiza as populações mais pobres, gerando um verdadeiro processo de criminalização dessa classe social, como se fosse um resultado indesejado da modernização que privilegia a produção e a exportação de mercadorias. Revelando, dessa forma, uma divisão do trabalho resultante de uma globalização fragmentada, fundamentada na produção e na circulação desnecessária, como assevera Silveira (2005, p. 160). Para esta autora,

Uma das consequências desse processo é a multiplicação e disseminação da pobreza nas diversas camadas sociais das regiões brasileiras. Com a ampliação do poder do sistema financeiro e de uma informação enviesada que reforça uma única interpretação da sociedade, as políticas públicas, mais do que compensar esse jogo de forças, acabam por inclinar o fiel da balança para o acirramento dessa situação. Subsídios e créditos do tesouro para auxiliar grandes corporações e bancos são entre outras, formas legais de violência que, como vemos cotidianamente, ampliam outras modalidades de violência, amiúde ilegais. A mídia, frequentemente associada aos interesses hegemônicos, mostra isoladamente os fatos emergentes de um processo mais complexo e invisível. Não se revelam os mecanismos produtores de violência, mas suas manifestações visíveis. A ordem corporativa criadora de desordem para o poder público e para toda a sociedade, é dissimulada. (SILVEIRA, 2005, p. 160).

Assim, a violência estrutural gera uma série de outras violências e o que a mídia mostra é apenas a “ponta do iceberg”, os fatos isolados de uma infraestrutura organizacional dos agentes hegemônicos que se preocupam apenas com as transações mais rentáveis. Por sua vez, os serviços básicos são subordinados aos interesses corporativos com o aval do Estado, haja vista que ele deixa de atender a demanda emergencial da população para investir em atividades lucrativas. (SILVEIRA, 2009, p. 136). Ou seja, “criada a escassez, desenvolve-se um mercado para uns e uma “pobreza estrutural globalizada” para outros, como bem observa Santos (2000, p. 72).

Partindo da compreensão que a escassez criada pela violência estrutural desencadeia outras formas de violências que afetam a maioria da população carente, e que necessita dos serviços públicos de educação, saúde, transporte e outros, procurou-se identificar junto aos alunos, quais são as principais dificuldades que eles enfrentam ao se deslocarem a noite das suas casas para a escola, considerando os frequentes índices de assaltos, roubos e homicídios são crescentes no município. O gráfico 08 revela que o horário que esses alunos estudam torna a frequência às aulas e a permanência na escola, mais difíceis.

**Gráfico 08 –Horário mais perigoso para transitar pelas ruas do bairro**



Fonte: Pesquisa direta.  
Organização: OLIVEIRA, M. G., 2018.

O resultado mostrado no aludido gráfico, chama a atenção para o elevado número de alunos (104 dos 200 questionários) que consideram todas as horas como perigosas para andar pelas ruas do bairro. Contudo, a situação é ainda mais preocupante quando somados os 72 alunos que estudam a noite e indicaram que é nesse horário que a maioria dos crimes acontecem nos bairros que residem. Ou seja, 88% dos alunos que responderam aos questionários enfrentam, diariamente, o risco e o medo de sair de casa para ir a escola e voltar depois das 22 horas.



Portanto, não é por acaso que anualmente as taxas de evasão escolar se elevam. Mas, além do medo, outros fatores a exemplo das condições econômicas, condicionam o andamento dos estudos desses alunos, muitos deles se vêem obrigados a abandonarem sua formação escolar para trabalhar, em face à necessidade de ajudar a família. A essa realidade, pode-se ainda acrescentar os problemas familiares relacionados a saúde, a gravidez precoce ou filhos pequenos que os pais (ainda jovens) não têm com quem deixar. E mais, a debilidade estrutural das escolas que não estão preparadas para atender os novos perfis de alunos que se matriculam anualmente, e assim contribuem para o fracasso na vida escolar ou a desistência dela.

O grande desafio da escola também está em atrair os jovens para a aprendizagem e permanência durante todo o ano letivo. A taxa de analfabetismo em Pilar no ano de 2010 chegou a 26,21% dos jovens com 18 anos ou mais e a proporção de 25,82%, para os jovens entre 18 e 20 anos que conseguiram concluir o ensino médio, segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil de 2018. Ou seja, quando os alunos atingem a maior idade, é ainda menor a permanência na escola durante todo o ensino médio.

Além da necessidade de trabalhar para contribuir com a renda familiar, esses jovens não dispõem de tempo suficiente para estudar, encontram dificuldade nos conteúdos trabalhados em sala de aula e com frequência, não contam com o incentivo da família para permanecer na escola e concluir os estudos. Em muitos casos são os únicos membros da família a cursar o ensino médio, e para eles isso não tem nenhum significado prático na realidade em que estão inseridos. Pois, ao final do ensino médio, a grande maioria não vai avançar para os cursos profissionalizantes de nível superior, uma vez que esse objetivo não faz parte da perspectiva de vida deles, ou mesmo daqueles com quem convivem. Ou seja,

Cursar o ensino médio é algo tão natural quanto comer, tomar banho etc. E, muitas vezes, sua motivação está bastante associada à possibilidade de recompensa (seja por parte dos pais ou pelo ingresso na universidade). A questão está naquele grupo social para o qual o ensino médio não faz parte nem de seu capital cultural nem de sua experiência familiar e, por isso, o jovem desse grupo, geralmente não é cobrado para continuar estudando. É aí que está o desafio de criar a motivação pela escola. (KRAWCZYK, 2009, p. 9).

Este é um dos principais desafios da escola, sobretudo com as turmas do turno noturno. Portanto, há a premência de políticas públicas que visem romper com o ciclo de pobreza que muitos desses alunos tendem a reproduzir ao optarem pela desistência escolar e desenvolverem quaisquer atividades informais que aos poucos lhes degradam e roubam as possibilidades de ascender profissionalmente e intelectualmente. Enquanto isso não acontecer, a educação estará em segundo plano e as atividades prioritárias são aquelas que assegurem à simples sobrevivência.

Desse modo, a evasão escolar não é um problema restrito à instituição de ensino, ela é um problema social. Quando o jovem abandona a escola para se ocupar em uma atividade que lhe renda algum dinheiro, reproduz o ciclo da pobreza que foi produzida pela divisão do trabalho com sua exigência de mão-de-obra qualificada que acaba impedindo o direito ao emprego àqueles que para sobreviver, precisaram abandonar a escola e outras oportunidades que através dela alcançariam.

### 3.3 Um mapa para a violência em Pilar

A violência é um fenômeno que impacta significativamente a saúde da população. Ela tem superado em número de vítimas fatais, outras doenças, desde a década de 1960, o quadro de mortalidade geral no Brasil, revelou a transição das doenças infecto-contagiosas para a violência como fenômeno relevante, acompanhando o processo de urbanização, segundo Minayo (1998, p. 521). Assegura, ainda, a referida autora, que o ponto de inflexão só vem anos mais tarde. Pois,

A década de 1980 apresentou crescimento de 29% na proporção de mortes violentas, passando estas a constituir a segunda causa no obituário geral, abaixo, apenas, das doenças cardiovasculares. Os acidentes de trânsito e os homicídios respondem por mais da metade das mortes por violência, sendo baixa a incidência de outros eventos (suicídios e outros acidentes) que compõem, com os dois primeiros, a categoria Causas Externas segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID). (MINAYO, 1998, p. 521).

O número de mortes por Causas Externas em Pilar, revela uma taxa ainda maior que a provocada por causas mais específicas, como homicídios por arma branca ou arma de fogo, por exemplo. No período investigado, foi possível coletar informações do Ministério da Saúde por meio da Secretaria Municipal de Saúde e com esses dados, foi elaborado um gráfico referente às mortes classificadas pelo CID-10, no período de 2010 a 2014. Nele, pode-se visualizar a pequena variação na mortalidade da população que ao todo, somou 609 vítimas das violências que têm ceifado a vida dos jovens por motivos torpes. No gráfico 09, estão os números referentes às mortes por Causas Externas registradas no mesmo período.

**Gráfico 09 –Mortes por Causas Externas. Pilar 2010-2014**



Fonte: MS/Sec. Municipal de Saúde/SIH/SUS.  
 Organização: OLIVEIRA, M. G., 2018

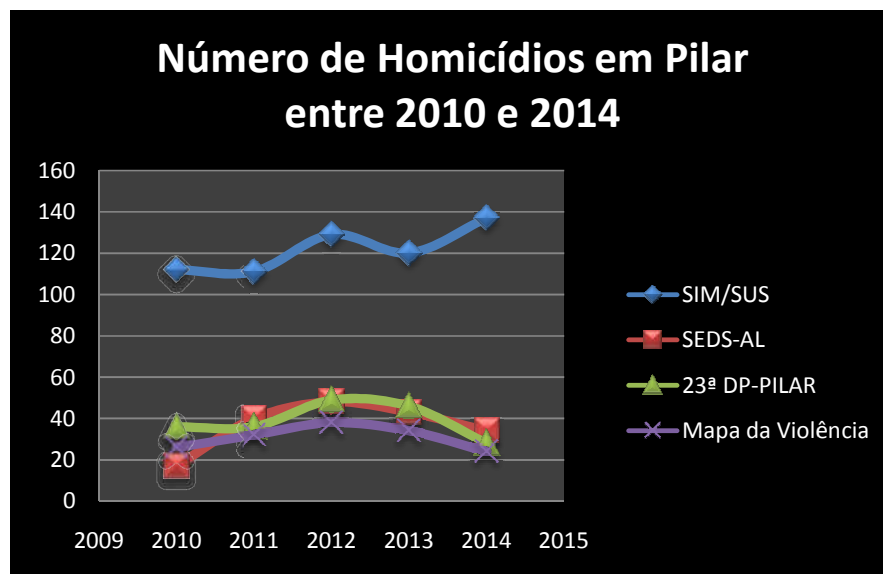
A sociedade é vitimada com a banalização da vida. Mata-se por qualquer motivo. E motivos banais. Uns centavos de troco, a dívida barata, o barulho que incomoda, a palavra impensada que ofende, a ofensa imperdoável, a imperícia no trânsito, a distração, a traição e o engano, são exemplos de motivos de mortes que em nenhuma hipótese justifica a violência e o poder que o homem exerce para acabar com a vida do outro. Essas situações conflituosas da vida urbana geram um modo peculiar de exercício da cidadania, consistindo em isolamento e na autoproteção em “espaços supervigiados” (CANCLINI, 2003, p. 163). A vida urbana perde diariamente a sociabilidade e a solidariedade.

Ao longo da pesquisa, constatou-se que os números de mortos variam conforme a fonte da informação. Enquanto o Ministério da Saúde registrou 609 mortes por Causas Externas (homicídios, suicídio, acidente de trânsito e outros acidentes), a Secretaria de Segurança Pública do Estado de Alagoas obteve apenas 182 registros de mortes por homicídios em Pilar e as outras 427 mortes teriam sido registradas com quaisquer outros motivos. Além disso, esses dados também não correspondem com os informados pela 23ª Delegacia de Polícia Civil do município que registrou 195 homicídios com 204 mortes neste período.

A divergência nas informações é justificável em função de um conjunto de motivos que compõem o parágrafo XIX do capítulo CID – 10 que agrupa as lesões envolvendo alguma outra consequência de causas externas, oferecendo, desse modo, ampla forma para os registros das mortes. Por outro lado, observa-se o descompasso entre estado e município que apresentam números diferentes para a mesma causa das mortes. Verifica-se ainda que, o estado se exime da responsabilidade dos números reais dos homicídios nos municípios afirmando que, nesse período, não havia o interesse de se registrar essas informações. Por sua

vez, o município, através da 23ª DP, registra as ocorrências conforme as informações que são prestadas no ato do flagrante, nas denúncias e nos boletins de ocorrências para instaurar o inquérito e seguir com as investigações. O gráfico 10, ilustra a divergência entre as diferentes fontes de informação.

**Gráfico 10 – Divergência no número de mortes. Pilar 2010-2014**



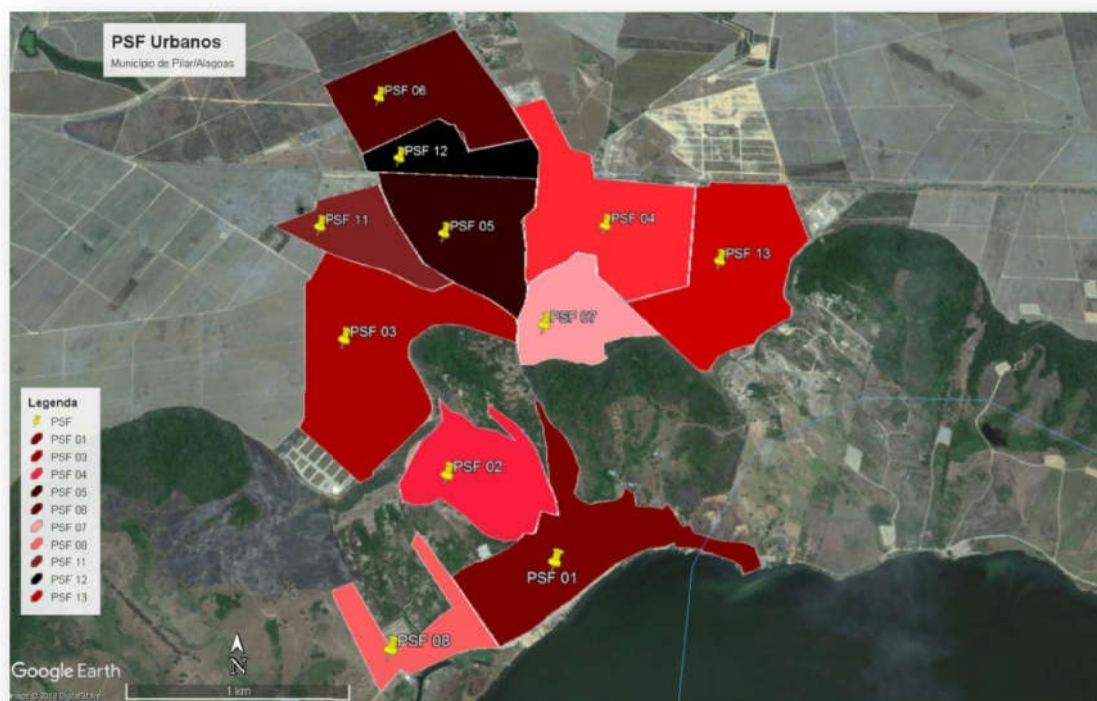
**Fonte:** MS/Sec. Municipal de Saúde/SIH/SUS/SEDS/23ªDP/Waiselfisz (2015, 2016).  
**Organização:** OLIVEIRA, M. G., 2018.

Levando em consideração apenas as mortes provocadas pela violência homicida que é a tipologia, dentre as outras causas externas, que elegeu Pilar como o município mais violento do estado por três vezes, compreende-se que para esta pesquisa, os dados obtidos na 23ª DP de Pilar são suficientes para o seu desenvolvimento. Assim, os dados dos relatórios policiais foram analisados e organizados em forma de mapa identificando as territorialidades onde as ocorrências de homicídios foram mais frequentes neste período.

Vale ressaltar que o município não dispõe de mapa com a divisão por bairros, e por esse motivo foi utilizada a divisão das regiões de atendimento das equipes

multiprofissionais dos Postos de Saúde da Família (PSF), disponibilizada pela secretaria de saúde do município, conforme a figura 17.

**Figura: 17** -Localização das regiões de atendimento dos PSFs da cidade de Pilar



**Fonte:** Google Earth/Secretaria Municipal de Saúde  
**Organização:** OLIVEIRA, M. G., 2018.

Com base na distribuição dos PSFs e na localização dos homicídios registrados no município de Pilar, foram tabulados os dados, resultando na elaboração do quadro 04. Através dele, é possível perceber que existem regiões da cidade que são mais vulneráveis que outras, confirmando, assim, o que os alunos afirmaram durante a aplicação dos questionários. As populações residentes nas áreas de atendimento dos PSFs 01, 05, 06, 08, 11, 12 e 13, são as que mais sofreram no período de janeiro de 2010 a dezembro de 2014 com as ocorrências da violência

homicida. Atualmente essas regiões permanecem apresentando as maiores taxas de homicídios da cidade conforme mostra o quadro 04.

**Quadro 04** – Número de homicídios registrados nas áreas de atendimento dos PSFs

PSF	QUANTIDADE DE HOMICÍDIOS REGISTRADOS PRÓXIMOS AOS PSFs ENTRE 2010 E 2014
PSF 01 – JÚLIO CANSAÇÃO I	17
PSF 02 – JÚLIO CANSAÇÃO II	9
PSF 03 – CHÃ DO PILAR	13
PSF 04 – LOT. MANGUABA	10
PSF 05 - CAIC II	26
PSF 06 – FORNO II	19
PSF 07 – ARISTIDES BELARMINO	2
PSF 08 – PERNAMBUCO NOVO	8
PSF 09 – ZONA RURAL (MANGABEIRAS)	<b>23 HOMICÍDIOS NA ZONA RURAL</b>
PSF 10 – ZONA RURAL (TANGIL)	
PSF 11 – CAIC I	14
PSF 12 – HORÁCIO EUZÉBIO (FORNO I)	43
PSF 13 – LOT. MANGUABA II	11

**Fonte:** Secretaria Municipal de Saúde/23ª DP-Pilar

**Organização:** OLIVEIRA, M. G., 2018.

Este quadro revela que as comunidades atendidas pelos PSFs05, 06 e 12, são as mais acometidas pelas ações criminosas. Nestes territórios foram ceifadas 88 vidas. Ou seja, 43,1% dos homicídios registrados entre 2010 e 2014 ocorreram nas proximidades da Rua do Forno. Essa taxa poderia ser ainda mais alta se levado em consideração as ruas próximas as áreas de atendimento de um PSF e outro.

A região da Rua do Forno é território marcado pelas atividades ilegais do tráfico de drogas. Segundo informações da polícia, as facções existentes em Pilar são as denominadas por Comando Vermelho (CV), Amigos dos Amigos e Primeiro Comando da Capital (PCC). Com as ações ostensivas da polícia na comunidade do Forno nos últimos meses, o comércio ilegal que chega a dar o lucro de R\$ 5.000 por semana aos traficantes, vem reduzindo. As brigas entre as facções pelo domínio de território, também resulta na perda de vendas e conseqüentemente na baixa lucratividade. Em tempos de conflitos o lucro cai e fica em média de R\$2.000 por semana, mas ainda assim, é uma renda muito acima da média local. A rotatividade das facções nesses territórios resulta da perda de poder e de renda do tráfico e resulta nas barbáries entre os membros da mesma facção pelo mau desempenho na realização da função dentro da organização criminosa. Com isso, a território do Forno foi dominado pelo PCC até o início do mês de fevereiro deste ano de 2018, e atualmente é dominado pelo CV. A figura 18 foi registrada na Comunidade do Forno durante uma visita de reconhecimento do local.

**Figura 18** -Rua do Forno (comunidade atendida pelo PSF 12 – Forno I)



**Fonte:** OLIVEIRA, M. G., 2018.



A sensação de medo decorrente das altas taxas de homicídios, também atormenta a comunidade atendida pelo PSF 05 denominada de CAIC II. Essa comunidade é constantemente vitimizada pelos ataques que os criminosos realizam na área. No período de janeiro de 2010 a dezembro de 2014 ocorreram 6 homicídios entre as avenidas Nossa Senhora da Graça e Senhor do Bonfim, 4 na Praça Nossa Senhora da Graça (central de Chã do Pilar), 2 na Rua Padre Cícero, 5 na Rua da Paz, e 4 na Rua São José. Esta última rua foi indicada 14 vezes pelos alunos, que afirmaram se tratar de uma territorialidade do tráfico de drogas. Durante a aplicação dos questionários, dois alunos residentes na Rua São José, afirmaram que *lá os bandidos dão as ordens para os moradores desocuparem as suas casas quando eles querem criar novos pontos de venda e consumo de drogas*. É dominada pelo PCC com focos dos Amigos dos Amigos, espalhados no entorno. Nas figuras 19 e 20 pode-se visualizar a Rua São José à esquerda e a Rua da Paz à direita, ambas registradas a partir da Avenida Nossa Senhora da Graça.

**Figura 19**– Rua São José



Rua São José, localizada em Chã do Pilar. Territorialidade do medo e da violência que foi indicada por 14 alunos que participaram da pesquisa.

**Figura 20**– Rua da Paz



Rua da Paz também localizada em Chã do Pilar, uma rua que possui condições precárias de saneamento com esgotos correndo pela rua.

As atividades criminosas também foram registradas nas regiões de atendimento dos PSFs02 e 07. O PSF 07 atende a uma área conhecida como Macedônia, onde houve um tempo em que os alunos temiam em sair de casa ou transitar pelas ruas da comunidade após as 20 horas. Segundo eles, atualmente a situação está mais tranquila e quase não tem esse tipo de ocorrência. Por outro lado, a população do Padre Cícero (PSF 02) sofre com o tráfico de drogas e constitui uma territorialidade do CV, embora a polícia realize constantemente ações de combate e repressão ao tráfico no local, as vielas existentes na comunidade dificultam a ação da polícia. Durante o desenvolvimento da sequência didática, alguns alunos relataram a dificuldade de estudar a noite e ter que chegar em casa depois das 22 horas. *Eu sinto medo de sair de casa por quê para chegar à rua da frente, preciso passar por um beco que tem muitos “caras” armados, vendendo e usando drogas*, declarou um aluno que para ir à escola passa pela praça central da comunidade, mostrada na figura 21.

**Figura 21** -Praça central da comunidade do Padre Cícero



**Fonte:** OLIVEIRA, M. G., 2018.

O medo da violência também é sentido na parte baixa da cidade. O número de homicídios registrados nas regiões atendidas pelos PSFs01 e 08 revela que essa tipologia de crime também atormenta a vida da população residente no centro histórico de Pilar. Somando as ocorrências registradas no entorno dos dois PSFs da parte baixa da cidade, chega-se a conclusão que a população sofreu 25 vezes com crimes fatais durante o período de realização desta pesquisa. Esse número é inferior ao de Chã do Pilar, porém, a divulgação dessas ocorrências pelas diferentes mídias, alcança todo o estado. A figura 22 mostra a manchete de uma reportagem sobre a onda de assassinatos que foram registrados no município em 2013.

**Figura 22** - Manchete sobre a violência em Pilar



**Fonte:** Arquivo da Gazeta de Alagoas/Gazeta Web.

Na parte baixa da cidade está localizado o conjunto Jorge Barros, conhecido pela população como Morro do Macaco, e considerado como um território do medo e da violência. Segundo informações da polícia, o CV domina o tráfico de drogas no conjunto. Possui um histórico dos homicídios resultantes de conflitos entre

traficantes, e entre estes e outros membros da comunidade ou com a polícia. Um dos homicídios cujo inquérito foi citado no capítulo dois desta dissertação ocorreu Avenida Edite da Conceição Carvalho que faz parte desse conjunto, mostrado na figura 23.

**Figura 23** -Avenida Edite da Conceição Carvalho



**Fonte:** OLIVEIRA, M. G., 2018.

A região de atendimento do PSF 01 abrange o Bairro dos Pescadores conhecido como Engenho Velho, o centro histórico e a orla lagunar de Pilar. Os homicídios registrados nessa área tiveram como motivação as dívidas decorrentes do comércio de drogas com traficantes, conflitos entre vizinhos e discussões. Conforme informação da Polícia Civil, no Engenho Velho existe um foco de vendas e consumo de drogas, porém, os alunos que residem na principal avenida do bairro (Avenida Nicolau Mota), afirmam que a comunidade é tranquila em relação aos homicídios e assaltos. “A única coisa que incomoda é o barulho do som dos paredões nos finais de semana”, afirmou uma aluna residente no bairro.

Perante esse cenário, compreende-se que mais de 80% dos homicídios registrados em Pilar tiveram como motivação as relações organizadas pelo tráfico de drogas. Seja por brigas entre facções pelo domínio do território, seja pela traição dos membros do grupo, pelo desencorajamento individual, por dívida, afastamento e desistência das atividades do grupo criminoso. Ou ainda, por demonstração de poder para a comunidade, entre outros motivos que colocam a população na linha de fogo e por conviver no mesmo território, onde diariamente, corre o risco de ser violentada. Portanto, a vida nessas comunidades é uma realidade muito difícil, comportando um cotidiano violento, marcado pelas balas dos confrontos entre criminosos e destes com a polícia. A comunidade vive sob o sentimento de medo e opressão frequente. (FERNANDES, 2009, 100).

### **3.4 Reflexos da violência no cotidiano da população pilarense**

O desemprego e a pobreza têm sido apontados como principais vetores do envolvimento dos jovens de classe baixa com a criminalidade violenta do tráfico de drogas. Todavia, estas são apenas duas variáveis que provocariam tal envolvimento. Cabe salientar que pessoas de diversas classes sociais desenvolvem funções nas organizações criminosas, pessoas públicas, empresários, empregados e desempregados, ricos e pobres, cada um ocupando uma posição hierárquica para proteger o comércio ilegal que gera lucros vultosos. O jovem traficante, nascido em família bem-sucedida, que passa drogas para os companheiros do seu círculo de amizades é um caso fora do padrão que foi estereotipado pela sociedade que caracteriza o bandido como um indivíduo pobre, marginalizado e excluído. Assim, forjou-se um caráter criminoso para os jovens em situação de risco, por residirem em áreas violentas. Ou seja,

A idéia centrada em torno do “jovem traficante” vem produzindo um conjunto de reações na sociedade respaldada pela mídia e pelo Estado, que empreende uma “guerra” contra o tráfico, sendo este identificado como o principal responsável pela ameaça à ordem social e a segurança na cidade [...] Pode-se dizer que o medo decorrente do tráfico assume um lugar – no imaginário e na percepção cotidiana –, muito maior e mais dramática. (FERNANDES, 2009, p. 111).

Com frequência, o crescimento do tráfico se dá com o uso da violência. Os traficantes tomam para si e dominam as áreas das comunidades que aí residem, que passam a constituir territorialidades dominadas por facções criminosas. Assim, a população passa a viver sob a imposição e o poder de persuasão que os criminosos impõem. Conseqüentemente, a arquitetura das residências muda as feições. São implantados equipamentos de segurança como portões, grades e garras nos muros na tentativa de reduzir o medo da violência que passa a existir na comunidade.

Criam-se barreiras físicas e simbólicas na cidade, materializadas pela reação aos efeitos da violência que amedronta e a faz a população aderir novos hábitos de vida, migrando para os novos estivos de moradia que são justificáveis pela autoproteção pessoal. Entretanto, estas medidas legitimariam as desigualdades socioespaciais entre os moradores das áreas mais valorizadas e os moradores das comunidades mais pobres. As figuras 24 e 25 são ilustrativas da orla lagunar de Pilar e do Conjunto Jorge Barros, respectivamente.

**Figura 24** -Equipamentos de segurança nas residências da orla lagunar de Pilar



Fonte: OLIVEIRA, M. G., 2018.

**Figura 25** -Conjunto Jorge Barros



**Fonte:** OLIVEIRA, M. G., 2018.

A orla lagunar e o Conjunto Jorge Barros estão localizados na parte baixa da cidade. No entanto, a orla é mais vigiada pela polícia e pela guarda municipal que realizam rondas constantes, inibindo as atividades do tráfico de drogas no local. Porém no Conjunto Jorge Barros, as rondas policiais acontecem com menor frequência, o que facilita a ação do tráfico nas ruas estreitas e com pouca iluminação onde estão localizadas as casas que servem como ponto de apoio aos traficantes.

Paradoxalmente, a arquitetura do medo da violência é encontrada mais nas residências da orla lagunar do que no Conjunto Jorge Barros, conforme pode-se observar nas figuras 24 e 25. Existem muros altos, cercas elétricas, condomínios com grades e garras nos muros, vigilância noturna e a segurança pública patrimonial que permanece durante todo o dia no local. Por sua vez, no conjunto onde a criminalidade operante do tráfico de drogas é mais frequente, as residências possuem estruturas simples de proteção em conformidade com a renda de cada família.

Portanto, as diferenças são aparentes. Há quem aí resida, pratique exercícios físicos, desenvolva atividades autônomas, preste serviço de segurança pública e também quem perturbe a ordem social. São os diferentes interesses e as diferentes relações sociais, políticas, culturais e econômicas que criam e recriam



constantemente, diferentes territorialidades. São também, os diversos agentes que organizam aí as suas funções, redefinindo-as sempre que necessário.

Pensar no território em Pilar pressupõe pensar as territorialidades violentas impostas pelo tráfico de drogas que influenciam e as vezes definem o cotidiano dos cidadãos que vivem em frequente alerta. Principalmente aqueles que residem nas comunidades que apresentam os maiores índices de violência. Para esses moradores, o perigo está sempre próximo.

Uma moradora do conjunto Rubens Canuto, durante entrevista, afirmou que sempre via os grupos de jovens nas esquinas de algumas ruas do conjunto, mas, nunca havia observado que se tratava de pontos de vendas e usos de drogas. Até que um dia, ao chegar do trabalho desceu distante e foi caminhando até chegar a sua casa. Durante o percurso, passou por um rapaz que estava agachado, fumando um cigarro de maconha e ao lado dele estava uma arma de fogo no chão, *“nesse momento eu perdi o rumo, o chão, o celular e a vida, a única coisa que fiz foi pedir a Deus para me livrar da morte”*, declarou a moradora. No entanto, ela passou pelo rapaz com a cabeça baixa e seguiu até a sua casa sem ninguém atentar contra ela. *“foi só o susto mesmo”*, completou.

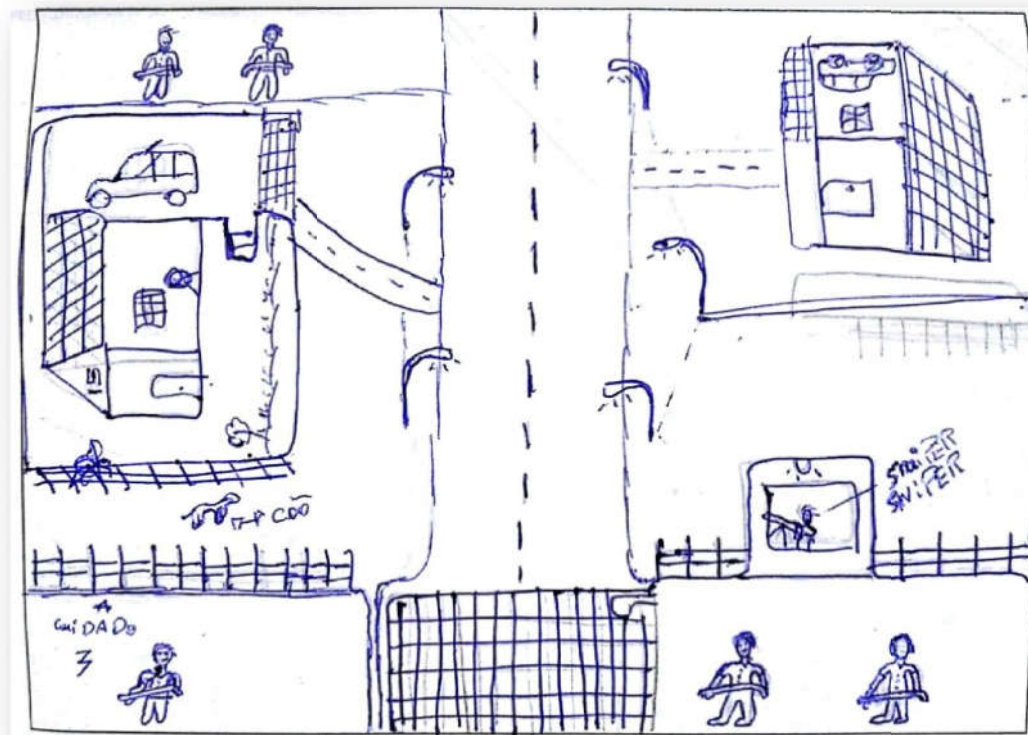
Quando questionados se já haviam sofrido algum tipo de violência na cidade de Pilar, 150 alunos disseram que não, contra 50 que disseram que sim. Quando indagados se conheciam algum vizinho, parente ou amigo que tivesse passado por quaisquer situações de violência no município, 131 alunos responderam sim e 66 afirmaram não conhecer nenhuma vítima da violência na cidade. Dessa forma, percebe-se que o medo da violência em Pilar decorre muito mais das experiências alheias do que das experiências próprias.

É importante ressaltar que a mídia, na sua ânsia de transmitir informações, exhibe, diariamente, notícias que ampliam a sensação de medo da população com os dramas elaborados a partir das interpretações e interesses de cada emissora, de cada veículo midiático. São longas horas destinadas à promoção do medo, da violência e da comercialização dos aparelhos que prometem reduzir as consequências da insuficiência da segurança pública.

Nessa perspectiva, observou-se que 144 alunos, dentre aqueles que responderam o questionário aplicado, afirmaram que a redução da violência só será

possível se houver incremento do policiamento ostensivo e da segurança pública; 24 alunos não souberam responder, 06 compreenderam que a violência diminuirá se acabar com a criminalidade e 18 citaram que a educação é o melhor caminho para o desenvolvimento de projetos para os jovens se afastarem da criminalidade. A figura 26, consiste num desenho desenvolvido por um aluno durante a sequência didática para representar a vida nos condomínios, com vários equipamentos de segurança instalados revelando o medo e a precaução da violência externa aos seus muros.

**Figura 26** - Apreensão da arquitetura do medo da violência na visão de um aluno



Fonte: OLIVEIRA, M. G., 2018.

Compreende-se, dessa forma, que os processos de territorialização da criminalidade violenta se refletem no cotidiano das pessoas, como mostram os 200 alunos que representam uma amostra realizada na presente investigação. São pois, 200 pilarenses que têm uma vida com muitas limitações em face as territorialidades impostas pelo tráfico de drogas e a conseqüente violência que traz consigo. São territorialidades definidas a partir das relações de poder e que representam riscos que podem ser fatais. Ainda que o trabalho investigativo da polícia funcione relativamente bem, e se antecipe às inúmeras ocorrências, percebe-se que o número de homicídios continua a crescer. Daí a preocupação das autoridades da segurança pública, que também acenam à probabilidade de cenários futuros ainda mais violentos com os possíveis confrontos entre facções pelo domínio do tráfico no município.



Buscou-se na presente pesquisa analisar a violência e o medo dela decorrente a partir do município de Pilar com base nos homicídios registrados no interstício compreendido entre 2010 a 2014. Trata-se de uma leitura geográfica, desenvolvida á luz do território, o que permitiu apreender e analisar a dimensão desse fenômeno, suas relações multiescalares e o medo que dele emana.

Foi possível constatar novos estilos de vida que se revelam especialmente na arquitetura – acenando a indícios do que Melgaço (2016) denomina de securização (uma arquitetura do medo da violência). Ou seja, espaços residenciais fechados, protegidos por equipamentos eletrônicos com as residências apresentando os mais

diversos equipamentos instalados nos condomínios fechados para oferecer aos moradores a segurança que não se encontra além dos seus muros.

A bibliografia consultada, a pesquisa documental e a pesquisa de campo permitiram entender o contexto que levou Pilar a ocupar o primeiro lugar no ranking dos municípios com maiores taxas de homicídios em 2011, 2014 e 2015, nos Mapas da Violência do Brasil. Mapas que resultaram dos levantamentos dos homicídios ocorridos e registrados nos municípios brasileiros com mais de 10.000 habitantes no período de 2006 a 2012, mesmo a pesquisa se detendo aos mapas de 2015 e 2016 cujo levantamento se refere ao período de 2010 a 2014.

Os dados obtidos pela Secretaria de Segurança Pública do Estado de Alagoas também revelam números vultosos dos crimes de homicídios ocorridos no mesmo período. No entanto, os relatórios fornecidos pela 23ª DP-Pilar mostraram 13 homicídios a mais que a SEDS, revelando o descompasso entre os dados do município e do estado, demonstrando assim, que possivelmente os dados não recebiam a importância devida neste período.

Uma constatação a ser destacada é a falta de interesse do estado em registrar e tornar público o número de homicídios ocorridos em seu território, o que constitui um grave problema e que requer o envolvimento de diversos setores além da segurança pública, a exemplo das Secretarias de Assistência Social, de Educação e de Saúde, dentre outras.

As mortes por causas externas revelaram um quantitativo de mortes superior a todos os outros registros levantados. Tratam-se das mortes em geral, provocadas por terceiros ou perpetradas pelo próprio indivíduo, no caso de suicídio. As 609 mortes registradas por causas externas tornaram-se ainda mais preocupantes, uma vez que, pelo menos 204 delas foram provocadas por homicídios, sendo 88 nas proximidades da Rua Avelino Cavalcante, no bairro Santa Luzia, conhecido como Rua do Forno. Territorialidade marcada, principalmente, pelas mortes de jovens que se envolveram com o tráfico.

As manchetes levantadas na mídia digital consistem em reportagens com apelos dramáticos, geralmente nas colunas policiais. Foram levantadas 131 reportagens sobre a violência em Pilar que informaram a população conforme os próprios interesses. Da mesma forma ocorre na mídia televisiva que reproduz os

shows de horror diariamente, retratando crimes violentos ocorridos no estado e os colocam em destaque com encenações e dramatizações para assegurar a audiência. Anunciam a violência e anunciam também, os equipamentos para reduzir o medo dela, consistindo, assim, uma indústria que produz a dor e o medicamento para atenuar o sofrimento.

Os inquéritos policiais disponibilizados pela 23ª DP-Pilar, contribuíram para identificar a localização dos homicídios, o perfil das vítimas e as consequentes motivações dos crimes. Dos dez inquéritos analisados, 24 pessoas perderam suas vidas por terem alguma ligação com o tráfico. Dentre os inquéritos, um chamou a atenção pela quantidade de mortes e pelo número de pessoas envolvidas. Todas elas ordenadas por um traficante que em 2013, estava preso na cidade de Limoeiro, no vizinho estado de Pernambuco, e que era chefe do tráfico em Pilar no período. Outras 19 mortes relatadas em um mesmo inquérito tiveram autoria atribuída ao grupo criminoso PCC, como uma prática natural da facção que elimina todos os seus oponentes.

Esse quadro de referência apresentado caminha ao encontro da questão levantada na pesquisa no que diz respeito as moradias em espaços residenciais fechados como uma forma de se precaver da violência. Nesse sentido, o desenvolvimento da sequência didática realizada com aos alunos do turno noturno da Escola Estadual Oliveira e Silva, foi fundamental, além de possibilitar o conhecimento da realidade desses espaços e, por conseguinte, tudo aquilo que é propagado pelos meios de comunicações sobre eles.

A vila Santa Rita localizada em Chã do Pilar foi a que mais chamou a atenção dos alunos ao constatarem os problemas internos que os moradores enfrentam com a antena de uma operadora de telefonia no final da vila, com infiltração e umidade nas paredes. Porém, apesar de todos os problemas identificados nesse espaço foi possível observarmos depoimentos dos moradores e nos 200 questionários aplicados que 58,5% dos alunos acreditam que a vida é mais segura dentro e não fora dos residenciais fechados. Não é, pois, por acaso, que a mídia investe maciçamente em publicidade para reforçar essa lógica e imprimir na população certeza que se tratam de lugares menos sujeitos à violência externa que origina o medo.

De acordo com as respostas obtidas dos 200 questionários aplicados, o medo da violência é um dos principais motivos que fazem os estudantes evitarem de sair sozinhos à noite, embora muitos utilizem o transporte escolar, o horário que chegam em casa após as aulas é destacado como muito perigoso. Portanto, as cenas de violência que acontecem nos bairros mais periféricos da cidade colocam em risco a circulação dos estudantes que residem nestas comunidades, em determinados horários, principalmente à noite. As brigas entre os membros de um mesmo grupo criminoso pela maior participação nos lucros da organização, representam ameaças eminentes de bala perdida que pode atingir qualquer morador do bairro, que convive no mesmo ambiente que os criminosos, mesmo não comungando com suas práticas.

As facções criminosas existentes em Pilar, como PCC, CV e os Amigos dos Amigos, traficam drogas nos bairros de Pilar e de Chã do Pilar. Recebem a droga via Maceió e revendem garantindo lucros de R\$ 5.000 a 6.000. Segundo informações da 23ª DP-Pilar, as vezes falta “mercadoria” (maconha) para os usuários, devido à rapidez das vendas.

Em relação ao serviço de segurança pública, no período de 2010 a 2014, os inquéritos policiais instaurados pela 23ª DP-Pilar tardavam para serem concluídos. Apenas 83 inquéritos dos homicídios registrados no período foram concluídos. No entanto, desde o ano de 2016 que o município possui uma equipe comandada por um delegado que tem agido no serviço de inteligência e tem contribuído para o esclarecimento dos inquéritos instaurados, acima da média estadual. Atualmente, a grande preocupação da equipe é a briga entre as facções em Pilar que tem resultado nas mortes de muitos jovens entre 15 e 29 anos. As autoridades da segurança pública têm trabalhado para combater o tráfico e inibir outras práticas criminosas no município com a ajuda de policiais especializados, a exemplo do Batalhão de Operações Especial – BOPE/PMAL.

A pesquisa identificou que atualmente, o município tem se preocupado com a violência e realizado projetos em prol da população. Foram construídas quadras esportivas, praças, escolas, reformados postos de saúde, pavimentado e drenado algumas ruas da Chã do Pilar. Além disso, tem desenvolvido uma política de incentivo às matrículas de alunos na rede pública municipal e aumentado o número

de alunos em todas as escolas da rede pública municipal. Compreende-se que a falta de projetos afetou muitas crianças que cresceram sem perspectiva e hoje são os jovens e adultos usuários e traficantes de drogas. Pressupõe-se que os atuais programas que estão atendendo as crianças e aos adolescentes pilarenses ofereçam possibilidades de desenvolvimento social e humano, e que propiciem mais oportunidades de tornarem-se cidadãos.





ALAGOAS EM DADOS: **Mapa da região metropolitana de Maceió**. Disponível em: <http://dados.al.gov.br>> Acesso em: 01/02/2018.

AMARAL, L. **O imaginário do medo: violência urbana e segregação espacial na cidade do Rio de Janeiro**. Contemporânea, 14 ed. vol. 8, n1, 2010. p. 34-45.

ARANTES, R. de A. **A cidade do medo: segregação, violência e sociabilidade urbana em Salvador**. Cadernos do CEAS, n. 235, Salvador, 2015.p. 45-73

ARENDT, H. **Sobre a violência**. Trad, André Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994,114 p.

BARBOSA, J. L. A Geografia dos negócios do narcotráfico. In: CARLOS, A. F. A; VOLOCHKO, D; ALVAREZ, I. P. (Orgs). **A cidade como negócio**. São Paulo: Contexto, 2015, 272 p.

BAUMAN, Z. **Confiança e Medo na cidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.

BRASIL. **Atlas da violência 2016**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), Nº 17. Brasília, 2016.

\_\_\_\_\_. **Lei 2.848** Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>> Acesso em: 01/02/2017.

\_\_\_\_\_. **Lei 4.591** Disponível em:<<http://www.planalto.gov.br>>Acesso em: 20/11/2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia (3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental)** Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria Média e Tecnologia, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia (Ensino Médio)** Brasília: MEC/SEF, 2000.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria Média e Tecnologia, **Parâmetros Curriculares Nacionais +: Ciências Humanas (PCN+)**. Brasília: MEC/SEF, 2002.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **CID – 10: Mortes por causas externas**. Disponível em: <<http://sim.saude.gov.br>> Acesso restrito aos usuários do sistema.

CALDEIRA, T. P. do R. **Cidades de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. Tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. Edusp. 1 ed. São Paulo, 2000, 400p.

CANCLINI, N. G. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2003.

CAPEZ, F. **Curso de Direito Penal**, Parte Especial, v. 2, Saraiva, 2007.

CARVALHO, C. P. de. **Formação histórica de Alagoas**. 4 ed. Maceió: EDUFAL, 2016.

CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da violência 2016**. Nota Técnica, n.17. Brasília: IPEA, 2016.

COGGIOLA, O. **O tráfico internacional de drogas e a influência do capitalismo**. Revista ADUSP. São Paulo, n. 7,1996. p. 44-51

CORRÊA, R. L. A vida urbana em Alagoas: a importância dos meios de transporte na sua evolução. **Revista Terra Livre-AGB Geografia, Espaço & Memória**. São Paulo, n. 10. Jan-Jun. 1992. p. 93-116.

COSTA, C. **História das Alagoas: resumo didático**. Editora Proprietária, reimpressão Sergasa. São Paulo, 1983.

CRUZ, L. M. da; SÁ, A. J. de. A conversão das residências em prisões: até que ponto a violência modifica o espaço urbano? **Revista de Geografia**, Recife, v. 23, nº 1, 2006, p. 155-168.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DELEGACIA DE POLÍCIA CIVIL DE PILAR: **relatórios dos homicídios registrados no município no período de 2010 a 2014**. Disponibilizados em 2018.

DIÉGUES JÚNIOR, M. **O bangüê nas Alagoas**: traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional. 3 ed. Maceió: EDUFAL, 2006, 344 p.

DINIZ, M. **Sesmarias e posse de terras**: política fundiária para assegurar a colonização brasileira. *Histórica*, v. 1, nº 2, jun. 2005. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br>. Acesso em: 16/11/2017.

DORNELLES, J. R. W. **O que é crime**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, 83 p.

FEIGUIN, D.; LIMA, R. S. de. **Tempo de violência**: medo e insegurança em São Paulo. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v.9, n.2, abr./jun.1995.p. 73-80.

FERNANDES, F. L. Violência, Medo e estigma: efeitos sócio-espaciais da “atualização” do “mito da marginalidade” no Rio de Janeiro. **Tese de doutorado**, UFRJ. Rio de Janeiro, 2009.

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio**: dicionário da língua portuguesa. 6 ed. Curitiba, 2005.

FERREIRA, R. V. L. **O poder da cultura de violência em Alagoas**. 2 ed. Maceió: EDUFAL, 2014, 239 p.

GAZETA DE ALAGOAS, **Coluna policial**. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas>> Acesso em 04/08/2016.

GLASSNER, B. **Cultura do Medo**. São Paulo: Francis, 2003.

HUNGRIA, N. F. H., **Comentários ao Código Penal**, 5 ed. v. V, Rio de Janeiro: Forense, 1979.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Brasília, 2010.

KRAWCZYK, N. **O ensino Médio no Brasil**. São Paulo: Ação Educativa, 2009.

MELGAÇO, L. de M. **A Geografia do atrito**: Dialética espacial e violência em Campinas-SP. **Dissertação de Mestrado**, USP, 2005.

\_\_\_\_\_. **O outro dos outros sou eu**: risco e alteridade nos atentados em Bruxelas. Disponível em <<http://brasildebate.com.br>> Acesso em: 20/08/2016.

MINAYO, M. C. de S. Violência e Saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. **História, Ciências, Saúde**. Mangueiras, vol. IV (3), Rio de Janeiro. Nov. 1997- fev. 1998. p. 513 – 531.

\_\_\_\_\_. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In: BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005, p. 09-41.

MORAIS, R. **O que é violência urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1981, 113 p.

NASCIMENTO, E. P. Violência urbana: o eixo da conjuntura social brasileira no final do século XX. In: ZAVERUCHA, J; BARROS, M. do R. N. (orgs) **Políticas de Segurança Pública: dimensão da formação e impactos sociais**, PE, FUNDARJ, Massangana ed. 2002.

OCI. Observatório da Comunicação Institucional. **Controle da mídia mundial**. Disponível em: <<http://observatoriodacomunicacao.org.br>> Acesso em: 20/01/2018.

ODÁLIA, N. **O que é violência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 6 ed. 1983, 96 p.

PAIXÃO, A. L. de. **A Violência em cena: comunicação e insegurança pública em Salvador** – BA. V. 11, n. 1, UNIFCS, 2007, 14 p.

PNUD. **Atlas do desenvolvimento**. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br>> Acesso em 20/11/2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PILAR: **Carta Esquemática de Pilar**. 2016.

\_\_\_\_\_. Secretaria Municipal de Saúde. **Região de atendimento dos PSFs**. 2018.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo; Ática, 1980, 270 p.

REGIS, M. **O que é Violência Urbana**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

RODRIGUES, A. M. Geografia e violência. In: **Geografia em perspectiva**. Pontuschka, N. N.; Oliveira, A. U. (orgs.) 3 ed. 1 reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009, p. 77-86.

SÁ, A. J. de. O Brasil e as geografias do medo: sim, a história da barbárie humana se repete!... Recife, **Revista de Geografia**, UFPE-DCG/NAPA, v. 22, nº1, jan/jun, 2005, p.51-66.

SANTOS, M. **Por uma outra Globalização**. Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. O dinheiro e o território. In: SANTOS, M. et al. **Território, territórios – ensaios sobre o ordenamento territorial**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 13 – 21.

\_\_\_\_\_. **O retorno do território.** In: OSAL: Observatório Social de América Latina. Ano 6, nº 16 (Jun. 2005). Buenos Aires: CLACSO, 2005. p.251-261.

\_\_\_\_\_. **O espaço da cidadania e outras reflexões.** 2 ed. Coleção: O Pensamento Político Brasileiro. Fundação Ulysses Guimarães. Brasília, 2013.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. 9 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006,476 p.

SEDS- Secretaria de Segurança Pública de Alagoas: **Quadro quantitativo dos homicídios ocorridos em Pilar no período de 2010 a 2014.**

SIBILIA, P. **O show do eu:** a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVEIRA, M. L. Por que há tantas desigualdades sociais no Brasil? In: ALBUQUERQUE, E. S. de. (Org.). **Que país é esse?** pensando o Brasil contemporâneo. São Paulo: Globo, 2005. p. 141-178.

\_\_\_\_\_. Ao Território usado a palavra: pensando princípios de solidariedade socioespacial. In: (Orgs.) VIANA. A. L. D.; IBAÑEZ, N.; ELIAS, P. E. M. **Saúde, Desenvolvimento e Território.** Editora Hucitec, São Paulo, 2009. p. 127-150.

SOUZA, M. L. de. **Fobópole:** o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In.: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C; CORRÊA, R. L.; **Geografia: conceitos e temas,** 16 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014,352p.

TERUYA, T. K. **Trabalho e educação na era midiática:** um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação. Maringá/PR: EDUEM, 2006.

UNODC, **World Drug Report,** United Nations publication, No. E.16.XI.7, New York, 2016.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da Práxis.** 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.

VERISSIMO, L. F. **Comédias para se ler na escola.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 97-99

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência dos municípios brasileiros.** Organização dos Estados IBERO-Americanos para a educação, a ciência e a cultura (OEI), Brasília, 2007.

\_\_\_\_\_. **Mapa da Violência dos municípios brasileiros:** versão para web. Instituto Sangari, Brasília, 2008.

\_\_\_\_\_. **Mapa da Violência:** Anatomia dos homicídios no Brasil. Instituto Sangari, Brasília, 2010.

\_\_\_\_\_. **Mapa da Violência:** Mortes matadas por armas de fogo. Flacso Brasil, Brasília, 2015.

\_\_\_\_\_. **Mapa da Violência:** homicídios por armas de fogo no Brasil. Flacso Brasil, Brasília, 2016.

ZALUAR, A. Violência e crime. In: Miceli, S. (Org). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Sumaré; ANPOCS, 1999, p. 13-107.

## APÊNDICE – A: Questionário aplicado aos 200 alunos



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE  
PESQUISA PARA A DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM GEOGRAFIA:

TERRITÓRIO USADO, VIOLÊNCIA E MEDO: UMA CONCEPÇÃO GEOGRÁFICA SOBRE OS HOMICÍDIOS OCORRIDOS ENTRE 2010 E 2014 NO MUNICÍPIO DE PILAR-ALAGOAS

QUESTIONÁRIO – ESCOLA ESTADUAL: \_\_\_\_\_ - DATA: \_\_/\_\_/2018

01 Sexo do (a) entrevistado (a): ( ) M ( ) F

02 Idade: \_\_\_\_\_

03 Trabalha:

(A) Sim ( ) formal ( ) informal  
(B) Não

04 Você é pilarense ou reside em Pilar?

(A) Sim (B) Não

Há quanto tempo reside no município?  
\_\_\_\_\_

05 Você mora em qual bairro ou comunidade?  
\_\_\_\_\_

06 Há quanto tempo mora no bairro?

(A) Menos de 1 mês a 2 anos  
(B) 3 a 5 anos  
(C) 6 a 10 anos  
(D) Mais de 10 anos

07 Quantas pessoas residem na sua residência?

(A) 1 a 2 pessoas  
(B) 3 a 5 pessoas  
(C) Mais de 6 pessoas

08 Como você percebe a violência na cidade de Pilar?

(A) A violência vem aumentando  
(B) Permanece do mesmo jeito  
(C) A violência vem diminuindo  
(D) Não sabe responder

09 Você se sente seguro(a) no bairro ou comunidade que mora?

(A) Sim (B) Não

Por quê?  
\_\_\_\_\_

10 Qual tipo de violência que ocorre no bairro ou na comunidade que você mora e que mais preocupa?

11 Qual horário você acha que é o mais violento na sua comunidade ou bairro?  
\_\_\_\_\_

12 Em geral, como você fica sabendo da violência na sua comunidade ou bairro?  
\_\_\_\_\_

13 Existe algum lugar do bairro ou da comunidade que você teme passar por ele?

(A) Sim  
Qual? \_\_\_\_\_  
(B) Não

14 Para manter a sua segurança e a da sua família, a sua residência possui?

(A) Muro alto - ( ) Sim ( ) Não  
(B) Garrafas, vidros nos muros - ( ) Sim ( ) Não  
(C) Grades - ( ) Sim ( ) Não  
(D) Cães de guarda - ( ) Sim ( ) Não  
(E) Cercas - ( ) Sim ( ) Não  
(F) Outros: quais? \_\_\_\_\_

15 O que lhe motivou a usar os itens de segurança citados antes?

(A) Proteção  
(B) Prevenção

16 Já foi vítima de algum ato de violência na cidade de Pilar?

(A) Sim (B) Não

Qual tipo de violência?  
\_\_\_\_\_

17 Seus vizinhos, parentes ou amigos já foram vítimas de alguma violência na cidade de Pilar?

(A) Sim (B) Não

Qual tipo de violência?  
\_\_\_\_\_

18 A polícia militar ou a guarda municipal costuma fazer "rondas" no seu bairro ou comunidade?

(A) Sim (B) Não (C) As vezes

Com qual frequência? \_\_\_\_\_

19 Como você evita a violência:

(A) Não passa por lugares considerados perigosos  
(B) Evita o contato com pessoas estranhas  
(C) Mantém as portas sempre fechadas  
(D) Outros: \_\_\_\_\_

20 O que deve ser feito para reduzir a violência na cidade de Pilar?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

21 Você reside em condomínio?

(A) Sim  
(B) Não

22 Para você, a vida é mais segura dentro dos condomínios ou fora deles?

(A) Dentro dos condomínios  
(B) Fora dos condomínios

Por quê? \_\_\_\_\_

APENDICE – B: **Atividade prática desenvolvida durante a sequência didática**

**ESCOLA ESTADUAL OLIVEIRA E SILVA**

Professora: Mayara Gomes

Aluno (a): \_\_\_\_\_ série: \_\_\_\_\_  
Turma: \_\_\_\_\_

**Atividade referente ao projeto de Geografia**

**Os muros na cidade: território usado, violência e medo**

1. Compare a crônica “Segurança” de Luis Fernando Veríssimo com as imagens dos condomínios fechados de Pilar-Alagoas e destaque as semelhanças entre a ficção do texto e a realidade de Pilar.

---

---

---

---

---

2. Os equipamentos de segurança instalados nas residências revelam a sensação de insegurança e vulnerabilidade. Na crônica, a securização ocorre exageradamente. E, nos condomínios de Pilar, como você percebe esse processo?

---

---

---

---

---

3. Quais equipamentos de segurança são mais comuns nos condomínios residenciais de Pilar?

<input type="checkbox"/> Portão com grades de ferro	<input type="checkbox"/> Câmera de segurança
<input type="checkbox"/> Cadeados	<input type="checkbox"/> Vigilância motorizada
<input type="checkbox"/> Cerca elétrica	<input type="checkbox"/> Porteiro/porteiro eletrônico
<input type="checkbox"/> Muros altos	<input type="checkbox"/> Cão de guarda

4. Produza uma charge sobre a securização dos condomínios revelada na crônica “Segurança” de Luis Fernando Veríssimo.





**ANEXO – A: Crônica utilizada em sala de aula para promover a discussão sobre o estilo de vida nos condomínios residenciais fechados.**

**SEGURANÇA**

*LUIS FERNANDO VERÍSSIMO*

*O ponto de venda mais forte do condomínio era a sua segurança. Havia as mais belas casas, os jardins, os playgrounds, as piscinas, mas havia, acima de tudo, segurança. Toda a área era cercada por um muro alto. Havia um portão principal com muitos guardas que controlavam tudo por um circuito fechado de TV. Só entravam no condomínio os proprietários e visitantes devidamente identificados e crachados.*

*Mas os assaltos começaram assim mesmo. Ladrões pulavam os muros e assaltavam as casas.*

*Os condôminos decidiram colocar torres com guardas ao longo do muro alto. Nos quatro lados. As inspeções tornaram-se mais rigorosas no portão de entrada. Agora não só os visitantes eram obrigados a usar crachá. Os proprietários e seus familiares também. Não passava ninguém pelo portão sem se identificar para a guarda. Nem as babás. Nem os bebês.*

*Mas os assaltos continuaram.*

*Decidiram eletrificar os muros. Houve protestos, mas no fim todos concordaram. O mais importante era a segurança. Quem tocasse no fio de alta tensão em cima do muro morreria eletrocutado. Se não morresse, atrairia para o local um batalhão de guardas com ordens de atirar para matar.*

*Mas os assaltos continuaram.*

*Grades nas janelas de todas as casas. Era o jeito. Mesmo se os ladrões ultrapassassem os altos muros, e o fio de alta tensão, e as patrulhas, e os cachorros, e a segunda cerca, de arame farpado, erguida dentro do perímetro, não conseguiriam entrar nas casas. Todas as janelas foram engradadas.*

*Mas os assaltos continuaram.*

*Foi feito um apelo para que as pessoas saíssem de casa o mínimo possível. Dois assaltantes tinham entrado no condomínio no banco de trás do carro de um proprietário, com um revólver apontado para a sua nuca. Assaltaram a casa, depois saíram no carro roubado, com crachás roubados. Além do controle das entradas, passou a ser feito um rigoroso controle das saídas. Para sair, só com um exame demorado do crachá e com autorização expressa da guarda, que não queria conversa nem aceitava suborno.*

*Mas os assaltos continuaram.*

*Foi reforçada a guarda. Construíram uma terceira cerca. As famílias de mais posses, com mais coisas para serem roubadas, mudaram-se para uma chamada área de segurança máxima. E foi tomada uma medida extrema. Ninguém pode entrar no condomínio. Ninguém. Visitas, só num local predeterminado pela guarda, sob sua severa vigilância e por curtos períodos.*

*E ninguém pode sair.*

*Agora, a segurança é completa. Não tem havido mais assaltos. Ninguém precisa temer pelo seu patrimônio. Os ladrões que passam pela calçada só conseguem espiar através do grande portão de ferro e talvez avistar um ou outro condômino agarrado às grades da sua casa, olhando melancolicamente para a rua.*

*Mas surgiu outro problema.*

*As tentativas de fuga. E há motins constantes de condôminos que tentam de qualquer maneira atingir a liberdade.*

*A guarda tem sido obrigada a agir com energia.*

## ANEXO – B: Reportagem da Gazeta de Alagoas sobre a violência em Pilar.

Você está na edição do dia 10 de Novembro de 2013

ANO ▼ MÊS ▼ DIA ▼ OK

**ACERVO**

# Município vira terra sem lei, onde se mata por nada

Por: BLEINE OLIVEIRA - REPÓRTER

A onda de violência teve continuidade na última sexta-feira (8), quando, por volta das 15h, três pessoas foram assassinadas em plena via pública. Outras duas ficaram feridas. “Nossa cidade foi transformada numa terra sem lei. Nunca vi nada igual”, afirma, estarrecido, o aposentado E.A.P., de 70 anos, que tem um pequeno comércio de miudezas na cidade.

Temerosa, pois por força do trabalho é obrigada a circular por todos os bairros indistintamente, a vendedora K.M.O., 45, reza a Deus pedindo proteção antes de sair de casa, e agradecendo quando volta. “Aqui só Deus pode nos ajudar. Mesmo sem ter nada a ver, você pode morrer ao ser atingido por um tiro que nem sabe de onde vem. Aqui se mata por nada”, relata K. lastimando já ter sido assaltada.

As mortes da jovem M.C.S., de 27 anos, e de sua filha, de apenas três anos, também são usadas para demonstrar a que nível chegou a violência no Pilar. As duas foram barbaramente executadas, com cerca de 30 tiros de pistola, quando estavam dentro de um táxi.

O motorista do carro, M.A.S.B.F., 37, foi atingido com um tiro nas costas. Apesar da imensa quantidade de tiros, duas pessoas que também estavam no carro escaparam sem ferimentos.

O aposentado pilarense diz acreditar que os frequentes homicídios ali estão ligados “ao mundo das drogas”. Ele destaca que as vítimas são, em maioria, jovens “que se matam entre si”, depois de se envolverem com o tráfico.

A dona de casa S. apela pelo fim da violência, na cidade em que vive há 51 anos. Vítima da insegurança, ela prefere não se identificar totalmente, e nem se deixa fotografar. Sua filha, R.S., de 31 anos, foi assassinada no último dia 1º, quando estava na porta de casa, que funcionava como bar, na Rua Pernambuco Novo, atingida por cinco tiros. Outras duas pessoas que estavam com ela foram atingidas, sem risco de morte.

Moradores presenciaram a violência. Mas ninguém testemunha para que a polícia identifique os dois homens que chegaram atirando na direção das vítimas, e fugiram a pé, logo depois do crime.

Dona S. diz que só lhe resta chorar a morte da filha e cuidar dos dois netos, agora órfãos de mãe. Ela não tem esperança na punição dos responsáveis pelo assassinato da filha. “Minha filha era uma pessoa esforçada, corajosa, acreditava na polícia, a quem pedia apoio sempre que acontecia alguma coisa no bar”, disse ela, para quem o assassinato está ligado às queixas que prestou no 23º DP.

A mãe nega que R. tivesse envolvimento com tráfico de drogas ou mesmo que fosse usuária. Mas, segundo agentes policiais, as primeiras investigações sobre seu assassinato apontam para essa linha. “Posso afirmar que 90% das mortes aqui estão ligadas ao tráfico”, afirma o delegado do Pilar, R.B., confirmando que essa é uma das hipóteses investigada no homicídio de R.S. BO.